



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**DISCURSO TRANSGRESSIVO E CORPO POLICIADO: MARQUÊS DE  
SADE, UM ESCRITOR LIBERTINO NAS MALHAS DO PODER  
DISCIPLINAR DA MODERNIDADE FRANCESA**

**MARCO AURÉLIO DANTAS NEPOMUCENO**

**CAMPINA GRANDE-PB  
MARÇO DE 2011**

**MARCO AURELIO DANTAS NEPOMUCENO**

**DISCURSO TRANSGRESSIVO E CORPO POLICIADO: MARQUÊS DE SADE, UM ESCRITOR LIBERTINO NAS MALHAS DO PODER DISCIPLINAR DA MODERNIDADE FRANCESA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em História, Área de Concentração em cultura, Identidade e Poder, em Campina Grande, março de 2011.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Regina Coeli Gomes do Nascimento

**CAMPINA GRANDE-PB  
MARÇO DE 2011**

**MARCO AURELIO DANTAS NEPOMUCENO**

**DISCURSO TRANSGRESSIVO E CORPO POLICIADO: MARQUÊS DE SADE, UM  
ESCRITOR LIBERTINO NAS MALHAS DO PODER DISCIPLINAR DA  
MODERNIDADE FRANCESA**

**Avaliado em: //**

**Conceito: \_\_\_\_\_**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Regina Coeli Gomes do Nascimento - PPGH/UFCG  
Orientadora**

---

**Prof. Dr. Alarcon Agra do Ó - PPGH/UFCG  
Examinador Interno**

---

**Prof. Dr. Rogério Humberto Zeferino do Nascimento  
Ciências Sociais/UFCG  
Examinador Externo**

---

**Prof. Dr. JOSÉ BENJAMIN MONTENEGRO  
HISTÓRIA PPGH/UFCG  
Examinador Suplente**

**CAMPINA GRANDE-PB  
MARÇO DE 2011**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>3</b>
<b>1- SADE – CENAS DE UMA ESCRITA TRANSGRESSORA...19</b>	
1.1. UM PEQUENO ESBOÇO ACERCA DA LIBERTINAGEM.....	19
1.2 SADE UM HOMEM REVOLTADO.....	21
1.3 A RAZÃO COMO ARMA – O LUGAR DE SADE.....	36
1.4 A FILOSOFIA NA ALCOVA – BLASFÊMIAS E LIBERTINAGEM COMO CONTRA PODER.....	40
<b>2- SADE: UM CORPO ESCRITO A FERRO E FOGO.....</b>	<b>54</b>
2.1. VINCENNES.....	54
2.2. A BASTILHA.....	60
2.3. CHARENTON.....	64
<b>3- OS 120 DIAS DE SODOMA: A DISSOLUÇÃO DOS COSTUMES COMO RESISTÊNCIA.....</b>	<b>72</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>89</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>92</b>

## AGRADECIMENTO

Quero primeiramente agradecer àqueles que de certa forma contribuíram para essa pesquisa. Faz-se então importante mencionar o nome de minha orientadora Regina, pela simpatia, paciência e compreensão – apesar de suas famosas ‘notas de rodapé’ terem me valido os primeiros cabelos brancos-. A Alarcón, professor que tive uma identificação considerável pelo seu despojamento, humildade e simpatia. A Rogério, colega de longas datas, tanto da vida acadêmica como alternativa. Agradeço também a Arnaldo e Felipe pelo trabalho na coordenação, e por fim, aos meus mentores intelectuais e espirituais Allan Ginsberg, Jack Kerouac, Braulio Tavares e Bob Dylan, que como poucos souberam viver a intensidade da vida ao lado da sabedoria .

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo elaborar uma análise histórica da conduta marginal- naquilo que se refere ao corpo- juntamente com o discurso transgressivo- este se relacionando ao espírito e as obras do escritor francês Donatien Alphonse Françoir, mais conhecido como Marquês de Sade. A questão se acentua em discutir as instâncias de poder religioso e científico que no final do século XVIII e início do XIX marcaram um lugar de verdade na identidade desse sujeito. Não perderemos também a oportunidade de colocar em evidência a resistência do escritor libertino pela via da escrita, onde mesmo estando sob a tutela do poder, soube fugir dos procedimentos de identificação com uma visão de mundo anticristã.

Palavras chave: **poder, libertino, identidade.**

## INTRODUÇÃO

*Não existe um só desvario no mundo ao qual eu não tenha me atirado, nenhum crime que não tenha cometido e nenhum que meus princípios não desculpem ou justifiquem; sempre senti um tipo de atração pelo mal que resultava sempre em proveito de minha volúpia.*

*Sade*

Donatien Alphonse François, o Marquês de Sade (1740-1814), foi certamente um dos autores da literatura que mais sondou os limites do homem, trazendo à luz aquilo que a cultura sempre tentou ocultar: a violência do erotismo em suas mais variadas formas de transgressão. A tônica de seus principais romances, escritos ao longo de quase trinta anos em onze diferentes prisões, de três regimes distintos (Monarquia, República e Império) é da libertação do indivíduo mediante a dissolução dos costumes, ou seja, a liberdade do corpo erotizado frente aos costumes convencionais. Relegado ao ostracismo, suas obras só foram publicadas depois dos gritos libertários do maio de 1968 na França.

O presente trabalho tem como escopo elaborar uma análise histórica acerca da conduta marginal – naquilo que se refere ao corpo – juntamente com o discurso transgressivo – este relacionado -se ao espírito e as obras – desse sujeito fincado no espaço da modernidade francesa no final do século XVIII e início do século XIX, denominado pelo discurso religioso e científico de “libertino”. Percorreremos a vida desse indivíduo desde sua infância até a maioridade, percebendo as diversas instâncias de poder que codificaram um estigma diferente em sua identidade.

A pesquisa se acentuará com ênfase na sua figura, tendo em vista que o referente autor constitui-se como um elemento chave para compreendermos o nascimento da primeira revolta na escrita, fato este que levará muitos pensadores e analistas literários de épocas posteriores como Albert Camus, Michel Foucault e Simone de Beauvoir a denominá-lo de “o primeiro escritor moderno”.

Sendo portador de uma linguagem secular<sup>1</sup> juntamente com uma prática sexual desviante para os princípios éticos de sua época, tornou-se sujeito-objeto dos

---

<sup>1</sup> Oposto do religioso

dispositivos de poder disciplinar e classificatório, tendo seus discursos e seus desejos limitados. Entendemos limitados, mais nunca exorcizados por completo<sup>2</sup>. É sabido que os poderes sejam de ordem disciplinar ou normalizador, que se encontram imbuídos no arcabouço das instituições, tem como objetivos principais a condução dos sujeitos às normas reguladoras. Mas todo ato de poder acarreta reações, resistências, estratégias ou subversões. Em outras palavras: deslocamento das instâncias de poder. No caso do “filósofo libertino”, ou de qualquer escritor preso no claustro, o imaginário da escrita constitui-se como uma espécie de luta, na medida em que através de uma literatura revoltada, cujo desejo ardente estava presente nas páginas, o indivíduo deixa sua pena transbordar, imaginando de dentro das grades aquilo que lhe negaram na vida coletiva: o desejo anárquico de sua condição humana. Isso é o que chamamos, parafraseando o crítico literário Alfredo Bosi, de *Literatura e Resistência*. Apesar de encontrar-se entre as muralhas do poder (Vincennes, Bastilha, Charenton), o “escritor maldito” expressou como poucos a sua lucidez. Na solidão do cárcere Sade deixou seu pensamento transbordar, não tendo que prestar contas a ninguém. Em seu mundo, ele é o Todo Poderoso, na medida em que cria e destrói através de sua escrita.

A modernidade, depois da Revolução Francesa, nos legou uma gama de projetos e promessas que foram acentuados como um bem estar geral. Nesse contexto, observamos a secularização do mundo, que já tinha sido retomada timidamente na Renascença, a abolição dos privilégios feudais no Antigo Regime, seguido do ideário libertário do iluminismo, a autonomia e a divulgação dos saberes modernos como catalisadores da geração da vida. Não temos a inocência de encarar esses procedimentos com negatividade apenas. Mas, na medida em que estas bandeiras foram levantadas, pagou-se um grande preço, principalmente no que se refere aos sujeitos que resistiram a esses dispositivos de saber e poder, como Sade. A modernidade é entendida com ambivalência, como contradição, encarada como fenômeno que oferece o mel sem deixar de conceber também o fel. Uma das problemáticas contidas nas páginas que seguirão se acentuará em observar tais contradições. Dentro desse projeto moderno, cujo iluminismo se apresenta como movimento emancipador, tentaremos apreender algo além dos ditames de igualdade, liberdade e fraternidade. Uma das propostas se acentuará em

---

<sup>2</sup> Ver *A Imaginação no Poder* de Eliane Robert Moraes. Nesse pequeno ensaio a crítica literária mostra a resistência de Sade ao poder através do imaginário de sua escrita.

analisar por trás do discurso médico e pedagógico, advindo das Luzes, o encarceramento dos corpos e dos espíritos numa lógica repressiva do saber e do poder. Salientaremos como as práticas disciplinares que substituíram o suplício no Antigo Regime, agiram de forma mais sutil nas identidades transgressoras, sendo Sade uma das vítimas desse processo. Como, numa época considerada “libertária”, que enunciava que *a liberdade só seria alcançada quando o último rei fosse enforcado nas tripas do último padre*<sup>3</sup> tentou silenciar o “espírito mais livre que se tinha notícia em determinada época”<sup>4</sup> Assim sendo, surgiu de forma intensa, toda uma arte da governamentalidade no século XVIII, onde o dispositivo família associou-se a outros dispositivos como o Estado e a igreja, no sentido de conjurar os perigos que supostamente fariam ruir a ordem social, perigo este simbolizado no discurso do desejo enunciado pelo sujeito libertino.

A partir dessa época, desenvolveu-se na Europa uma gama de saberes aliados à medicina, cujo desfecho se resumiria em conduzir os indivíduos às normas de regularização, de controle e de gestão. Na França moderna, iniciou-se uma vontade de saber, cujo intuito estava também no policiamento das transgressões ligadas ao sexo, pois o portador dessa anarquia moral, o sujeito do desejo, representava uma ameaça ao projeto burguês monogâmico e a todo o arcabouço moral da sociedade. A sexualidade, assim como suas demais manifestações rebeldes, se encontrará no final do século XVIII na França (época da existência de Sade) na mira do discurso público, no qual se institui toda uma necessidade de discorrer sobre ela, de saber suas características mais íntimas, um saber que regula, controla e disciplina.

O Marquês de Sade, portanto, é o sujeito do desejo, uma espécie de indivíduo ímpar e singular que através de seu corpo e sua escrita causou transtornos na memória dos moralistas puritanos agenciadores dos poderes racionais e religiosos. Em Sade, a moralidade é execrada pelo seu pensamento materialista, que o leva a ser concebido enquanto ser untado à natureza, pensamento este que emergiu na modernidade e ganhou impulso no século posterior, especificamente no século das Luzes com o movimento iluminista.

Temos o iluminismo como o grande marco do pensamento dessacralizador, do grande empreendimento que destronou a divindade do seu sono dogmático e

---

<sup>3</sup> Diderot *A Religiosa*.

<sup>4</sup> Termo usado pelo poeta surrealista Guillaume Apollinaire no começo do século XX.

colocou em seu lugar o mundo da razão. Este é o lugar social de Sade, apesar de seu pensamento tentar evadir-se das teorias abstratas de seus contemporâneos. Ele se apresenta como um filho bastardo das Luzes, que alicerçado nas filosofias de Voltaire, Diderot, Holbach e La Matrie, construiu seu próprio mundo, um mundo onde as sombras do sagrado jamais devem permear, pois elas se apresentavam como um empecilho aos seus desejos mais ardentes. Isto também se torna motivo para uma problemática, pois na medida em que o poder espiritual intervém em nossa consciência, buscando extrair dela uma determinada verdade, somos obrigados a nos policiar e conseqüentemente nos constituir enquanto sujeitos. Em Sade, ao contrário, encontraremos uma resistência a tais cerceamentos, pois a sua postura identitária se assemelha muito ao personagem dostoievskiano Ivan Karamazov que enuncia a seguinte frase: “Se Deus não existe tudo é permitido” (DOSTOIÉVSKI, 2003, p.574).

Assim, livrando-se dos freios da lei, tendo abolido os códigos da religiosidade, desconhecendo a culpa ou qualquer idéia de pecado, não admitindo nem Deus nem o Diabo, não há nenhuma atrocidade que o “libertino” não se entregue. Desse modo, sem a noção de divindade – esta sendo referente a um código – a porta para a liberdade estaria aberta, na qual figurariam as mais desarrazoadas transgressões sexuais para a época. Dessa forma, o Marquês de Sade munido de seu pensamento ateu, emprestando de alguns elementos da filosofia de sua época, levará seu erotismo às últimas conseqüências, se chocando conseqüentemente com os ditames morais do final do século XVIII, estes arraigados nos dispositivos disciplinares e normalizadores.

As pesquisas sobre o referente autor a ser trabalhado que chegaram até nós resumem-se a ensaios, textos históricos e biografias. Destacaremos os estudos do professor de Teoria da História da Universidade Estadual de Londrina Gabriel Giannattasio. Este autor tenta elucidar em seu ensaio, cujo título é *Sade Um Anjo Negro da Modernidade*, o pensamento de Sade enquanto elemento simbólico que ia na contramão da modernidade. Em outras palavras, ele aponta Sade como um dos primeiros pensadores a elaborar uma obra crítica dos valores da sociedade francesa do século XVIII, como a racionalidade, o nacionalismo e as formas de controle.

Do mesmo autor, em seu trabalho mais recente, produzido em 2009, destaca-se uma ampla tradução das cartas de Sade na época em que o mesmo estava recluso na prisão de Vincennes, um dos símbolos do poder despótico do

Antigo Regime francês. Através de um vasto acervo remissivo, *Cartas de Vincennes* nos permite discutir a condição do preso frente aos dispositivos de vigilância de sua época, época em que, sob a égide do absolutismo, a perseguição ao escritor marginal se dava de forma constante, no momento em que o mesmo através de um discurso blasfêmico, que também enunciava o desejo, desnudava verdades onde geralmente elas não eram percebidas. No que se refere a questão estética, as cartas do Marquês nos fazem navegar em um universo imaginativo, onde o valor poético da escrita está permeado de idéias cuja fecundidade apresentada fazia-se revelar um pensador diferente, cujo pensamento tendia sempre a escapar dos territórios previamente definidos. Através de suas cartas, Sade revela o paradoxo de sua época, dentro da prisão “Porque, então, nós que somos assim tão indulgentes civilizados e encantadores, nós que vivemos em um século de ouro, somos tão ferozes quanto Tibério<sup>5</sup>?” (SADE, 2009, p.61).

Outra publicação acerca dos estudos sadianos que temos conhecimento, e que dela nos apropriaremos chama-se *Lições de Sade Ensaio Sobre Imaginação Libertina*. Publicada em 2006 pela editora Iluminuras, tendo a autoria da crítica literária Eliane Robert Moraes, essa obra nos dá a possibilidade de uma apreensão mais detalhada dos textos e das idéias virulentas do Marquês de Sade. Os ensaios de Eliane configuram um olhar que privilegia a força imaginativa deste pensador infame. A literatura, voltando uma atenção especial aos detalhes que constituem a arquitetura erótica proposta pelo escritor francês.

Esperamos, contudo, um ampliamiento de outras produções, não apenas destinado ao autor a ser trabalhado aqui, mas de qualquer outra figura considerada infame, cuja historicidade tradicional ocultou e ajudou a constituir uma simbologia monstruosa na memória das pessoas, negando a esses sujeitos seu direito de fala. Assim sendo, ao depararmos-nos com obras antigas ou recentes a respeito de Sade, abri-se um espaço amplo e considerável em nossas análises, no sentido de perceber novos rostos que se criaram, assim como novos embates e tramas que nos conduzirão a perceber essa figura contraditória sob um novo olhar, cujo perspectivismo permite-nos escavar as camadas mais árduas de uma suposta moralidade de cunho ético ou religioso, e enxergar como esses procedimentos

---

<sup>5</sup> Imperador romano que se caracterizou pela crueldade e tirania. S. Maior. *História Geral*, 1972, p.43.

demarcadores do saber-poder colocaram o erotismo e a liberdade humana no terreno da vigilância e da punição.

As produções recentes no campo da historiografia são frutos de um novo olhar metodológico de pesquisa proposto pelos fundadores da Escola dos Annales. O ampliamto do conceito de documento na produção de história foram resultados iniciados por Marc Bloch e Lucien Febvre, expoentes incentivadores da “revolução” nas formas de incentivo a essa disciplina: “ Os autores dos Annales insistem sobre a diversidade de documentos que devem e podem ser utilizados pelos historiadores, e que é portanto seu material arqueológico” ( PAULE, 2003,p.20).

Dessa conjuntura e sob um novo olhar sobre as fontes, elencaremos algumas contribuições sobre o nosso objeto de estudo, juntamente com sua problemática, prezando sempre o cuidado em dialogar com tradições historiográficas e metodológicas diferenciadas, no intuito de não aproximarmos idéias e conceitos que se revelem incompatíveis.

Autores como Michel Foucault, Herbert Marcuse, Eliane Moraes, Alfredo Bosi e Michel de Certeau (além de outros) nos auxiliarão com suas lições e métodos, levando sempre em consideração a peculiaridade de suas temáticas.

A nossa primeira perspectiva teórica aqui assumida fundamenta-se nas idéias de Michel Foucault e em seus estudos da fase denominada arqueológica, na qual elaborou a tese sobre a *História da Loucura da Idade Clássica*. Centrando-se nas ciências que tomam o homem como objeto, o filósofo argumenta que a psiquiatria foi constituída nas práticas institucionais como um dos instrumentos de controle sobre os sujeitos relegados ou considerados perigosos para a sociedade, tal como foi o caso do Marquês de Sade: “Ao final do século XVIII, torna-se evidente que certas formas do pensamento ‘libertino’, como a de Sade, tem algo a ver com o delírio e a loucura” (FOUCAULT, 2002, p.84).

Depois da emergência do cogito cartesiano, instituiu-se segundo Foucault, uma racionalidade que nega o discurso do louco, este se apresentando em despotencialidade a esse segmento moderno que se insurgiu no período clássico. Portanto, depois de Descartes, surge, aliado a seu pensamento, uma modalidade heterogênea de dispositivos de saber-poder representados na pedagogia, na medicina e na biologia, cujo objetivo será a instituição das dicotomias entre normal e patológico no sujeito considerado desarrazoado. Este assim receberá o estigma do erro e a classificação de encontrar-se fora da ordem discursiva, tendo seu destino

relegado aos muros racionais dos hospícios. No referido trabalho, Foucault problematiza a pretensão da verdade de um discurso científico particular e estuda as condições de validade, da possibilidade desse último.

É imprescindível também a abordagem de sua *Historia da Sexualidade I. A Vontade de Saber*, no intuito de teorizar acerca dos motivos que levaram a reclusão de Sade e de outros “libertinos”. Nesse ensaio historiográfico, o historiador - filósofo teve como foco os saberes que colocaram o corpo e a sexualidade como preocupação moral e educacional, juntamente com as tecnologias deles advindas a partir do século XVII, cujos efeitos se fizeram notar no mundo ocidental ao longo dos últimos séculos. Nesse ínterim, o sexo será encarado como questão pública, passível de policiamentos. Ao perverso restava o confinamento ou a exorcização dos demônios ataçadores do desejo incontável. Nesse mundo, Sade encontra-se entre esses sujeitos, cuja conduta e o discurso são passíveis de intervenção. Para Foucault, os interditos atingem o discurso porque revelam cedo, de imediato, o seu vínculo ao desejo e ao poder. E com isso, não há com que admirarmos “uma vez que o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual se luta, é o próprio poder que procuramos assenhormos” (FOUCAULT, 2003, p.02). Sendo assim, o discurso erótico da libertinagem seria interditado, juntamente com seu portador entre os muros de prisões como a Bastilha ou de hospícios como Charenton.

Em *vigiar e Punir*, - texto também a ser explorado - Foucault centra agora sua reflexão nas mudanças ocorridas na França na segunda metade do século XVIII, quando o Estado Moderno orientado pelo iluminismo, abole o espetáculo da pena, o suplício público e a exposição dos corpos dos condenados como forma exemplar de punição dos infratores. Aqui, Foucault orientando-se pelo método genealógico de Nietzsche, busca uma relação intrínseca entre o corpo e a história, ou seja, o corpo enquanto objeto de intervenção e acontecimento.<sup>6</sup> Ele propõe, portanto, concentrar sua atenção nesse corpo esquecido na história e que, no entanto é sua base: “o corpo, superfície de inscrição dos acontecimentos, ao passo que a linguagem os fixa e as idéias o dissolvem” (DOSSE, 2007, p.310).

Assim, Foucault consegue elaborar uma análise acerca da economia do corpo, seguindo de perto as diversas formas e sujeição e desvendar seus modos de

---

<sup>6</sup> Segundo Foucault, a prisão tinha que ser “a maquinaria mais potente para impor uma nova forma ao indivíduo perverso”. *Vigiar e Punir*, Editora Vozes, 2005.

visibilidade. É através desse viés que tentaremos analisar os discursos pedagógicos, científicos e religiosos da época clássica contidos nas biografias desse autor infame que o codificaram como um indivíduo “perigoso” e “libertino”, investigando assim, relações entre o poder, o saber e o corpo do infrator “devasso” na sociedade moderna francesa. Através de uma proliferação discursiva disseminada no período clássico por moralistas e religiosos, e perpassando até a modernidade em médicos como Pinel, assumiremos a proposta de desconstruir a trama dessa vontade de saber que se apoiou num suporte institucional como (os saberes médicos e espirituais) que tendia sempre a exercer sobre os outros discursos - como os de Sade - uma espécie de pressão e de coerção. Tal análise será discutida com mais preponderância no segundo capítulo intitulado *Sade: Um corpo escrito a ferro e fogo nos muros da prisão*.

Dando continuidade, percebemos que algumas temáticas contidas na Escola de Frankfurt também nos auxiliaram no encaminhamento de tal pesquisa, especificamente nas contribuições deixadas pelo filósofo alemão Herbert Marcuse. Ao produzir uma de suas principais obras intitulada *Eros e Civilização*, na qual esboça uma interpretação filosófica do pensamento de Freud, Marcuse enfatiza uma preocupação a respeito do conceito burguês de amor. Sob a ordem capitalista, com o advento da Revolução industrial, o amor sexual era despojado de sua graça e espontaneidade. O amor tornou-se uma questão de hábito, cuidadosamente circunscrito por uma ideologia da fidelidade monogâmica. A sua única função, além da perpetuação da espécie era de ordem higiênica: manter a saúde mental necessária ao funcionamento da sociedade, isto porque as classes dominantes estavam sabedoras do poder revolucionário da sexualidade, tanto que instituíram uma ética sexual puritana e maniqueísta. A libertinagem, nesse sentido, ia na contracorrente desse ideal ascético: “As perversões (...) expressam a rebelião contra a subjugação da sexualidade à ordem da procriação e contra as instituições que garantem essa ordem” (MARCUSE, 1971, p.62). No século XVIII a figura do desviante considerado enquanto “pervertido”, minava com os projetos do casamento calcado nos valores religiosos e monogâmicos. Destarte, o desvio sexual, contido na identidade de Sade e de outros “pervertidos” representaria, sobretudo um protesto

contra a tirania genital, levando em seguida a sociedade a policiar e a punir suas condutas.<sup>7</sup>

No final do século XVIII na França, romper as leis conjugais ou procurar “prazeres aberrantes”, assemelhando-se aos “pecados”, era motivo de punições. Sem dúvida a contra - natureza era marcada por uma abominação particular.

A oposição de Sade ao processo civilizacional existe por sua experiência pessoal: seu desejo infinito de transgredir tanto através do corpo, como enunciado em sua escrita, encontra barreiras intransponíveis nas regras normativas da civilização, pois, civilização exige leis, regulamentos, supervisão, muros e grades, que impede o seu individualismo de afirmar-se ao nível extremo que deseja. Nesse sentido, o pensamento crítico de Marcuse surgiu como um importante veículo ao que se refere a iluminação dessa pesquisa.

Muito se falou até agora a respeito dos efeitos do poder e das estruturas sociais enquanto agentes normativos e repressivos que visam apenas conduzir os indivíduos aos mais variados cerceamentos. O poder não deve ser apenas entendido enquanto efeito de reclusão, cessão ou censura; em outras palavras, como um elemento destinado exclusivamente à castração. Encarar o poder nessa perspectiva é negligenciar suas mais variadas e heterogêneas formas de combate. As diversas formas de resistência também se constituem como modalidades de poder, pelo fato das relações de poder encontrarem-se disseminadas de forma considerável nas relações humanas. Assim, o poder é um mecanismo integrado no cotidiano e consiste também em formas de lutas contra a sujeição e contra as formas de submissão<sup>8</sup>.

Na invenção do cotidiano, o historiador da anti- disciplina Michel Certeau aponta justamente para tal questão. Ele não nega a especificidade dos dispositivos de controle como agentes vampirizadores dos indivíduos, mas também aponta para uma variedade de possibilidades que implicam resistências e estratégias perante os sistemas cerceadores das instituições. É através dessa questão frisada que consideramos Sade como o homem ordinário, um indivíduo que mesmo sob a tutela

---

<sup>7</sup> Segundo Roberto Machado o Hospital Geral criado no período Clássico representaria o “Fenômeno Clássico que engloba em primeiro lugar a transgressão da sexualidade” Machado, Foucault *A Filosofia E A Literatura*, 2000, p. 17

<sup>8</sup> Segundo Foucault, “O sexo em Sade é sem norma, sem regra intrínseca que possa ser formulada a partir de sua própria natureza (...) é submetido à lei ilimitada de um poder que só conhece sua própria lei” *História da Sexualidade*, p.139.

dos procedimentos racionais de reclusão procurou sempre uma sabotagem, seja em sua escrita, simbolizada na anarquia profanadora de seus personagens devassos ou na sua própria representação corporal, que até o fim da existência carregou em si o desejo exacerbado.

Além da contribuição teórica no campo histórico e filosófico, percebemos que a crítica literária se constitui como um fecundo procedimento epistemológico ao historiador que deseja adentrar-se sob os meandros da literatura<sup>9</sup>. Nesse sentido, elencaremos como suporte os trabalhos da professora de estética e crítica literária Eliane Robert Moraes. Em sua Obra *Lições de Sade*, encontramos um capítulo denominado *A Imaginação no Poder*, onde a autora estabelece que mesmo o Marquês enclausurado entre as muralhas do poder, tendia sempre a transcendê-lo, usando sua imaginação literária como uma forma de resistência ao discurso social que o enclausurou. Realmente Sade escreveu toda sua obra nos cárceres franceses durante meados do século XVIII e início do XIX. Mesmo assim, é válido lembrar, que o pensamento libertino do qual era portador tendia sempre a romper as instâncias repressoras que o cercava.

As fontes de uma pesquisa são documentos relevantes, produzidos por pessoas que falam de lugares particulares, inseridas dentro de um determinado contexto, ou que escreveram sobre esse contexto. Nesse sentido, fomos norteados através de fontes bibliográficas, tais como algumas obras de Sade e biografias do mesmo.

É preciso que entendamos que a literatura de ficção, além do plano estético, é uma manifestação cultural que possibilita apreender o momento, o homem na sua historicidade. São visões, anseios, sonhos de mundo que abrem caminho para o historiador como campo de pesquisa. “A literatura fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram” (SEVSCENKO, 2003.p.30).

As palavras têm vida, vestem-se de significados e contagiam se umas com as outras. Nesse sentido, a história e a literatura inserem o indivíduo no universo da ciência e das artes. Duas facetas do mesmo ser: o homem na sua integridade. A literatura, portanto, é vista aqui como fonte para a compreensão da história e não se subordina a outros documentos tradicionalmente vistos como históricos. Parte do

---

<sup>9</sup> Ver Kramer, *Literatura, Crítica E Imaginação Histórica*, in: *A Nova História Cultural*, org. Hunt, Martins Fontes 2006.

pressuposto de que toda fonte para a pesquisa historiográfica é resultante de uma determinada cultura, ou melhor, de que todo documento é também uma representação da realidade, e esta pode ser melhor abarcada se vista sob as mais diferentes matizes. Desse modo, o foco se abre para os textos literários, que trazem a tona não apenas possíveis elementos do imaginário de uma época como no romance *A Filosofia Na Alcova*, mas também a construção de uma imagem de sujeitos que resistiram a uma forma de codificação moral imposta no século XVIII como os libertinos dos *120 Dias de Sodoma*.

Acreditamos na legitimidade da literatura pelo fato dela ser *Exterior*, ou seja: no ato da escrita, o sujeito não está apenas remetendo a sua interioridade fenomenológica (imaneente), mas abarca também toda uma exterioridade social, histórica e ideológica. Em outras palavras: quando o indivíduo escreve, escreve inserido em um contexto histórico cultural e social, estando assim, fixado numa época. A produção literária dialoga com a história e é perpassada por uma memória discursiva; portanto constituída por um movimento exterior a si. Deste modo, na intenção de apreender o universo mental dos sujeitos libertinos do século XVIII recorreremos às obras *A filosofia na Alcova* e *Os 120 Dias de Sodoma* produzidas por Sade.

*A Filosofia na Alcova*, escrito por Sade em 1795, narra a história de quatro libertinos, que numa alcova (setor privado ou quarto), tentam de toda maneira educar uma jovem nos preceitos da libertinagem. A obra apresenta em essência uma determinada resistência desses sujeitos contra os dispositivos de controle que nasciam na França nessa época, como a idéia de gestação, o conceito de família como fio condutor e o conceito de amor monogâmico.

*Os 120 Dias de Sodoma* narra a história de uma comitiva de libertinos que se deslocam para um castelo nas zonas distantes de Paris para concretizarem os crimes mais condenáveis para a moral da época: o incesto, a blasfêmia, a sodomia, o ateísmo declarado. Essa obra, portanto representaria a resistência de Sade aos poderes cerceadores na medida em que seus personagens expressavam sempre uma visão anti-cristã da realidade

Um dos aspectos principais que devemos considerar num trabalho acadêmico é o fato do historiador refletir sobre a necessidade de contextualizar suas fontes primárias. Nisto, o romance erótico-filosófico do século XVIII pretendeu pintar o quadro da vida burguesa, aristocrata e clerical com um discurso realista,

explorando principalmente aquilo que se desenrolava nos gabinetes e no setor privado, onde a mão zelosa da moral higienista ainda não tinha tocado. Os sujeitos-autores desses romances enunciavam os valores de uma sociedade ociosa, mundana e galante, cuja imoralidade eletiva fascinava seus leitores.

A perspectiva aqui assumida refere-se a trabalhar a literatura enquanto análise de discurso. Não uma análise no sentido da imanência, como trabalham as várias formas de crítica literária. Será, pois, entender o discurso dos textos sadianos enquanto exterioridade, na qual o sujeito que escreve encontra-se inserido num contexto histórico e social. Nesse ínterim, o trabalho de análise dos discursos, apreendidos a partir de uma materialidade lingüística, configura procedimentos de sentidos determinados por uma exterioridade à linguagem. Ao referirmos a sujeito discursivo, colocamos em evidência sua construção sócio-histórica, seus posicionamentos atestados por suas inscrições discursivas, e procuraremos mostrar seu funcionamento na produção literária.

A produção de Foucault, desde o início, passando por *História da Loucura*, até os últimos textos sobre a sexualidade, está permeada de passagens literárias. Podemos observar na obra mencionada acima, enunciados de Shakespeare, Cervantes, Sade, Artaud, Voltaire, etc. O filósofo francês toma a literatura como transgressividade, no qual a define como uma forma descontínua de linguagem que em seu trajeto indefinido e imprevisível, mina com a linearidade da história tradicional, causando assim uma ruptura e um arrombamento. A literatura torna-se assim anárquica frente aos interditos da linguagem, possibilitando, contudo, outras temáticas:

A transgressão, que evoca a interdição da própria literatura e de literatos e a ruptura com a realidade, evoca também a linguagem que rompe o próprio espaço da linguagem e possibilita outras tematizações (FERNANDES, 2009, p.20).

Portanto, cada palavra escrita numa folha em branco torna-se uma transgressão, uma ruptura, basta pensarmos nos textos dos escritores ‘malditos’ como Sade, Rimbaud, Baudelaire, etc., A literatura assim, não se constitui a partir de silêncios, ao contrário, ela existe pelo fato de nunca se deixar calar e de fazer circular signos: “É porque existem signos em torno dela, é porque isso fala” (FOUCAULT, 2000, p.167).

Essa abertura proposta por Foucault às novas formas de linguagem, se dá por sua crítica referente às estruturas dominantes da história tradicional linear. Com base em Nietzsche e nas novas teses propostas pela Escola dos Annales, ele instaura um novo tipo de racionalidade, identificando assim seus efeitos múltiplos. Desde os seus primeiros trabalhos, o seu método colocou à prova os conceitos, os limites e os temas dessa história, criticando sua preferência pela continuidade. Dessa forma, Foucault concebe o acontecimento como um conjunto heterogêneo de relações que fazem emergir diferentes extratos de significação, enfatizando assim, que todo discurso carrega consigo uma materialidade, se constituindo enquanto acontecimento<sup>10</sup>. Quando Foucault propõe a materialidade do enunciado, ele está evidentemente pensando que há nele uma substância de expressão. Conseqüentemente, a literatura enquanto enunciado, presa a um contexto histórico, se configura como uma produção estética provida de sentido. O enunciado de que dela emana é um acontecimento:

Por mais banal que seja por menos importante que imaginemos em suas conseqüências, por mais facilmente esquecido que possa ser após sua aparição, por menos entendido ou mal decifrado, que o suponhamos, um enunciado é sempre um acontecimento que nem a figura nem o sentido podem esgotar inteiramente ( FOUCAULT, 2005, p.31).

É sob esse prisma que se desenvolverá a nossa análise acerca da literatura enquanto elemento de sentido, elencando os textos de Sade como fontes.

Sade para Foucault seria o primeiro escritor moderno, o primeiro que elaborou uma obra transgressiva, por isso é tido como o marco da modernidade, sendo sua obra o limiar histórico da literatura<sup>11</sup>. Na existência de Sade a experiência de sua literatura é indissociável da transgressão da qual ele fez durante toda a sua vida, e pelo qual pagou um preço que foi a perda de sua liberdade. Assim sendo, sua palavra violenta provocava além de uma transgressão, um arrombamento na linguagem.

O texto literário é aqui entendido enquanto linguagem do fora em relação ao sujeito que o escreve, sujeito esse inserido em uma determinada historicidade, cujo discurso carrega em si uma expressão de significado, o qual aponta para um dado

---

<sup>10</sup> Ver *A Arqueologia do Saber* do mesmo autor, Editora Vozes, 2005.

<sup>11</sup> "como Sade redigiu sua obra na prisão e, fundou-a sobre uma necessidade interior, ele é o fundador da literatura moderna". Foucault, *Ditos e Escritos* v.1.

acontecimento datado. Na medida em que o indivíduo escreve, tendo em vista os constantes deslocamentos que sofre no espaço, as heterogeneidades de diversos elementos promovem também sua construção identitária. Desse modo, a linguagem da literatura como espaço do fora, nada mais é do que uma realidade prestes a se realizar: “Trata-se mais de uma passagem para fora. A linguagem escapa ao modo de ser do discurso – ou seja, a dinastia da representação e o discurso literário se desenvolvem a partir dele mesmo” (FOUCAULT, 2006, p.220).

O leitor admirador da literatura marginal, da vida dos ‘homens infames’ e silenciados por uma certa racionalidade normativa ou uma moralidade carcomida, encontrará nas páginas seguintes, um material de cunho histórico e filosófico, cujo intuito está em expressar a trajetória maldita e iconoclasta do Marquês de Sade sob a ótica de um historiador, cuja preocupação não está apenas em narrar mais um trabalho biográfico acerca de um escritor profano. O nosso intuito, porém, não se preza apenas em colocar mais uma máscara, uma identidade ou um sistema de valores que indique o referido autor na modalidade de anjo ou demônio.

A proposta aqui assumida refere-se em analisar seu discurso transgressivo acerca das relações entre corpo, sexualidade, amor paixão e transgressão nos livros *A Filosofia na Alcova* e *Os 120 Dias de Sodoma* em meados do século XVIII na França, juntamente com as tramas dos poderes que acarretaram em sua reclusão, sem perder de vista é claro, a sua resistência enquanto sujeito “anárquico”, no qual elaborou durante seus sombrios anos de reclusão, uma obra libertária cujo objetivo estava em desconcertar os códigos instituídos pelas mãos humanas e das sombras do além, no sentido de romper o território definido, para se chegar assim, a uma idéia desprovida de qualquer empecilho castrador de sua condição rebelde. Em Sade, a literatura estabelece uma ampla estreiteza com o poder de pulsão, na medida em que sua imaginação não se submetia ao discurso social que acarretou as suas incontáveis prisões.

A primeira parte *Sade – Cenas de uma Escrita Transgressora* contém um conjunto heterogêneo de discursos literários que indicam os signos da subjetividade libertina, onde o corpo e o espírito desses sujeitos ocupam uma postura transgressora perante os dispositivos de poder no qual estão historicamente inseridos.

O objetivo se desenrolará em colocar tal texto em diálogo com seu tempo, buscando assim, evidenciar um contraponto com os valores da época, como a

moralidade, a honra feminina, o casamento e aos ideais instaurados em 1795 na França depois do Terror, buscando assim a apreensão de uma dada atribuição de sentido que revele sua inter-relação com a história, marcada por uma dada descontinuidade. Para tanto, será possível apreender por meio dos personagens contidos em tais textos, formas de sentir, de agir, regimes de verdade, como também resistências aos poderes contidos no arcabouço das instituições jurídicas, religiosas e etc.. Sendo assim, o universo mental do sujeito libertino será focado nessas obras que acabamos de mencionar.

Já no segundo capítulo Sade: *Um corpo Escrito a Ferro e Fogo nos Muros da Prisão*, a temática segue problematizando alguns discursos modernos que conclamaram novas ideais acerca dos lemas de igualdade, liberdade e fraternidade. Tentaremos enxergar esses ditames que emergiram no século XVIII com outro olhar<sup>12</sup>. Esse novo olhar leva-nos a desnudar o outro lado da racionalidade que se configurou a partir daí. Instituiu-se uma modalidade de saber que negou do indivíduo singular sua afirmação subjetiva de revolta, cuja postura anárquica não cabia numa sociedade que emergiu com a proposta de disseminar, sob a fachada da “liberdade”, os mais diferentes dispositivos de poder, sejam eles concentrados na ordem disciplinar ou normativa.

Por fim, *Os 120 Dias de Sodoma – A Dissolução Dos Costumes Como Resistência*, indica uma possibilidade de resistência do escritor frente às manobras que acarretaram a sua prisão. Dessa forma, tentaremos valorizar a linguagem literária como uma forma alternativa do homem, pois sua experiência também se constitui enquanto forma de contestação da cultura. A obra será encarada como contra-poder na medida em que seus personagens enunciam sempre formas de evasão contra os dispositivos do século XVIII que acarretaram a interdição de Sade: a higiene, a virtude, o poder monárquico. Nessa “bíblia” dos libertinos encontraremos temas polêmicos para o referido contexto, como o ateísmo declarado, as profanações com ritos sagrados, e a sodomia. Na medida em que elencamos essas formas de insubmissão, colocamos em perspectiva a resistência do escritor.

---

<sup>12</sup> Ver o livro *O Terror*, de David Andress, 2005.

## SADE CENAS DE UMA ESCRITA TRANSGRESSORA?

*A coisa mais ridícula do mundo, sem dúvida, é querer discutir as inclinações do homem, contrariá-las, culpá-las e puni-las se não estão conforme as leis e as convenções sociais.*  
(Sade)

### 1.1. UM PEQUENO ESBOÇO ACERCA DA LIBERTINAGEM

Antes de uma análise mais consistente acerca da figura de Sade como elemento insubmisso, é preferível sem dúvida um mergulho na época na qual se formou o conceito que entendemos hoje como libertinagem. Cabe assim, uma pequena definição do termo, no sentido de elucidar, como uma determinada época, codificou essas identidades enquanto sujeitos transgressores.

As primeiras mentalidades consideradas “libertinas” surgiram no século XVI, num contexto já impulsionado pela Renascença.<sup>13</sup> No primeiro momento, esse fenômeno foi entendido como “libertinagem espiritual” ou “religiosidade herética” (NOVAES, 1996, p.10) contra o processo de acumulação primitiva segundo as bases ideológicas do líder religioso Calvino. Essa corrente de pensamento, que representava uma ameaça a ortodoxia cristã tradicional ganhará força nos anos seguintes através das conquistas elaboradas pelos projetos modernos que se configuravam na Europa Clássica. Constata-se a derrocada do geocentrismo defendido pela igreja católica, o empirismo de Hobbes e Bacon que partia da idéia de que todo conhecimento derivava-se da experiência sensível, o cogito cartesiano que colocou a dúvida metódica em tudo, proclamando assim a razão como elemento infalível, enfatizando que não poderia existir um Deus amoroso orquestrando os destinos dos homens de um lugar celestial.

É nesse terreno de possibilidades e de rupturas que se desenvolverá a “libertinagem”, conceito marcado por uma inclinação voltada para o desregramento dos sentidos associada à liberdade de pensamento. Suas primeiras manifestações coincidem com o surgimento de vários pontos da Europa – especialmente na França – de novas correntes culturais e políticas de resistência que criaram modelos

---

<sup>13</sup> Ver Eliane Robert Moraes *Um Libertino no Salão dos Filósofos*. Iluminuras 2006.

alternativos propondo a retomada de algumas idéias renascentistas. Essa nova mentalidade emana certo ceticismo e conclama uma negação com a ordem estabelecida, onde o sujeito que dela fazia parte, buscava certa autonomia perante a esclerose religiosa, para mostrar a dignidade do espírito humano, inaugurando um movimento de confiança na razão e no pensamento crítico. Esse indivíduo agora está sob o signo da natureza, no centro do universo e cada vez mais afastado da espiritualidade concebida pelo pensamento cristão – medieval, como lembra Burckhardt:

Uma poderosa fonte de todo questionamento da imortalidade era, inicialmente, o desejo de libertar-se interiormente da odiada igreja, tal como ela se apresentava então (...) a igreja chamava epicuristas àqueles que assim pensavam. No momento da morte, é possível que alguns tenham buscado os sacramentos, mas inúmeros deles vieram e agiram, sobretudo ao longo de sua vida ativa, sob o signo do desejo (BURCKHARDT, 2003, p.388).

Desse modo, “materialista” e “dissidente” em relação à ordem, o “libertino” é antes de tudo um contestador: através do romance, tendo como tema central o prazer sexual e o prazer do conhecimento, ele é o filósofo secreto e também o provocador erótico. Ora transforma a libertinagem em ficção, ora transforma a ficção em reflexão filosófica. Romances libertinos são, portanto narrativas cujo desfecho consiste numa reação ao conformismo e, sobretudo uma atitude de recusa perante os códigos tradicionais de uma certa moralidade social e religiosa. A religião no século XVII estava perdendo a sua unidade frente às forças rebeldes que aí nasciam. Essa negação da religiosidade leva, portanto a um estreitamento com a amoralidade, levando o sujeito assim a um desenfreado desregramento de costumes, na medida em que nega qualquer idéia de transcendência divina, na qual a entende como obstáculo aos seus prazeres. Sendo a idéia de Deus baseada na moral, sua morte abriria as possibilidades para as diversas permissividades do corpo, até as mais diferentes formas de sexualidades. O ateísmo, portanto, explode com algumas questões baseadas numa determinada ética:

O ateísmo possui uma vasta quantidade de implicações à condição humana. Com a ausência na crença num Deus, as questões éticas devem ser determinadas em função dos objetivos e preocupações humanas, cabendo a nós assumir a responsabilidade total pelo nosso destino (SARTRE, 1987, p.04).

Sendo a idéia de Deus baseada na moral, sua morte abriria espaço para as diversas possibilidades de agir com o corpo, mesmo as formas mais “irracionais” de prazer. Seja como for, a “libertinagem”, não importa como se caracterize, apresenta sempre um aspecto transgressivo e destruidor, pois o “libertino” só se realiza ao infringir os princípios que supostamente assegurariam o bom funcionamento da sociedade.

## 1.2 SADE “UM HOMEM REVOLTADO”

*Como homens razoáveis podem ainda dar crédito às palavras obscuras, aos pretensos milagres do fundador desse culto pavoroso. Quem é esse judeu lazarento, nascido de uma puta e de um soldado, no mais mesquinho rincão do universo, que se atreve a passar pelo instrumento daquele que, dizem criou o mundo!?*  
(Sade)

Em seu ensaio intitulado *O Homem Revoltado*, no qual esboça uma análise acerca de vários pensadores cuja arte se configurava enquanto estética de revolta, o escritor argelino Albert Camus, aponta o Marquês de Sade como o primeiro sujeito que levou a sua escrita ao nível extremo da rebeldia. Sade seria então aquele indivíduo que elaborou o resgate de uma linguagem há muito tempo adormecida, uma linguagem que durante certo período esteve amordaçada por um tipo de saber totalizante depois do cogito cartesiano. Isto aponta o pensador libertino como o primeiro escritor moderno, pois em seu projeto em dizer tudo, transgredindo os interditos da linguagem, criou assim uma contra- linguagem, cujo desfecho permitiu a outros artistas que o sucederam, levar a arte ao caminho da dessacralização. “Um homem revoltado é aquele que diz não<sup>14</sup>”, que procura sempre uma possibilidade de resistência frente a qualquer barreira que implique a subordinação de sua condição humana. Ele arma uma arapuca para a lei, mesmo sob a tutela de um poder ilimitado, através de sua arte enquanto forma de subversão. Quando contesta os valores éticos e morais desta, coloca em questão a própria idéia de civilização, que segundo o filósofo alemão Herbert Marcuse “está fundamentada desde o início na

---

<sup>14</sup> Citação de Albert Camus no livro *O homem Revoltado*. Record, 1996.p. 53.

castração dos instintos vitais do homem a uma serie de normas e preceitos que negam, de certa forma a subjetividade” (MARCUSE, 1974, p.72). A sociedade enfim, é calcada num conjunto heterogêneo de dispositivos de controle que atuam na maioria das vezes como negação das identidades que apresentam uma singularidade calcada na diferença. Dessa forma, o diferente se apresenta como desigual.

O autor de *Justine* se constitui como um sujeito que enuncia um grito cuja revolta o leva a um individualismo extremo e absoluto no sentido de consolidar um gigantesco protesto em favor do homem livre, denunciando assim, uma civilização fundamentada nos procedimentos morais de controle da alma e do corpo, baseada na hipocrisia e na contradição de seus mecanismos políticos. Sade foi um escritor que escreveu nos limites do possível, nos mais variados cárceres franceses, junto com ratos, baratas e todo o tipo de podridão destinado aos indivíduos que caíam como infratores nos muros e nas grades da moral do século XVIII na França do Antigo Regime e após a Revolução Em uma das cartas ele comenta sua situação de prisioneiro:

Me encontro em uma torre prisioneiro de dezenove portas de ferro, recebendo o dia através de duas pequenas janelas guarnecidas por uma vintena de barras de ferro cada. Por dez ou doze minutos ao dia, em média, tenho a companhia de um homem que me traz o que comer. O resto do tempo permaneço sozinho a chorar... Eis minha vida... Eis como corrigem um homem nesse país (SADE, 2009, p.54)

A denuncia aqui é endereçada contra os poderes do Antigo Regime, no qual foi preso sob a acusação de práticas libertinas e blasfêmias contra os imperativos sagrados que afluíam em sua época . Tempos mais tarde, com a eclosão da Revolução Francesa, onde se acreditava que com os ideais de democracia e com a criação dos Direitos Do Homem os sujeitos teriam seus direitos individuais garantidos pelo lema da “liberdade”, Sade novamente se via enclausurado, pelo fato de discordar com os ditames morais desse novo regime instaurado pela república jacobina. Pelas suas palavras, a tão sonhada liberdade ainda não estava consolidada em seu país:

Eu que estive na cadeia por tantos anos como inimigo do Rei, também fui preso como inimigo dos inimigos do Rei! Que falta de lógica e que falta de justiça, suficiente para rasgar a alma de qualquer pessoa. (...) Mas quatro prisões!

Quatro prisões em dez meses. Na primeira havia tanta gente que não tinha lugar para mim a não ser nas latrinas, onde fiquei, comi, dormi, durante dias intermináveis (SADE apud ENDORE, 1967, p.267).

Não é a toa que sua obra é marcada por uma forte tendência anti-teológica, que lhe valeu inúmeros silenciamentos durante sua amarga existência. É uma obra que afronta as divindades e todos os preceitos morais alicerçados pelos códigos judaico-cristãos. Destarte, a religião, mais do que uma simples manifestação cultural, se apresenta como uma das peças da engrenagem de uma estrutura de poder, pois a crença, mais do que nunca é um elemento da ordem (SADE, 2001) e as pessoas sempre zelam por ela.

Poucos escritores tiveram a audácia de Sade. Ninguém, talvez, antes dele, tenha levado os pensamentos juntamente com o corpo aos limites mais subterrâneos e limítrofes da existência humana. Foi certamente um dos autores da literatura que mais sondou os “devaneios do homem”, trazendo à luz (em pleno iluminismo) aquilo que a cultura sempre tentou ocultar: a violência do erotismo em suas mais variadas formas de transgressão.

Mas onde está motivo desse grito? Dessa escrita que apavora a moral e a religião para abrir as portas de um novo mundo?

Antes de adentrar mais profundamente em suas obras, no sentido de demonstrar o elemento discursivo contido na exterioridade de sua escrita, presumimos de fato, ser necessário a elaboração de um pequeno perfil biográfico referente ao marquês, para assim apreendermos de forma mais concisa, os elementos característicos de seu contexto que acarretaram na sua identidade, levando-o a responder com uma postura transgressora, sob a forma de contra-poder. Buscaremos assim, traçar um pequeno mapeamento de sua vida, com o intuito de perceber, como uma determinada instância moral, um agenciamento de controle da consciência ou um mecanismo de ordem disciplinar atingiu seu corpo, que o levou em detrimento a criação de formas de subversão contra essas instâncias totalizantes do saber.

Donatien Alphonse François nasceu em 02 de junho de 1740 em Paris. A França começava a viver a agonia da monarquia absoluta, instaurada por Luís XIV, que, aliás, definiu seu reinado com uma frase significativa “O Estado sou eu”.

Agora o poder está com Luís XV, que troca os interesses do Estado pelo prazer com as “amantes”. Assumiu em 1715 com apenas cinco anos, tendo Felipe

de Orleans como regente até 1723, quando completou a maioridade. O período de regência inaugurou desenfreada libertinagem de costumes. Luís XV assim, manteve-se no poder economicamente sustentado pelos saques do tesouro do Estado e, sobretudo graças aos impostos, que aumentam cada vez mais.

A aristocracia esta quase arruinada “e já totalmente decadente, a situação financeira do país é quase que insustentável,” (PEIXOTO, 1979, p.20). Os impostos caem sobre o povo, principalmente entre os camponeses, que além dos impostos do Estado pagam tributo aos senhores e o dízimo a igreja católica. E caem sobre os ombros de uma nova classe, que se torna cada dia mais “poderosa”, a burguesia, que vem acumulando riquezas desde os tempos do mercantilismo e da política econômica de Colbert. Mas o “desregramento” da corte, assim como as guerras constantes, empreendidas visando a conquista de condados e territórios próximos, com atenção especial voltada às colônias, fonte de matéria prima indispensáveis à tentativa do desenvolvimento da indústria e mercado certo para a produção, arruinam os cofres do Estado e aceleram o processo de decadência do país:

Sade nasceu num momento de devassidão e corrupção, de revolta e fome, numa sociedade em crise já dividida em dois blocos antagônicos e irreconciliáveis: de um lado o Rei e as castas privilegiadas da antiga ordem feudal, o clero e a nobreza, do outro, ainda circunstancialmente unidos, o povo e a burguesia (PEIXOTO, 1979, p.21).

É esse universo contraditório de “devassidão” e poder absoluto que Sade encontrará como morada. Sua infância, desde cedo, será marcada pelos dispositivos de vigilância instaurados por sua família, família essa que como as demais, estavam inseridas numa modalidade de controle que unidos ao Estado e a igreja buscavam assegurar a ordem das coisas. O “libertino” então, desde cedo, mostrava uma inclinação demasiada no que diz respeito a usufruir de seus prazeres, fato este que levou seu tio, um padre que habitava perto de sua residência, a conduzi-lo de forma obrigatória a um convento, com o intuito de que lá, através de uma pedagogização do corpo e da mente o jovem “vá exorcizar os demônios que atiçam seu desejo<sup>15</sup>”.

O convento, tomado aqui como território da disciplina, também se constitui enquanto território da punição, onde o sujeito que ali cai, deverá sofrer as sanções no próprio corpo, corpo esse que deve se constituir como elemento de docilidade. O

---

<sup>15</sup> *Sade o Santo Diabólico*. Guy Endore. 1967.p. 10.

local onde o pequeno Sade será entregue, possui todas as características de uma instituição fechada, onde a palmatória se apresenta como um instrumento repressor, como enfatiza um dos religiosos, numa carta à sua família:

Um chamado à ordem através de uma ou duas palavras duras – ou no máximo uma punição leve, uns poucos golpes de varas em seus dedos, ou uma suspensão de alguns privilégios, como, por exemplo, sua participação nas danças e peças que são constantemente ensaiadas aqui para a apresentação durante os diversos festivais (PADRE apud ENDORE, 1967, p.11).

Estamos no século XVIII, caracterizado por abarcar toda uma arte da governamentalidade<sup>16</sup>, que recairá conseqüentemente sobre a figura do “indivíduo a ser corrigido”. Notaremos nesse contexto, várias instâncias de controle de ordem pedagógica que atuarão no sentido de corrigir os desvios dos transgressores para conduzi-los às normas reguladoras: a escola com seu aparato de disciplina do corpo e de esquadramento do espaço, os quartéis que prezam pela saúde e a exercitação, e os conventos, onde os rituais como a confissão levam os homens a um determinado grau de subordinação no momento que confessam as suas peculiaridades mais íntimas. Na medida em que assume que pecou, ele estabelece um cuidado para si, subjugando sua individualidade e pondo por fim os seus desejos. Entretanto, diante desse poder pastoral, o jovem colocava uma curvatura, na qual culminava em uma resistência frente ao discurso religioso que o enclausurou. Sade, então, começa a colocar os impulsos de seu corpo para fora, levando os disseminadores da moral – os padres – a reprimi-lo novamente, tendo por base agora, a ideologia religiosa como construtora da noção de pecado:

Assim, continuei ali em pé como que paralisado, enquanto seu filho contava segundos, e foi então que me lembrei como fora obrigado a falar-lhe seriamente da ‘masturbação’ (...) é impossível compreender como este pecado pode proliferar aqui, se levamos em conta que o diabo nunca cessa suas atividades. Quando primeiro descobri essa tendência em seu filho, pensei que uma só lição severa seria suficiente para desencorajá-lo desta vil prática, que tão depressa se torna um hábito se não é cortada desde o início (PADRE apud ENDORE, 1967, p.13).

---

<sup>16</sup> O Resultado através do qual o Estado da justiça da Idade Média, que se tornou nos séculos XVI e XVII Estado administrativo, foi pouco a pouco ‘governamentalizado’. Ver Revel, *Foucault Conceitos Essenciais*. 2010, p.55.

Comparadas com as nossa, as sociedades européias do século XVI ao XVIII, tão diferentes entre si, se assemelham num aspecto: sufocaram o indivíduo sob o peso dos comportamentos familiares, comunitários, cívicos e rurais. Essa carta, endereçada à sua família pelas mãos do chefe do convento, revela o lugar em que o jovem rebelde foi destinado: um território cerceador dos instintos vitais, onde as ordens discursivas calcadas no imperativo da religião atuavam como instâncias de subordinação tanto da alma como do corpo do transgressor. É compreensível então, a revolta que o autor de *A Filosofia na Alcova*, descarregará principalmente aos padres em quase todos os seus corrosivos romances:

Enfim, onde se comete mais crimes secretos do que entre os sacerdotes e os monges, isto é, entre aqueles que parecem mais convencidos das verdades religiosas? E isso não provaria evidentemente que os bons efeitos produzidos pelo dogma dos castigos eternos são muito raros e incertos? (...) esse dogma horrendo leva, ao contrário, ao ateísmo e a impiedade (SADE, 2001, p.52).

Aqui Sade mostra que a religião vai perdendo seu espaço pela racionalidade que se instaura no século XVIII<sup>17</sup>. Provisoriamente, a igreja católica perde a sua influência e o catolicismo marca um período de recuo. Daí, a edificação de novas concepções de mundo, racionalistas, deístas e materialistas. Os padres assim se defrontarão com algo novo, com um pensamento que irá destronar as unidades há muito tempo formuladas pelo saber eclesiástico. A partir disso, a figura do líder espiritual será simbolizada por Sade como a de um indivíduo repressor e interventor das identidades que afloram o saber e o desejo. Este vampiro da consciência, através de uma “idéia quimérica”, que segundo o Marquês, seria o temor do desconhecido, se aproveitará dessa ideologia para exercer um tipo de poder sobre os sujeitos em benefício próprio. Teremos assim, com o passar dos anos, a emergência de uma discursividade sustentada por vários saberes que enunciarão as mais variadas classificações, na qual se originaram categorias novas como “o monstro moral”, e a “criança masturbadora”. Sade, dessa forma, se constituirá como esse último elemento, cuja sanção cairá sobre si, na medida em que além do “pecado”, esse ato se assemelhará a uma idéia de anti-natureza, conceito este que já dava seus primeiros passos no século XVIII. Para combater tais desvios, toda

---

<sup>17</sup> O ano de 1751, época que Sade está recluso no convento é fundamental para a polêmica ideológica que se vem travando na França desde os choques violentos do racionalismo de Descartes com o dogmatismo rígido da Companhia de Jesus.

uma corrente pedagógica se armará contra esse comportamento indesejoso. Os pais, assim, tornaram-se os principais agentes de um dispositivo da sexualidade que se apoiou nos médicos e mais tarde nos psiquiatras. Devemos observar nessa atitude interventora da educação privada, uma das razões pela qual o Estado e a igreja retomaram o encargo do processo educativo. Nesse sentido, a infantilização enquanto objeto de saber começará a passar por um processo de incriminação, sendo o corpo da criança, um alvo do poder:

Cada ser tinha seu próprio corpo, e, no entanto a dependência em relação à linhagem, a solidariedade de sangue eram tais que o indivíduo não podia sentir o corpo como elemento autônomo: esse corpo era seu, mas também era um pouco “os outros”, os da grande família dos vivos e dos ancestrais mortos. O indivíduo dispunha do próprio corpo somente na medida em que não contrariava-se os interesses da família (GÉLIS, 2002, p.312).

Sade descreverá depois, em seus romances e contos, a severa educação religiosa que sofreu no colégio dos padres pela voz de seus personagens libertinos<sup>18</sup>. É entendível, portanto, o seu internamento a mando da família, tendo em vista que ele já começava a aflorar os seus primeiros atos anárquicos, que o conduzirão desde aquele momento a se formar enquanto indivíduo incorrigível. Esse sujeito, então, fruto dos vários saberes que recebeu como estigma em sua época, aliava a si uma prática considerada nociva por parte dessas novas instancias de pensamento que aí emergiam. O ato solitário do prazer, da qual o escritor revoltado e outros da sua linhagem elencavam como prática, além de estar na mira do discurso religioso enquanto representação do pecado aliava-se também à ruptura da ordem social, como enfatiza Foucault:

(...) No século XVIII, todas as instituições de correção dedicarão cada vez mais atenção à sexualidade e a masturbação como sendo o próprio cerne do problema do incorrigível (...) quanto ao masturbador, ele vai aparecer e vai se precisar numa redistribuição dos poderes que investem o corpo dos indivíduos. O incorrigível se refere a um tipo de saber que está se constituindo lentamente no século XVIII: é o saber que nasce das técnicas pedagógicas de educação coletiva (FOUCAULT, 2002, p.77).

---

<sup>18</sup> Ver *Diálogo Entre Um Padre e Um Moribundo*. 2001.

É nesse jogo de conflitos, lutas, estratégias e tramas em relação ao sujeito “impuro” e “insano” que se desenvolverá a existência do jovem Sade. Um amálgama de discursos éticos e religiosos que irão se consolidar nas mãos de diferentes figuras punitivas durante a sua problemática vida. Sua mocidade libertária, que já dava os primeiros sinais de revolta, será punida e castrada. Enquanto representante do poder espiritual, seu preceptor, o primeiro carrasco de seu corpo, alicerçado nos ensinamentos divinos, o que lhe garante um estatuto de verdade, considera-se apto e legítimo para assegurar a intervenção espiritual na alma do adolescente. Neste caso, é válido considerar o fenômeno religioso como uma espécie de peça da estrutura de uma determinada instituição que garante a ordem. Ele é assim, um dos dispositivos cujos tentáculos se encaixam perfeitamente em outros sistemas institucionais como a família e o Estado. Tomando dessa forma a figura do padre como micro - instância de poder, percebe-se que o mesmo, tendo como arma a idéia do pecado, usa desse artifício para assegurar seu lugar de verdade:

Examinados psicologicamente, os ‘pecados’ tornam-se indispensáveis em toda a sociedade organizada sacerdotalmente; são os verdadeiros instrumentos do poder, o sacerdote vive do pecado, tem necessidade que se ‘peque’... Princípio supremo: ‘ Deus perdoa todo aquele que faz penitência’(NIETZSCHE, 2002, p.61).

Como já foi mencionado anteriormente, nosso intuito aqui não se manifestará no sentido de elaborar uma biografia errante do Marquês, mais de elucidar os seus primeiros embates contra os dispositivos que de certa forma ajudaram a constituir sua identidade de sujeito transgressor. Vimos assim, uma infância que já começa a sentir as primeiras instâncias de controle, essas figurando na figura do líder religioso, que calcado na mentalidade punitiva de asceta da virtude, estabelece a castração dos instintos vitais do homem.

Depois de uma estadia conflituosa entre os muros da moralidade espiritual, Sade chega à mocidade dando seqüência aos impulsos primitivos de sua carne. É nesse momento que emana a virulência de seus “atos libertinos” e que se darão os seus escândalos, seguido de incontáveis detenções. Nesse ínterim, a sua escrita ainda estava adormecida. O “divino Marquês”, ainda não despontava enquanto escritor que perturbasse a ordem na forma da palavra violenta e blasfêmica. Entretanto, sua recusa com o mundo à sua volta se dava sob a forma de conduzir

seu corpo como arma de insurreição frente à virtuosidade de seu tempo, na medida em que disseminava seu desejo por meio do fenômeno da “libertinagem”.

O Século das Luzes, que viu emergir o materialismo iluminista, manifestou em alguns pensadores uma tendência secular cuja idéia de natureza estava no cerne das questões que ligavam o homem não mais ao divino, e sim ao mundo, ao “cosmos”. Essa filosofia, que prezava pela expansão do pensamento, se mesclou com outras mentalidades não acadêmicas que viam no corpo um elemento de contestação em face dos valores éticos e morais<sup>19</sup>. Nesse sentido, a libertinagem surgia como força motora que visava conduzir o homem à liberdade das idéias como forma de dissolução da virtude para se chegar enfim ao bem maior: o prazer. Se tudo é natural, evidentemente não haveria terreno para a moral. É preso nessa teia cultural que Sade constituirá sua identidade enquanto “fera pensante”, onde não tardará a entrar novamente em conflito com os dispositivos de poder desse século. Um membro da realeza narra um de seus escândalos, que culminava quase sempre em blasfêmias:

O que deseja o marquês é algo proibido pela Bíblia, e pela qual as cidades de Sodoma e Gomorra foram destruídas pelo fogo celeste. Naturalmente tudo isso não passa de encenação para a qual uma prostituta foi vestida de freira e cuidadosamente ensaiada. Mas não é só do pior gosto possível, mas tende também a degradar as santas mulheres que compõe nossas ordens religiosas e insultar e ridicularizar nossa Santa Fé (OFICIAL apud ENDORE, 1967, p.53).

São essas atitudes de agora em diante que nortearão a vida do já maduro “libertino”. Tempos depois, ele se defrontará com outra instituição em que as regras de que dela emana afloram na forma da obrigatoriedade, neste caso, o casamento monogâmico.

Antes da abordagem desta modalidade conjugal, é importante mais uma vez enfatizar a relação de Sade com um dos membros da sua prole que teve importância decisiva em tal contrato: sua mãe. A “senhora de Sade”, cujos valores espirituais estavam acima de tudo - tanto é que ajudou na condução do filho ao convento no sentido de “purificar sua alma” -, apresentava-se como uma mulher virtuosa e ao mesmo tempo severa, que apoiada nos preceitos dos laços familiares, buscava as diversas formas para garantir a paz no seu lar.

---

<sup>19</sup> A corrente libertina francesa do século XVIII.

Sade enunciara em seus romances uma antipatia ilimitada em relaçaõ à figura materna, pelo fato de concebê-la enquanto barreira de seus impulsos orgásticos. Sua mãe aliava a si o símbolo da devoçaõ, estando alimentada também em outras formas do processo civilizacional como a obrigaçaõ do matrimônio. Desse modo, ela tentava impor a seu filho, uma existênciã moldada nos preceitos da monogamia e da fidelidade, dois elementos que o pensador libertário sempre combateu em suas obras<sup>20</sup>. Esse momento traumático em relaçaõ à matriarca se concretizou pelo fato desta última reforçar constantemente no filho o sentimento de culpa durante toda sua existênciã; pois, com os valores trazidos pela Contra-Reforma, consolidou-se no século XVIII toda uma proliferaçaõ de discursos calcados na noçaõ de culpa: “o diabo está ali, ao lado da criança, sob a forma de adulto” (FOUCAULT, 2002, p. 310).

O “sadismo”<sup>21</sup> em Sade seria a expressã de revolta e ao mesmo tempo de vingança em face do poder materno, que sustentado pelas sombras do terror das religiões buscava dessa forma negar ao seu desejo, a afirmaçaõ do nível extremo que desejasse. Quer seja em *Justine* ou na *Filosofia na Alcova*, a mãe figura sempre como um líder tirânico, derrotada prontamente do altar na qual havia colocado a veneraçã social e religiosa. Na primeira obra citada acima encontramos o tom de revolta: “O ser que eu ataco é o ser que me trouxe em seu seio” (SADE, 1992, p. 75)

A figura da mãe, ou seja, da mulher na época de Sade era da mulher confinada ao lar. De um modo geral, ela era excluída dos papéis públicos e das responsabilidades exteriores. Sua ocupaçaõ era apenas doméstica, no qual encarnava a figura de esposa e mãe, arraigada pela igreja e pela sociedade civil. Ela é serva, mas também é senhora, e esta última condiçaõ lhe confere um estatuto de autoridade necessária para exigir as virtudes dos seus. Portanto, a sogra, a esposa ou a mãe, no final do século XVIII comandava a casa, fazendo de seus filhos jovens refinados “controlando todas as suas saídas ao mercado, à igreja e ao passeio dominical” (CASTAN, 1995, p.425). Desse modo, as mulheres desempenhavam um importante papel para o exercício do controle social, pois, apesar de estarem confinadas no espaço doméstico, dispunha também de armas poderosas, como por exemplo, levantar a opiniã pública em relaçaõ a um determinado escândalo

---

<sup>20</sup> Para uma análise mais detalhada ver os discursos do Personagem Dolmancé na obra *A Filosofia Na Alcova*.

<sup>21</sup> Termo que surgiu em 1834 pelo professor da Sorbonne Michel Delon, um dos editores das obras de Sade. O termo queria dizer “aberraçaõ terrível da devassidãõ; sistema monstruoso e anti - social que revolta a natureza”. *Sade A Dissoluçaõ como Método*. Revista Entre Livros, 2006, p.36.

privado, quando esse ocorre em seu setor doméstico: “basta-lhes então testemunhar para introduzir a justiça no espaço móvel do mundo que governam<sup>22</sup>” (CASTAN, 1995, p.427).

Sua mãe, mulher austera, cujo desejo é conduzi-lo ao “bom caminho”, não é aos olhos do filho senão um protesto para contrariar a sua vida. É, portanto, o ideal de mulher devota que Sade se empenha em destruir:

Em Sade, a mãe tem o papel castrador que o pai detém no complexo de Édipo. Ela é o rival do filho junto do pai tanto quanto é o fruto de sua filha. Por isso não somente a mãe despojada de todo atrativo edipiano configura o aprisionamento, o sufocamento (pelas leis sociais e a religião), mas perde esse atrativo em benefício da virgem inacessível (KLOSSOWSKI, 1985, p. 133).

É sob esse prisma de revolta perante a instituição familiar onde a simbologia da mãe se apresenta como uma instância ilimitada de poder, que Sade conduzirá sua consciência contra todos os imperativos da moralidade, sejam eles arraigados de qualquer dispositivo que tente conduzi-lo à disciplina. Não tardará, e o Marquês novamente será arrastado por sua família em direção à outra teia institucional: o escritor libertino se vê agora diante do casamento, sem possibilidades de evasão, pois esse laço de valores se apresenta sob o estigma da legitimidade de uma verdade a ser seguida.

O casamento enquanto ato sacramentado se estabelece na forma de um contrato, no qual é ungido por Deus e em seguida pelas regras que garantem o bom funcionamento da sociedade. Dessa forma, a mulher e o homem se constituem em um só corpo, um amálgama da pureza, onde qualquer deslize por parte de um dos dois pode acarretar vários danos ao seio familiar. São relações que foram construídas ao longo do tempo para seguir o prisma do utilitarismo, na medida em que a referida união dos corpos se concretizava não apenas em uma união formal, mais também corroborava para a “perpetuação da espécie”<sup>23</sup>. Nesse espaço concebido aos bons costumes, a honra deveria ser obrigatoriamente respeitada para que não se maculasse os princípios de virtude. Entre os séculos XVI e XVIII na

---

<sup>22</sup> Na prisão de Vincennes em 1777, Sade escreve a sua sogra, pivô de sua prisão: “Por favor, senhora não confunda nunca meu caso com minha prisão: vós colocareis um fim ao meu caso em nome de meus filhos, e a prisão que vós alugueis ser indispensável para minha correção, só se justifica com uma exigência de vossa vingança” SADE, *Cartas de Vincennes*, 2009, p.48

<sup>23</sup> Ver MARCUSE, *Eros E Civilização*, 1974, Zahar

França, essa prática era submetida por uma intensa vigilância por parte dos poderes civis e religiosos. O julgamento do padre poderia cobrir alguém de infâmia: “ele recusa a comunhão aos dissolutos e interdita o cemitério aos ‘libertinos’” (FARGE, 1995, p.576).

Assim sendo, essa política exprime uma ordem familiar cuja norma denuncia o adultério, o concubinato ou a gravidez ilegítima. O rompimento de tal contrato acarretava sem dúvida coerções:

Romper as leis do casamento ou procurar prazeres estranhos mereciam de qualquer modo, condenação. Na lista dos pecados graves (...) figuravam o estupro, o adultério, o rapto, o incesto espiritual e carnal e também a sodomia ou a ‘carícia’ recíproca. Quanto aos tribunais, podiam condenar tanto a homossexualidade, quanto a infidelidade (FOUCAULT, 2003, p.39).

Durante muito tempo, tudo o que se refere ao casamento esteve submetido a meticulosa vigilância, tanto nos vilarejos como nos bairros urbanos. Esse controle se exercerá sobre toda a vida dos conjugues, tentando definir - e censurar sempre que necessário – o que “não se fez”. O rumor, a denúncia discreta ou espetacular, e os insultos constituíram moeda corrente, porém até o último século do Antigo Regime, e em meios muito diversos. É nesse universo de proibições e limites que Sade encarou o fenômeno do casamento, juntamente com todas as regras que lhe serão impostas daí por diante pela consciência severa de sua sogra, pivô de sua detenção e que a ela sempre disparará farpas por meio de suas narrativas impiedosas.

Este rito se estabelecia como um contrato decisivo, formulando um julgamento de conduta. Entre os séculos XIV e XVIII a prática do casamento era submetida, - como foi dito anteriormente -, por uma dura censura pelos poderes religiosos e civis, que depois de 1650 se unem para em nome da “decência” proibir as “algazarras”. Na França, após 1740 o número de queixas e casos judiciais em relação ao matrimônio aumentou de forma considerável. Assim sendo, a honra das moças passava por um severo crivo, devendo ser respeitada:

Na primeira fase da juventude, a honra das moças constitui, pois, o único objeto de censura. Por ocasião do casamento, a ênfase se desloca, a união dos noivos passa para o primeiro plano, incluindo todo um conjunto de Exigências. A

primeira é a recomendação dos conjugues pela recomendação da igreja (FABRE, 1995, p.545).

O casamento de Sade com Renée Pelagie, uma jovem aristocrata, se consolidou como a maioria dos casamentos da época, num acordo cujos interesses financeiros figuravam acima de qualquer imperativo. Não por coincidência a família da referida esposa gozava de uma riqueza considerável, pois era proprietária de uma vasta extensão de terras nos arredores de Paris. Vale salientar também, que tal união era ungida pelo Rei, este sendo portador do direito divino:

O dote de Renée era considerável: 305.000 libras de um avô, Annetheresé de Coezer (...) sem contar outras vantagens: Os Condé tinham falado com o Rei: sua majestade aprovava o casamento. Melhor ainda: abençoava-o (ENDORE, 1967, p.25).

A relação de Sade com sua esposa em seio matrimonial se dará sob a severa vigilância de sua sogra, que prezando das mesmas características de sua mãe – no que se refere à normatização religiosa – não tardará a tentar mantê-lo sob o seu controle: “A Presidenta decidirá instalar o jovem casal em sua residência. Assim, ela o teria ‘bem a vista’. Como resistir a tanta autoridade? Era preciso concordar ou romper” (DESBORÉDES, 1968, p. 28). A família, portanto, como medida e modalidade de controle, emprega os mais variados mecanismos disciplinares para assegurar a “paz” em seu lar. Entretanto, reconhecendo que toda relação conjugal não passa de uma obrigação contratual pautada nos discursos obrigacionais e em muitos casos na severidade, Sade não demorará a estabelecer uma ruptura com essas amarras, se entregando a seus prazeres fora desse espaço matrimonial que lhe foi destinado. Essa postura de evasão a tal ordem culminará nos seus primeiros embates com as leis racionais do Estado:

(...) Poucos meses após seu casamento, a conduta de Sade já era suficientemente repreensível para chamar a atenção das autoridades. Os relatos referentes a sua vida dissoluta em Paris foram compilados pelo Inspetor de Policia Marais, membro do que seria hoje denominado a policia dos costumes ( ENDORE, 1967, p.50).

Quando a honra de uma família era, no século XVIII, severamente ameaçada pelas falhas de um de seus membros (filho devasso, esposo libertino, marido bêbado), e quando a admoestação do comissário não surge efeito, ela pode apresentar queixa formal contra o faltoso e exigir que seja julgado e punido em

público. Sem pestanejar, sua sogra sentindo seu ninho ameaçado pela devassidão de seu genro, pede ao rei imediatamente a sua prisão, concebida pelo temeroso dispositivo do soberano intitulado *Lettre de Cachet*.<sup>24</sup> Em pleno coração do século XVIII, essa forma arbitrária da autoridade real vai se constituir em uma benção para as famílias que as voltas com a “libertinagem” desonrosa de um de seus membros, desejava evitar qualquer infâmia em seu nome. As famílias assim interiorizam o discurso do soberano que está pautado na ordem. Nesse sentido, os dois dispositivos se entrelaçam: “Rei e pai se associam para que a família estabeleça sua harmonia com os outros e para que reine a tranqüilidade” (FARGE, 1995, p. 606).

O crime de Sade é o da “sodomia<sup>25</sup>”, conceito forjado pelos cânones religiosos na Antiguidade e reforçado na era moderna pelos mecanismos disciplinares do Estado Absoluto na França no século XVIII, onde o príncipe agia por trás da máscara do direito divino. O destino do infrator será então o castigo, pois esse conceito carrega em si uma determinada noção de falta, onde o sujeito infrator deve pagar sua dívida para com a sociedade:

Castigo, declaração de guerra e medida de policia contra o inimigo da paz, da lei, da ordem, da autoridade, violador dos tratados que garantem a existência da sociedade, perigoso, rebelde, traidor, a quem há de se combater por todos os meios que a guerra dispõe (NIETZSCHE, 1953, p.79).

Portanto, depois de passar por um lapidamento severo tanto no corpo como na alma por padres jesuítas representantes da Contra Reforma, de ter como genitora uma mulher castradora de seus instintos, ser submetido a aceitar obrigatoriamente uma convenção matrimonial cuja vigilância da sogra era constante, - a qual determinou sua detenção -, Sade se vê agora perante o choque das legislações racionais de seu tempo, o qual enunciará mais tarde por via de cartas endereçadas a amigos e parentes:

Estive em dezoito prisões durante um total de mais de um quarto de século e nunca compareço perante um juiz. E isto numa terra onde se orgulha de seu espírito cristão, de sua civilização avançada, de sua caridade, de sua generosidade, de seus Direitos do Homem, de seu sistema jurídico (SADE apud ENDORE, 1967, p.69).

---

<sup>24</sup> No Antigo Regime designava uma ordem do rei para encarcerar algum indivíduo infrator da ordem pública.

<sup>25</sup> Palavra de origem bíblica para designar as “perversões sexuais”. No século XVIII o Código Criminal provinha em linha reta da jurisprudência da Idade Média, na qual a Inquisição punia com o fogo essa prática. DESBORDES, *O Verdadeiro Rosto do Marquês de Sade*, 1968, p. 94.

Colocando em questão os poderes arbitrários de sua época, o autor de *Os 120 dias de Sodoma* expressa aqui sua lucidez através das mais variadas epístolas. O afloramento para o desenvolvimento de sua escrita é questão de tempo. E dentro dos cárceres da França que Sade conduzirá seus discursos ácidos e corrosivos sem poupar ninguém nem medir esforços quando o assunto é descarregar a revolta violenta através das páginas de seus contos, ensaios e romances. Dessa forma, não há poder que acarrete em seguida um impulso voltado para uma latente resistência. Então, agoniza um homem e nasce um escritor. Na escrita de Sade encontramos a renovação da tragédia moderna, o renascimento da linguagem blasfêmica e profana que esteve durante certo tempo aprisionada por um tipo de saber totalizante e racional. Seus variados anos de reclusão são significativos, tendo em vista que ele carrega consigo uma vontade de poder dionisíaca que leva a dissolução de tudo aquilo que se constitua como moralidade. O século de Sade viu nascer uma disseminação discursiva em relação à sexualidade<sup>26</sup>, onde as relações íntimas foram submetidas à objeto de inúmeros saberes que pautados em códigos de conduta instituíram regimes de verdade sobre as mais variadas formas de prazer. Nesse espaço, o sexo tornou-se então um caso de “polícia”, e a libertinagem enquanto forma rebelde de deslocamento de identidades recebeu os estigmas das mais variadas classificações, sendo em seguida demarcada para o lado do desvio e da insanidade. Em sua essência a libertinagem figura como uma racionalidade às avessas, onde o sujeito que dela faz parte, escraviza o seu espírito às mais variadas paixões irracionais, associando a ela a palavra violenta contra todo imperativo religioso que se apresente como interdito. O libertino assim, sem um suporte moral ou religioso é agora um estranho no ninho. Seu destino será os cárceres morais das prisões e dos hospícios<sup>27</sup>.

### **1.3 A RAZÃO COMO ARMA – O LUGAR DE SADE**

*Ritos estranhos instituem-se sob o nome de sacramentos. O mais*

---

<sup>26</sup> Segundo Foucault, a partir do século XVII o sexo foi obrigado a se confessar. *História da Sexualidade* V.I. 2003, p 23.

<sup>27</sup> “O tente de polícia tem o direito absoluto de prender sem processo qualquer pessoa que se entrega á devassidão pública (...) o Internamento e todo regime policial que envolve, serve para controlar uma certa ordem na estrutura familiar, que vale ao mesmo tempo como regra social e norma da Razão”. Foucault. *História da Loucura na Idade Clássica*. 2002, p. 90.

*indigno e o mais abominável dos  
quais é aquele pelo qual um  
padre, coberto de crimes, tem,  
contudo, em virtude de algumas  
palavras mágicas o poder de  
fazer chegar Deus a um pedaço  
de pão.  
(Sade)*

O Século XVIII foi responsável pela difusão na linguagem de expressões como “verdade natural”, e “razão natural”, fazendo crescer os conflitos entre uma “natureza mãe” e um “Deus Pai”, ocasionando assim, o desenvolvimento de um forte sentimento anticlerical, uma postura a - religiosa, que através das diferentes formas de ateísmo buscará destronar a divindade do seu lugar privilegiado, dando a natureza uma lugar de destaque. Estamos falando do século das Luzes, do terreno do Marquês de Sade.

Apesar de sua filiação a aristocracia feudal, ele carrega em sua consciência a racionalidade que estava imbuída em sua época: “O divino Marquês de Sade filia-se ao materialismo de Holbach, e atribui um papel preponderante às paixões, de acordo com a psicologia de seu tempo: em suma, ele é um legítimo filho das Luzes” (ROUANET, 1998, p.213).

O Iluminismo foi um movimento de pensamento europeu característico da segunda metade deste século, especificamente na França. Abrange não só o pensamento filosófico, mas também as artes, sobretudo a literatura, e a doutrina política. Seus principais representantes são Jean Jacques Rousseau, Voltaire, Diderot, Montesquieu, La Matrie e Condorcet. Esses pensadores substituíram a onipotência divina celeste pela onipotência de uma razão terrena, abalando assim, os alicerces do cristianismo. Antes, nunca foram publicadas tantas obras contra a religião. A idéia de natureza transformou-se no século XVIII na válvula de escape para o desenvolvimento do pensamento materialista:

Começava, assim, a constituição de uma religião natural, na qual seria reservado a Deus um espaço tão longínquo que este estaria impedido de arruinar o pensamento humano (...) a tradição libertina em muito contribuiu para a constituição de uma filosofia atéia (GIANNATTASIO, 2000, p.123).

A visão tradicionalista, de uma natureza finalista e teológica por definição, era típica de um universo mental marcado pela revelação. Pouco a pouco essa visão perdeu terreno diante do avanço materialista de encarar a realidade das coisas. Ao

longo desse embate produziu-se uma nova concepção de mundo e do homem, essencialmente terrena e humana. Desse modo, o pressuposto básico do iluminismo afirmava que todos os homens são dotados de Luz natural, de uma racionalidade, de uma capacidade inerente de adquirir conhecimento, capaz de levá-los assim, a “apreensão do Real para a realização de seus fins”. Trata-se de uma maneira dessacralizadora na arte de pensar, que levará seus representantes a uma atitude de inquietação acerca de alguns problemas de sua época, um desses, a intolerância religiosa:

Um dos aspectos mais conhecidos e evidentes da secularização foi o desenvolvimento da crítica as crenças e práticas religiosas, em nome da razão e da liberdade de pensamento (...). A tradição do radicalismo anticlerical levou às leituras da secularização em bases antitéticas: razão *versus* religião ou natural *versus* sobrenatural (FALCON, 1986, p.33).

Podemos perceber esse ambiente de descrença que permeou tal século através de inúmeras obras. Resumiremos aqui focalizando um pequeno trecho do discurso de Sade:

Não tenhamos mais fé nos dogmas do paraíso do que nos do inferno: Ambos são invenções atroztes de tiranos religiosos que pretendiam acorrentar a opinião dos homens e mantê-los curvados sob o jugo despótico dos soberanos (SADE, 2001, p.55)

Dessa forma, os pensadores dessa época na Europa, se inspiravam muito em uma idéia que concebia o mundo enquanto um fenômeno orgânico e natural, longe de qualquer interpretação metafísica ou supra-lunar. A religião então, que ocupava um lugar quase que hegemônico, terá suas certezas abaladas por esses novos saberes que aqui emergem, estes fincando agora, as bases da secularização no ocidente. Nesse sentido, o século XVIII guardou da herança de Descartes a dúvida metódica e a recusa no acreditar, conservando conseqüentemente uma tendência e um hábito de não se inclinar perante qualquer autoridade, seja ela qual for. Essa nova mudança de paradigma na ordem dos saberes, fez surgir novas relações no campo da intelectualidade, na medida em que apareceram várias interpretações sobre o mundo e o homem. Surge então, um devir histórico, onde as fontes rebeldes da Antiguidade<sup>28</sup> que buscavam sempre afastar os deuses e o medo

---

<sup>28</sup> Os libertinos do século XVIII eram grandes leitores da obra *Da Natureza* do poeta latino Lucrecio.

serão agora retomadas. O atomismo de pensadores como Lucrecio e Epicuro será mesclado às teorias dos pensadores iluministas e libertinos:

O século das Luzes é tratado como um período de resgate da Antiguidade Clássica, para uma crítica dos valores produzidos pelo Antigo Regime, visando a construção de uma noiva síntese, e identificando –a com a modernidade. Temos assim um tempo carregado de sentidos; passado, presente e futuro agrupados na riqueza sintética de um tempo (GIANNATTASIO, 2000, p.20).

O mundo agora toma a forma de uma imensa máquina .Tal concepção de universo foi adotada pela maioria dos contemporâneos de Sade, com algumas ressalvas. Grande parte deles conservou Deus, outros como o autor de *Justine*, crendo que o movimento e suas leis eram inerentes apenas a matéria, considerou a divindade como algo inútil, vendo em sua sombra apenas um instrumento de poder no qual os poderosos se deleitam para instituir suas regras no seio do corpo social. Esse novo saber tinha a ambição de tornar tudo claro, - um exemplo é a metáfora das Luzes – concreto e mensurável, apresentando assim, como princípio fundamental a idéia de natureza como força motora que cria e destrói. As divindades, portanto, que há muito tempo assolava as consciências dos sujeitos, instituindo neles um elemento disciplinador, perderão a unidade que conquistaram durante anos, sendo conseqüentemente destronadas. Dessa forma, estavam abertas as portas da dessacralização no século XVIII:

Rechaçava, pois, por sua vez, as qualidades ocultas, essenciais, (...) e outras 'virtudes dormitivas' com que os escolásticos haviam datados todos os fenômenos físicos, a fim de explicá-las por meio de um jogo de palavras (...). Como a vontade de Deus se exerce apenas mediante leis imensuráveis, a crença nos espíritos, nos anjos, nos milagres, na providência, as crenças populares e o cristianismo, sofriam, assim, ao mesmo tempo, um abalo (LABROUSSE, 1968, p.18).

Será em sintonia com esse ambiente que Sade desenvolverá seu ateísmo. Um materialismo extremo, baseado nas reflexões do corpo e da mente, que o conduzirá a destruição de qualquer codificação moral, colocando, por conseguinte, a natureza no lugar antes ocupado pelo Deus cristão. Dessa forma, o libertino está disposto a cometer qualquer crime em nome do erotismo, pois, “por ser a irreligiosidade fonte de imoralidade, o libertino de espírito é, portanto, ao mesmo

tempo um devasso e um depravado, já que o descrente não poderia ter moral” (TROUSSON, 1966, p.166).

A obra do Marquês de Sade está voltada para uma crítica radical e impiedosa contra a moral e a religião de sua época. Em face da densidade de seus textos, apresentaremos no capítulo aqui trabalhado as peculiaridades de seu pensamento em uma obra: *A Filosofia na Alcova*<sup>29</sup>. Através dos enunciados desse texto, observaremos as mais variadas cenas de transgressão e contestação de um autor que buscava sempre uma tentativa de libertar os sujeitos das diversas formas de empecilho que se consolidaram como instrumentos de poder, tanto no sentido de esboçar um controle sobre o corpo como da alma. Além disso, o “divino Marquês”, ganha mais uma importância na medida em que se apresenta como um dos primeiros escritores a levar a literatura a caminhos indefinidos ao nível da transgressão e da descontinuidade, tirando dela - em seu projeto exaustivo de dissertar - qualquer tipo de amarra, no sentido de aniquilar os códigos instituídos da linguagem.

#### **1.4 A FILOSOFIA NA ALCOVA – “BLASFÊMIAS E LIBERTINAGEM COMO CONTRA – PODER”**

*Seria um absurdo querer prescrever leis universais; esse procedimento seria tão ridículo quanto o de um general de exercito que quisesse que todos os seus soldados se vestissem com um traje feito sob a mesma medida.  
(Sade)*

O romance *A Filosofia na Alcova* foi produzido em 1795. Nessa época, a Revolução já estava consolidada na França e o mundo era um lugar muito diferente. O mapa da Europa já não era estabelecido segundo as ambições dinásticas concorrentes das antigas casas monárquicas. A Revolução Francesa conseguiu abolir os privilégios feudais aprovando em seguida a Declaração dos Direitos do Homem. Essa declaração era a síntese da concepção burguesa da sociedade: instituiu-se a igualdade jurídica entre os homens e também assegurava-se o direito inviolável da propriedade privada.

---

<sup>29</sup> Produzida em 1795, a obra representa um ataque à República instaurada por Robespierre na França. Nela observaremos críticas contundentes contra a virtude, a moralidade, o casamento, O Ser Supremo.

Em 1793 o rei Luís XVI havia sido condenado à morte pelos votos da maioria dos deputados. Posteriormente, foi criado um comitê de Salvação Nacional com poderes de condenar a morte na guilhotina qualquer pessoa suspeita de conspirar contra o governo. Os girondinos foram presos de surpresa pelos montanheses, sendo vinte e um deles guilhotinados. Robespierre, cognominado o “incorrutível” era quem dominava a comuna e a junta de Salvação Pública, tornado-se então o “senhor da França”

Enquanto eliminava seus adversários mandando-os para a guilhotina, Robespierre tentava “regenerar” a sociedade com os princípios deístas<sup>30</sup> de Rousseau, onde substituíra o malogrado “Culto da Razão” pela crença no “Ser Supremo”, cuja existência foi até reconhecida por decreto

Por esse motivo, esse período da Revolução Francesa ficou conhecido como a época do Terror. A liberdade então estava ameaçada. Assim, nesse espaço de repressão não haveria lugar para as vozes discordantes que clamavam pela liberdade:

O problema do Terror era que o incansável empenho de preservar e proteger a liberdade pessoal era também a máquina de destruição desse mesmo bem. De que serve a liberdade, afinal, se não se pode discordar? (ANDRESS, 2009, p.435)

Algum tempo depois do degolamento do rei, Sade começou a ser visto como anti-patriótico e contra-revolucionário, e o Comitê de Segurança Pública começou a ouvir rumores de que ele era culpado de opinar que a utopia que o novo regime se propunha era na verdade um sistema de crueldades. Assim sendo, ele será novamente encarcerado, sendo transferido para a prisão de Picpus. Em sua cela, ele comenta os horrores perpetrados pelos revolucionários:

Sei que mais tarde me acusarão de ter *exagerado* na dose em meus escritos. É que ninguém terá visto o que vi com meus olhos, terá ouvido o que ouvi com meus ouvidos, terá tocado o que toquei com minhas mãos. Liberdade? Ninguém nunca foi menos livre, dir-se-ia um rio de sonâmbulos. Igualdade? Não há nenhuma igualdade, há não ser a das cabeças decepadas. Fraternidade? A delação nunca foi tão ativa (SADE apud Sollers, 2001, p.73)

---

<sup>30</sup> Termo que no século XVIII dizia respeito aos pensadores que acreditavam em Deus.

Com a instalação do terror, escrever na França revolucionária deveria seguir o prisma dos valores democráticos racionais e patrióticos, emblemas que Sade desconhecia por completo. Como era um homem aristocrata, desvencilhado desse regime, sua escrita corroborava sempre para um arrombamento em face dos valores que ali nascia: as leis universais, o modelo democrático calcado na “igualdade”, a virtude, a governamentalidade dos sujeitos.

Instalou-se depois da Revolução, uma nova ordem baseada nos preceitos burgueses, onde a ética agora pronunciada é a que todos os homens são iguais perante a lei, intuito-se assim a noção de contrato social, onde a democracia, alicerçada no coletivismo ditava as regras do jogo. Sade, assim, é lúcido ao afirmar seu repúdio a esse novo sistema:

Sou anti- jacobino. Odei-os até a morte. Adoro o Rei, mas detesto os antigos abusos; gosto de uma infinidade dos artigos da Constituição, outros me revoltam. Quero que dêem a nobreza seu esplendor. Que sou eu agora? Aristocrata ou democrata? Queira dizer-me, por favor, porque cá por mim nada sei (SADE apud DESBORDES, 1968, p.2109).

Portanto, um escritor como esse não interessava ao Novo Regime. As palavras escritas deveriam se alinhar conforme as regras desse novo governo. A libertinagem, contida na obra de Sade minava por completo com os ideais da nova República que ali emergia, pois estava embutida nela uma espécie de “desatino” que desfigurava a lógica racional desse sistema baseado na moral e no republicanismo. A libertinagem na época que floresceram as luzes viveu uma existência obscura, pois representava um verdadeiro panfleto contra os filósofos acadêmicos. Depois do Século XVIII ela receberá um estatuto do tipo policial entre os muros do internamento<sup>31</sup>

Além disso, nesse momento, quando o Terror se instala na França, sob o comando de Robespierre, com a Guilhotina funcionando a toda, decapitando todos aqueles que tivessem algum tipo de ligação com o Antigo Regime, ser ateu confesso era oferecer o pescoço à lamina de Sanson, “o carrasco sanguinário da Revolução que, segundo consta, teria chegado a cortar num dia 54 cabeças em apenas 24 minutos” (SALIBA,2006,p.40)

---

<sup>31</sup> “A libertinagem deslizou agora para o lado da insanidade. E o que ela designa não é o livre pensamento, nem a liberdade de costumes, mas um estado de servidão onde a razão se torna escrava dos desejos do coração”. Ver *O Mundo correccional* Foucault, *História da Loucura na Idade clássica*, 2002, p.101.

Então, é através das mais variadas obras libertárias, produzidas na maioria das vezes na prisão, que Sade tenta se colocar contra os valores da república jacobina que ali emergia: a virtude, a moralidade, assim como todos os ideais estabelecidos em 1795 na França. Escrito na forma de uma peça, a obra enuncia a educação da jovem Eugênia Mistival, tendo como mestres Madame de Saint - Angie e Dolmancé, dois dos “personagens mais depravados da história do teatro”. As lições incluem todos os tipos de práticas sexuais, com demonstrações sempre coroadas por orgasmos filosóficos, já que durante todo tempo os personagens dialogam não só sobre o sexo, mas também acerca de assuntos como religião, política e direito. A obra é uma apologia à liberdade<sup>32</sup> individual. - postura ameaçada na época- levando o conceito ao extremo, onde qualquer crime ou pecado pode ser justificável com base no prazer, desdenhando qualquer restrição social.

Os sujeitos que formam a referida obra simbolizam um impulso voltado para o desregramento frente aos valores que os cercam. Notaremos assim, indivíduos que se movem dos espaços definidores dos saberes, tendo em seu pensamento, o espírito dionisíaco como arma frente a qualquer controle que venha interferir em seus desejos. Para tanto, é pertinente esboçar aqui um resumo acerca de algumas instâncias de micro- poderes normativos que se configuraram na época em que o presente texto foi escrito, para se entender, como esses indivíduos travaram seus embates com essas estratégias.

Enquanto as culturas da Índia e Japão, entre outras, desenvolveram uma arte erótica, nossa civilização fez do corpo um objeto de poder do Estado<sup>33</sup>. Depois do século XVIII se desenvolveu na Europa vários processos no sentido de revelar a verdade sobre o sexo, que posteriormente ordenou-se em função de uma certa forma de saber-poder diametralmente oposta a arte erótica. Essa problemática da colocação do sexo na mira do discurso teve seus primórdios na tradição monástica. A partir da modernidade, consolidaram-se de forma intensiva, vários dispositivos de controle cujo enfoque dirigia-se, sobretudo nas relações conjugais, buscando-se assim, não só uma medida de policiar as condutas do indivíduo, mas acima de tudo um agenciamento fundado em uma política da gestação e da saúde do corpo, como lembra Foucault:

---

<sup>32</sup> A modernidade que nos foi legada pela Revolução Francesa estava ferida pelo Terror, assim “o preço da liberdade seria a eterna vigilância!”. Ver *O terror*. D. A ndress, 2009, p. 18.

<sup>33</sup> Ver Foucault: *sexo e verdade O confronto político em torno da vida*. Revista Mente e Cérebro, 2007.

Cumpra-se falar de sexo como uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga apenas, administra-se. Subleva-se ao poder público; exige procedimentos de gestão. No século XVIII o sexo se torna caso de polícia (FOUCAULT, 2003, p.27).

Percebe-se assim, a regularização da sexualidade por meio de discursos úteis. Uma das grandes tecnologias imbuídas nas novas técnicas de poder desse contexto foi o surgimento da “população” como problema econômico e político: população riqueza, população mão-de-obra ou capacidade de trabalho. Os governos dessa forma sentem a necessidade de lidar não apenas com um determinado sujeito, mas com o “povo” de maneira geral, ou seja, com fenômenos específicos como a natalidade e a fecundidade.

É assim, nesse universo de transição e choque, onde a confissão cedeu lugar ao discurso racional de uma verdade sobre o prazer, que Sade está cercado. O escritor se sentirá acuado em meio a esse mundo onde o desejo desenfreado é posto sob o estigma das demarcações, das classificações e alvo de punições. Sade só terá o imaginário como forma catalisadora do prazer. Entretanto, sua escrita aqui assumirá um papel importante, na medida em que os seus personagens expressarão os variados deslocamentos contra os poderes que condicionaram a exclusão de seu criador.

Na referida obra, os “libertinos” de Sade carregam em si posturas corporais e ideologias de combate frente aos obstáculos que impliquem na sua felicidade erótica, ou seja, nas formas mais variadas de prazer que assegurem uma liberdade desregrada. Trata-se, sobretudo, de uma anti-educação dirigida a Eugênia, cuja função está assentada nas bases amorais e iconoclastas em detrimento aos valores religiosos da época. A mulher aqui é tratada como sujeito emancipado, que estando entrelaçada na teia da filosofia das Luzes, não tarda em exaltar seus desejos, longe de qualquer preocupação virtuosa. Mme de Saint-Angie assim explana a sua “alma corrompida”:

Aos vinte e seis anos, eu já devia ser devota e não passo da mais dissoluta das mulheres... Ninguém faz idéia daquilo que concebo meu amigo, daquilo que eu gostaria de fazer (...) os prazeres de que eu queria privar-me me vieram se oferecer com ainda mais ardor ao meu espírito, e vi que quando, como

eu, se nasce para a libertinagem é inútil pensar em se impor freios: ardentes desejos logo os rompem ( SADE, 1992, p. 09).

Contra a idéia de se manter sob uma vigilância que lhe condene a uma identidade religiosa, casta e homogenia, o sujeito discursivo, mostra assim, sua rejeição aos ditames da espiritualidade, deslocando dessa forma as instâncias do poder pastoral calcados no cristianismo. Trata-se de sujeitos inseridos em uma dada exterioridade onde o materialismo dava seus solapamentos no sentido de extirpar os temores sobrenaturais. O meio evocado aqui é o de uma aristocracia atenta a distinguir-se da virtuosidade de uma classe que estava emergindo: a burguesia. O burguês, assim, está ausente desse espaço, pois o sistema de devassidão que portam os libertinos afeta sua concepção de sentimento.

O desenrolar da obra expressa a tentativa de uma instrução não mais pautada nos valores racionais do Estado Republicano instaurado pela Revolução de 1789 ou tampouco nos valores morais do setor familiar. Ao contrário, os personagens que figuram como preceptores da jovem, buscarão constantemente deslocar estas formas disciplinares para se chegar ao triunfo, que é ensinar Eugenia a seguir os mais ardentes impulsos do erotismo. O espaço onde se acentua as cenas de transgressão é a alcova, um lugar fechado, onde o sexo pertencia à vida privada do indivíduo.<sup>34</sup> Os poderes de higienização dos costumes ainda não tinham se perpetrado de forma homogenia na sociedade francesa do século XVIII.

O projeto de medicina social estava vinculado à Revolução burguesa, à criação de um Estado democrático. Porém, ainda nesse momento, a mão zelosa da moral ascética não tinha tocado a fundo nos costumes aqui apresentados. Assim, Mme Saint-Angie enuncia como se processará a educação destinada a Eugenia, tendo como ajudante o incrédulo Dolmancé:

Dolmancé e eu colocaremos nessa linda cabecinha todos os princípios da mais desenfreada libertinagem, nós a incendiaremos com o nosso ardor, nutri-la-emos com a nossa filosofia, inspirar-lhe-emos os nossos desejos (SADE, 1992, p15).

Encontramos, portanto, sujeitos que se movimentam com desenvoltura em um ambiente onde as palavras de ordem são: sedução, prazer, e descrença.

---

<sup>34</sup> A intimidade no século XVIII exigia locais isolados, espaços apertados, onde se encontrava a solidão e o silêncio. Os quartos ofereciam tais refúgios, porque escondem “o que já não deve ou pode ser mostrado” ver As formas de Privatização. J. Ravel, *História da Vida Privada v. 3*

Mentalidades que se afirmam livres das amarras da moral dominante, construindo discursos sofisticados que justifiquem a perpetuação de seus prazeres. Para a consolidação do prazer em um nível extremo, é preciso ao libertino evocar uma dissertação que provoque no seu parceiro – por meio da racionalidade – a aniquilação da divindade. A religião, pautada nos imperativos da moral, é aos olhos dele, um instrumento cerceador de seus desejos infinitos. Sade, na forma de sujeito discursivo, coloca assim, na figura de Dolmancé o discurso que refuta a virtude, que seria nada mais do que os bons princípios racionais que foram instaurados pela República jacobina.

DOLMANCÉ – A virtude não passa de uma quimera, cujo culto consiste tão só em imolações perpétuas, revoltas sem nome contra as inspirações do pensamento. É preciso ter perdido o juízo para acreditar na divindade. Fruto do terror de uns e da fraqueza de outros, esse abominável fantasma, Eugênia, é inútil ao sistema da terra, ele infalivelmente o prejudicaria (SADE, 1992, p.39).

Por esse recorte percebemos os rostos que aparecem: sujeitos construídos por instâncias de saberes, no qual se aproveitando desses saberes, os usam como arma de revolta, no sentido de deslocar os discursos centralizadores das religiões que tentam subjugar-los a uma identidade calcada nas regras da religião. Jamais Sade fala bem de Deus no universo privado e mundano da libertinagem setecentista, pelo fato dos libertinos encararem a religião como um empecilho aos seus prazeres corporais.

Além desse conceito filosófico como força enraizada da natureza, cujo foco está em destruir as convenções, nota-se também o fenômeno da descrença agindo como contra-poder. O libertino é assim, um amoral, um provocador debochado, na medida em que estremece a ordem canônica, levando-a, por conseguinte aos limites da desconfiança. As blasfêmias de Dolmancé ou o ateísmo de forma geral é encarado como um insulto violento contra as forças que clamam por uma identidade centrada no sagrado. Destarte, essa vontade de saber que Sade coloca no enunciado de seu filósofo devasso acarreta interditos, pois nem sempre o discurso “maldito” é bem acolhido numa sociedade hierarquizada formada de procedimentos de verdade. O ateu assim identifica-se com um contestador da ordem:

(...) O ateu é o imoralista, o amoral, a personagem imunda da qual se torna condenável querer saber mais ou estudar os

livros uma vez lançado o epíteto. Funciona como a engrenagem de uma máquina de guerra lançada contra tudo que não funciona no registro da mais pura ortodoxia católica, apostólica e romana (ONFRAY, 2007, p.12).

A revolta de Dolmancé não para por aí. É preciso ao libertino dissertar, falar, transgredir, apagar a palavra escrita para que o mundo se aflore esterilizado das regras disciplinares. Para que Eugênia no momento erótico renuncie de sua mente qualquer sentimento de culpa ou medo que possa levá-la a ao remorso após as cenas de orgia, será necessário arrancar dela, tudo que ainda estiver arraigado na sua identidade, no que se refere aos valores sagrados. Todos os libertinos de Sade são meticulosos nos atos da libertinagem, todos guardam em mente um poder dissertativo no qual o refinamento das palavras aponta em seguida para a violência racional. Dolmancé, assim, não poupa nada em seu discurso quando se é para uma boa causa: a liberdade da alma:

Profanar as relíquias, as imagens dos santos, a hóstia, o crucifixo, tudo isso, aos olhos do filósofo, deve ser somente o que seria a degradação de uma estátua pagã. Uma vez que se tenha lançado ao desprezo essas execráveis bagatelas, deve-se aí deixá-las, sem mais preocupar-se com elas (...) não se deve poupar nada, é preciso que as palavras escandalizem o máximo possível (SADE, 1992, p.91).

Dessa forma, o sujeito libertino prepara o terreno para o prazer, este se apresentando ausente de qualquer sentimentalismo ético. Dolmancé e Saint-Angie conduzirão o erotismo ao limite máximo, sem que nenhum procedimento de controle impeça os seus projetos. Depois das blasfêmias mescladas com a cultura filosófica materialista, cujos poderes de resistência conseguiram aniquilar todos os preconceitos e temores de Eugenia, os libertinos agora preparam o grande teatro das orgias, onde as cenas que serão apresentadas ocorrem na alcova da residência de Mme Saint – Angie.

Esses indivíduos usam o setor privado como forma de não se sujeitarem aos dispositivos que emanaram na França em meados do século XVIII. O quarto é então um lugar de deleite, o palco do prazer onde a mão virtuosa e o discurso público normativo não adentraram. Sade é lúcido ao enfatizar certo silêncio em sua obra acerca de se cometer o ato sexual no setor público. Ele nunca enuncia, através de seus personagens, práticas sexuais e tampouco as blasfêmias violentas neste espaço. Provavelmente o autor de *Justine* tinha clareza do que poderia acontecer se

essas formas de subjetividade rebelde fossem disseminadas entre a sociedade. Fazemos de seu silêncio palavras, pois é dele que também podemos apreender os sentidos. Assim, uma de suas personagens alerta para o perigo, estando temerosa com as leis da época: “Enquanto as leis forem como hoje são, usemos de alguns véus; a opinião nos obriga a isso; mas compensemos em silêncio essa castidade cruel que somos obrigadas a ter em público” (SADE, 1992, p.51).

Tal recalçamento que leva Saint-Angie ao fingimento de suas sensações é fruto das estratégias de controle que emergiram na modernidade, enxergando no ato do prazer apenas uma medida utilitária que corroborasse para a manutenção da espécie humana. É claro que a sexualidade não foi apenas alvo de uma intervenção repressora. Porém, no século XVIII, com o avanço tecnológico impulsionado pela Revolução Industrial, o prazer foi deslocado de sua espontaneidade e demarcado como um elemento ligado necessariamente a gestação, estando dessa forma sob o prisma de uma ideologia da fidelidade monogâmica. O corpo então se via agora condicionado às regras do trabalho. Nesse ínterim, as perversões – que não tinham uma ordenação em prol do bem geral - serão classificadas como práticas “desqualificadas”, pois seu poder orgástico era incompatível com esse mundo de proibições e de labor:

Podemos dizer que, por oposição ao trabalho, a atividade sexual é uma violência que , enquanto impulso imediato, pode perturbar o trabalho: uma coletividade laboriosa não pode, no momento do trabalho, estar à mercê dela (...) desde a origem, a liberdade sexual teve que ser limitada. (...) O homem foi definido por um comportamento sexual submetido a regras e a restrições definidas (BATAILLE, 1980, p.44).

Os libertinos de Sade ao evadirem-se de qualquer compromisso em relação às convenções preparam na alcova uma modalidade de prazer onde o discurso sobre a gestação da vida é posto de lado. Eles assim implodem com as regras ordenadoras que sustentam o casamento, abrindo assim, espaço para uma relação não mais pautada nos projetos futuristas da perpetuação da raça humana. O progresso que clama por uma linearidade é aqui rejeitado, pois o que interessa é o hoje, o aqui e agora, pois o que está em primeiro plano é a felicidade do libertino. Em uma das cenas lúbricas de orgia, o sujeito enunciador libertino disserta à Eugênia sobre a contracepção:

Essas bolas encerram o reservatório dessa semente prolífica de que acabo de falar, e cuja ejaculação no útero da mulher produz a espécie humana; mas vamos nos ater pouco a esses detalhes Eugênia, mas pertinentes à medicina que a libertinagem. Uma moça bonita só deve se preocupar em *foder* e jamais engravidar. Deslizaremos sobre tudo o que se liga ao insípido mecanismo da população para nos ater principalmente e unicamente as voluptuosidades libertinas, cujo espírito não é de modo algum povoador (SADE, 1992, p.28).

Vemos assim a simbologia de um corpo que se recusa a ser tratado como coisa, como objeto de intervenção do saber. O libertino sadiano estabelece um sentimento de repulsa frente aos controles que querem estabelecer sistemas normativos em sua individualidade. Instâncias que se configuraram no século XVIII, sendo uma delas o dispositivo da esterilização do corpo da mulher. A partir daí, esse corpo será detalhado, qualificado ou desqualificado por uma determinada instância do poder médico. Portanto, a identidade feminina ganhará uma nova demarcação por parte desses saberes, sendo conseqüentemente circunscrita e posta em comunicação orgânica com o corpo social, com o espaço familiar e com a vida das crianças. A medicina vai penetrar de forma intensa nos prazeres do casal, inventando um discurso interventor calcado na verdade científica, instituindo a noção de insanidade nas práticas consideradas “incompletas”, além de classificar todas as formas de prazeres que a elas se anexam. É uma ciência essencialmente subordinada aos imperativos da moral, pois “era uma ciência feita de esquivas já que, na incapacidade ou recusa em falar do próprio sexo referia-se, sobretudo às suas aberrações, perversões, extravagâncias excepcionais” (FOUCAULT, 2003, p. 53-54).

De acordo com a linha de pensamento exposta acima, temos além de um universo de proibições, um cenário de classificações pautadas nos mais diferentes bestiários científicos. Seguindo esse raciocínio, os impulsos anárquicos da libertinagem representariam uma postura de deslocamento frente a tais instâncias de demarcação, no momento em que os libertinos simbolizam as forças que resistem e que se apóiam na vida e no homem enquanto ser vivo. Seguindo o texto, a jovem Eugênia, a ser educada nos princípios do prazer, expõe a seu mestre Dolmancé, os temores relacionados aos crimes da sodomia, prática condenada

pelos dispositivos de saber-poder do século XVIII na França<sup>35</sup>. O libertino, entretanto, com sua racionalidade, assegura a jovem a não temer, pois este ato encontra-se untado à natureza. Ele então desconstrói com seu enunciado profano, o saber contido na Santa Escritura:

EUGÊNIA – Não me tranqüilizaste de modo algum sobre o crime enorme que sempre ouvi dizer existir nisso.

DOLMANCE – É que nada é horrível em matéria de libertinagem, porque tudo o que a libertinagem inspira a natureza também o faz (...). Eugênia, mesmo essas não são absolutamente horríveis, e não há uma só delas que não possa se demonstrar na natureza; é certo que aquela de que me falais bela Eugênia, é a mesma relativamente a qual se encontra uma fábula tão singular no insípido romance das Sagradas Escrituras, fastidiosa compilação de um judeu ignorante no cativeiro da Babilônia (SADE, 1992, p.74).

O palco do prazer é também um lugar de fala. O libertino tem em si, além da vontade dionisíaca, um procedimento metódico calcado na Razão, que o ajuda a destruir as origens que foram alicerçadas as verdades milenares. Portanto, não é apressado falar que o discurso corrosivo de Sade se antecipa ao projeto de Nietzsche de elaboração de uma crítica mordaz aos valores morais assentados há muito tempo pelas instâncias religiosas.

Os personagens que enunciam o fervor do desejo precisam da lucidez do intelecto para assegurar os progressos de seus prazeres. Dolmancé assim, não se cansa em corromper a sua aprendiz, levando-a agora a raciocinar sobre o fenômeno do incesto. O devasso esclarecido usa o próprio exemplo das tábuas religiosas para convencer Eugênia:

Raciocinai um momento, Eugênia: como a espécie humana, após as grandes infelicidades experimentadas por nosso globo, pôde se reproduzir senão pelo incesto? Não encontramos o exemplo e mesmo a prova disso nos livros respeitado pelo cristianismo? As famílias de Adão e Noé puderam perpetuar-se de outro modo? (SADE, 1992, p.72).

Vemos assim sujeitos que não se cansam quando o assunto é blasfemar. O ato de transgressão proposto pelos libertinos de Sade assume aqui o caráter da

---

<sup>35</sup> Em 24 de março de 1726, um tenente de polícia em Paris torna público um julgamento por sodomia: “Benjamim é declarado devidamente culpado de ter cometido os crimes de sodomia mencionados no processo. Como reparação, o dito Benjamim é condenado a ser queimado vivo na Place de Gréve, suas cinzas, jogadas ao vento, seus bens confiscados”, Ver Foucault, *O Mundo Correccional*. In: *Historia da Loucura Na Idade Clássica*, 2002, p.87

depuração, na medida em que os mesmos, levando a palavra violenta ao seu clímax, deixariam a alcova figurando como um palco do prazer, onde o erotismo longe de se esquivar perante o discurso ordenador do exterior se consolidaria com maior intensidade, pois a representação da culpa e do medo vai sendo a cada investida de Dolmancé e Mme Saint-Angie execrada para que a jovem Eugênia use e abuse de seu corpo. O desfecho da obra se dá com o triunfo dos sujeitos libertinos pelo fato de terem conduzido a jovem aluna ao experimento das mais variadas formas de prazer em nome da natureza. Sua educação, antes pautada nos dispositivos da família e nos preceitos higienistas galgados em sua época, foram expurgados pelo saber da libertinagem. Satisfeita, ela enuncia sua resistência em detrimento a tais instâncias cerceadoras:

EUGÊNIA – Como me convences meu anjo! Como triunfas sobre meus preconceitos! Como destrói todos os princípios que minha mãe incutiu em mim! (...) Não me apanhareis jamais em falta quando se tratar de libertinagem; ela é agora o meu único Deus, a única regra da minha conduta (*ela fode com Dolmancé*). Assim, meu caro mestre...? Estou fazendo direito...? (SADE, 1992, p.106).

Temos enfim, as mais variadas formas de contra-poder: libertinagem, sodomia, blasfêmias, deboche e incredulidade. O Marquês de Sade funda assim, com seu discurso transgressivo, a linguagem que vai se afirmar mais tarde como “a linguagem moderna”. Trata-se de uma obra cujo enunciado simboliza uma espécie de ruptura no limiar da história, na medida em que a dessacralização que nela está embutida assume uma atitude de ruptura, resistência e arrombamento com o mundo racional e ordenador da modernidade. Ao realizar o desejo livre dos limites na literatura, Sade foi o primeiro pensador a apreender os elementos fundamentais da transgressão da lei moral, pelo fato de associá-la a ereção e a ejaculação.

Enxergamos assim, uma literatura projetada para atingir o “impossível”, no momento em que o autor libertino buscava em suas páginas, sempre um lugar de evasão e de excesso. É um discurso significativo, pelo fato de apontar “a morte de Deus” no ocidente, no qual o autor concebe como o “desaparecimento do limite”, tendo em vista que a noção de divindade se constitui enquanto um código. Dessa forma, a transgressão em Sade agiria como uma contra- linguagem que anularia a linguagem anterior, abrindo assim, espaço para uma transgressão afirmativa que criasse em seguida uma arte revoltada cuja peculiaridade estava na recusa de

qualquer empecilho que agisse como forma de asfixia em relação à vida. Com esse processo de esterilização e apagamento da palavra escrita, o autor de *Os 120 dias de Sodoma* instaurou novos procedimentos de rebeldia que culminaram mais adiante com novas mentalidades que viram na arte um caminho para disseminar a contestação e o inconformismo<sup>36</sup>.

Dessa forma, seria mais que esperado que os poderes de exclusão confiscassem seu discurso entre os muros da prisão. Sade tem em suas páginas uma verdadeira máquina de guerra que implode contra os ditames morais que nasceram em sua época: a virtude instalada depois da Revolução Francesa, O Ser Supremo<sup>37</sup>, a democracia que preconizava uma vontade geral para todos e a restauração dos ideais cristãos. Se o homem público não defendia a Revolução, o homem privado assim assumia o estatuto de corrupto: “as roupas, a linguagem, as atitudes, os serviços prestados(...) tudo se convertia em critério de patriotismo”(PERROT,2010,p.19).

O discurso de Robespierre em 5 de fevereiro de 1794, sobre os Princípios da Moral Política, partia do postulado de que o motor da revolução era a “virtude” e o “terror”. Sendo porta voz do Comitê de Salvação Pública, ele contrapunha as virtudes da Republica aos vícios da monarquia:

Em nosso país queremos substituir o egoísmo pela moral, a honra pela probidade, os usos pelos princípios, as conveniências pelos deveres, a tirania da moda pelo império da razão, o desprezo à desgraça pelo desprezo do vício.  
(ROBESPIERRE apud PERROT, 2010)

Daí então se tem a idéia de que no sistema da Revolução Francesa o que era imoral era apolítico, e, portanto contra-revolucionário. Além do discurso de Sade inferir em tais questões de ordem política, muitos moralistas<sup>38</sup> temiam que romances como estes, semeassem descontentamento, especialmente entre jovens. O perigo estava sobretudo em seus poderes de atração: ao martelar constantemente as

---

<sup>36</sup> O surrealismo, o dadaísmo, os acontecimentos de 1968 na França.

<sup>37</sup> Conjunto de ritos religiosos que se celebrava durante o reinado do terror na França depois da Revolução.

<sup>38</sup> O médico suíço Samuel Tissot ligava a leitura de romances licenciosos à masturbação, que ele pensava provocar uma degeneração física. Ver Hunt, *“Torrente de Emoções” Lendo romances e imaginando igualdade.*

seduções do amor , “ eles estimulavam os leitores a agir segundo seus ‘piores impulsos’, a recusar o conselho dos pais e da igreja”(Hunt,2009,p.50)

Sade, assumindo sua postura transgressiva<sup>39</sup>, toma a forma de um escritor “marginal”. Um escritor marginal é aquele que assume uma atitude de vanguarda e de ruptura com o poder.

Escrevendo numa época onde a moral triunfava sob a fachada da democracia, seu discurso, ao martelar sobre temas considerados ainda tabus para uma sociedade que ainda não estava madura para acolher suas idéias, o “divino Marquês” de certa forma revelava “verdades”, descobrindo relações políticas onde normalmente elas não eram percebidas<sup>40</sup>, se chocando assim com os códigos franceses do final do século XVIII.

Assim sendo, é válido o questionamento do conceito de liberdade que foi galgado depois da Revolução, pois, com a Declaração dos Direitos do homem, um dos lemas seria a liberdade de opinar:

A livre comunicação de pensamentos e opiniões é um dos mais preciosos direitos do homem. Todo cidadão pode, portanto, falar, escrever e publicar livremente, se aceitar a responsabilidade por qualquer abuso dessa liberdade nos termos estabelecidos por essa lei (DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DO HOMEM E DO CIDADÃO apud HUNT, 2009, p.227).

Na verdade, o que se viu foi o contrário. A opinião de indivíduos singulares como Sade, não preenchia os requisitos desse novo Regime calcado na virtude e no cerceamento do indivíduo. Desse modo, certas formas de posicionamento, certas formas de pensar, como a libertinagem, irão em seguida, aparentar-se com a insanidade, sendo seu portador destinado aos cárceres da razão<sup>41</sup>, pois o que ela expressa, não é apenas o libertarismo em si, mas as sujeições aos desejos: “à carne, o dinheiro e as paixões” (FOUCAULT, 2002, p. 101).

---

<sup>39</sup> A transgressão é o princípio duma desordem organizada, na medida em que introduz num mundo organizado algo que o ultrapassa. Ver Bataille. O Erotismo, 1980.

<sup>40</sup> Ver Foucault, *Os Intelectuais e O poder*, In *Microfísica do Poder*, 2004. P. 70

<sup>41</sup> Temos aqui um caso de reclusão por libertinagem no século XVIII: “Se Forcroy foi internado é porque se percebia em sua obra outra coisa: um certo parentesco entre a imoralidade e o erro. O fato de sua obra ser um ataque contra a religião revelava um abandono moral” Ver Foucault, *O Mundo Correccional*, 2003, p.98

## 2. SADE: UM CORPO ESCRITO A FERRO E FOGO NOS MUROS DA PRISÃO

*Peço em nome do rei que seja declarada a contumácia contra o marquês de Sade e contra o seu criado e que sejam acusados e considerados culpados de crime de sodomia. Peço que sejam entregues ao carrasco, que se retratem diante da porta principal da igreja do Major de joelhos de cabeça nua e pés descalços e empunhando um círio com uma libra de peso, peçam perdão a Deus, ao rei e a justiça. (Procurador do Rei)*

### 2.1. VINCENNES<sup>42</sup>

O ano é 1777, ano da primeira detenção do Marquês de Sade nos cárceres do Antigo Regime. Podemos notar no discurso proferido acima por um representante da realeza francesa todo um aparato punitivo direcionado àqueles sujeitos que ousaram desafiar os ditames morais do poder real na época do absolutismo. No século XVIII formou-se toda uma tentativa de captura da ordem do privado pelo público, o que implicava uma política da normalização dos costumes.

No segundo capítulo, a proposta se assenta em apresentar três instâncias de poder que configuraram o claustro para Sade: Vincennes, a Bastilha e o manicômio de Charenton. Nesse sentido, o importante será perceber como essas instituições de controle moldaram a identidade do escritor “libertino”, no sentido do mesmo assumir uma posição de revolta, por meio de seus escritos, contra as leis e

---

<sup>42</sup> O castelo de Vincennes tem uma longa história que remonta o século XII. A presença de prisioneiros nessa prisão data do final da Idade Média e está associada à imagem do rei como arauto da justiça. A Vincennes são conduzidos os prisioneiros dotados de um estatuto especial: nobres que caíram na desgraça, presos políticos e, a partir de 1718, os detidos sob o efeito das chamadas ‘lettres de cachet’ – exatamente o caso do Marquês de Sade.

as religiões, duas modalidades de pensamento que acarretam a sua reclusão. Observaremos assim, toda a angústia de um homem que viveu quase toda a sua vida no limite, ou seja, entregue aos mais fétidos cárceres da França no final do século XVIII. Antes de adentrar-mos mais precisamente nessa questão, é importante ressaltar o momento histórico desse processo.

Na época da existência de Sade, a monarquia e o poder real constituíam o cume do edifício feudal absolutista. O rei continuava a exercer o poder aristocrático e sem limites: ao rei pertencia a decisão em último recurso de todos os negócios internos do Estado; nomeava e demitia os ministros e os funcionários, promulgava e renovava as leis, punia e perdoava. Luis XVI era um Homem fraco e pusilânime, mas nem por isso gostava menos de lembrar que “só a sua vontade fazia a lei e que era monarca de direito divino” (MANFRED, 1976, p.22.)

A arbitrariedade foi uma marca de seu reinado. Por força das temíveis “cartas de prego”<sup>43</sup>, que aterrorizavam a população, centenas de pessoas eram mantidas prisioneiras em diversos lugares do reino. O imenso aparelho burocrático da monarquia absoluta apertava nos seus tentáculos os domínios da vida pública e mesmo da privada, conservando ainda leis da época feudal:

No século XVIII, com efeito, o Código Criminal é ainda o herdeiro da jurisprudência da Idade Média, que condenava automaticamente a sodomia à fogueira. Será necessário aguardar a Revolução para que seja aprovada a lei que sanciona de uma maneira quase automática a inversão, a sodomia e outros ‘desvios sexuais’(BERLIN, 1980, p.224).

Assim, conservando todo um amontoado de leis, de regulamentos e costumes arcaicos originários da Idade Média, o absolutismo francês, apresentava-se sob os aspectos governamentais, administrativo e jurídico, como um sistema de organização de poder extremamente confuso, contraditório e complicado. O governo mantinha sob severa vigilância da policia as obras do espírito e acima de tudo os costumes. Cada palavra impressa era submetida a uma censura rigorosa. Até 1789, nas vésperas da Revolução, 33 censores faziam a fiscalização sobre as obras de ciência jurídica. Existiam 21 para a medicina, 9 para a matemática e 24 para as Belas Artes. Aqueles escritos conhecidos como “sediciosos” eram radicalmente

---

<sup>43</sup> Documento do rei para prender algum “infrator”.

queimados. “Não podendo suprimir a expressão verbal da opinião pública, o governo procurava conte-la o mais estreitamente possível” (MANFRED, 1976, P.25).

Destarte, é esse o espaço habitado pelo Marquês de Sade. Era quase impossível que sua espontaneidade sexual e espiritual fosse concebida ou realizada nesse terreno, onde a palavra do monarca despótico ditava as ordens. Este, por conseguinte, se apoiava em outra instância de poder que se fazia forte no final desse século: a família. Além do monarca, observamos também a Contra Reforma que reforçara alguns ritos antigos da Idade Média, como por exemplo, os castigos corporais contra os “desviantes sexuais” que iam desde “a morte na fogueira ou o suplício para os casos de sodomia” (HUNT, 2010,p.80). A igreja assim tinha uma importante missão política que permitia velar pela ordem familiar, denunciando o adultério, o concubinato e declarando sua opinião acerca do casamento. O julgamento de um padre poderia macular para sempre a imagem de um sujeito, principalmente se esse fosse um “libertino”. Portanto, várias codificações regiam no século XVIII as práticas sexuais: o direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil” (FOUCAULT, 2003,p.38)

Nessa época, a família enquanto instituição que carregava as marcas do privado prezava mais do que nunca pela sua honra. Qualquer escândalo que afetasse sua moral, mesmo sendo realizado por um de seus membros acarretaria uma mancha irreparável. A reparação, ou seja, a anulação por completo de tal escândalo deveria por costume corrigir o infrator que caiu na “devassidão” e no “desregramento” numa casa de reclusão ou no extremo do possível, com o suplício público:

A maioria das sentenças determinadas pelos tribunais franceses na última metade do século XVIII ainda incluía alguma forma de castigo corporal público, como a marcação a ferro, o açoite ou o uso de colarinho de ferro que ficava preso a um poste ou pelourinho (HUNT, 2009, p.78)

Sade assim, sendo inserido nesse lugar de controle e disciplina será preso por “libertinagem” e “blasfêmias” à mando da sogra pela via de uma carta de petição real a ser encarcerado na prisão de Vincennes em 1777, uma das fortalezas punitivas do Antigo Regime francês. Nesse espaço de tempo, o dispositivo familiar se exercia sobre toda a vida dos conjugues onde a denúncia discreta e silenciosa constituía moeda corrente até o último século desse regime. Além do mais, as

práticas de “libertinagem” eram submetidas a uma enorme censura por parte dos poderes religiosos e civis que depois de 1650 se uniram para em nome da “boa ordem” e da “decência”, proibir as “algazarras injuriosas provocadas às vezes por intrigas conjugais, mais precisamente na França depois de 1740” (FARGE, 2009, p. 521)

Assim sendo, quando a honra de uma família se via ameaçada por um “filho pródigo”, “marido bêbado”, ou “esposo libertino”, recorria-se ao internamento como medida de controle social.

A partir da era clássica, com o advento do capitalismo e das formas de governamentalidade, a segregação assumiu um papel de destaque, pois as normas de higienização que foram pautadas no século XVIII estavam aptas a expurgar todos os desvios. Portanto, veremos toda uma proliferação discursiva no campo da moralidade cujo desfecho culminante será a clausura dos “a- sociais”, como frisa Foucault:

De 1650 à época de Tuke, Wagnitz e Pinel, os frades Saint – Jean de Deus, os congregados de Saint – Lazare e os guardiões de Bethellen, de Bicêtre (...) declinam ao longo de seus registros as litâneas do internamento: ‘debochado’, ‘imbécil’, ‘pródigo’, ‘enfermo’, ‘espírito arruinado’, ‘libertino’, ‘filho ingrato’, ‘prostituta’, ‘insano’. Entre todos, nenhum indicio de alguma diferença: apenas a mesma desonra abstrata (FOUCAULT, 2002, p.83)

O indivíduo era levado à prisão através de uma modalidade documental, a chamada *lettre de cachet*, que representava uma petição da família ao rei para conduzir o parente ao cárcere. Em 1777, essa forma arbitrária de poder se consolidava como uma “bênção” para as famílias que manchadas pela “devassidão desonrosa” de um de seus membros desejam evitar qualquer transtorno em seu lar. O pedido de prisão através desse documento real tornava-se assim, “o meio de conservar a honra com a privacidade da família” (FARGE, 2009, p.574).

Sade enfim é conduzido de forma violenta em Vincennes. Antes do preso ser conduzido a sua cela, os guardas retiram tudo àquilo que lhe pertence: seus objetos pessoais íntimos, seus escritos e seus livros de autores que cultivava, como Voltaire, Rousseau, Laclot e Cervantes. Na sua angústia na cela, que já carrega a marca da dura disciplina, o prisioneiro não vai poupar ataques à sua sogra, pivô de sua prisão:

De todos os meios possíveis que podem agradar a vingança e a crueldade, convenha senhora, que escolheste em meio de tantos o mais horrível de todos (...). Eu perguntava, por meio de minha primeira carta, se era uma segunda mãe ou um tirano que eu encontrava em vós, mas não me haveis deixado muito tempo na certeza (SADE, 2009, p.41)

Através da missiva endereçada a sua sogra podemos observar até que ponto o papel da mulher enquanto portadora da denúncia era investida de poderes, quando o assunto era a preservação da honra. Encarnando a imagem de esposa e de mãe, arraigada pela igreja e pela sociedade civil no século XVIII, elas desempenharam um enorme papel no controle social. Para tanto, eram detentoras de armas poderosas: levantavam a opinião pública rompendo o silêncio quando os transtornos da ordem ocorriam no ambiente doméstico. Bastava testemunharem “para introduzir a justiça no espaço móvel do mundo que governam” (CASTAN, 2009, p.415).

A estadia de Sade na prisão de Vincennes é permeada de acontecimentos revoltantes e arbitrários que nos levam a perceber o quanto era difícil para o sujeito manter a conservação de sua integridade física ou moral. As punições agora na França não se generalizavam mais no aniquilamento do corpo do infrator em público, como aconteceu em 1757 no caso do regicida Damiens.<sup>44</sup>As prisões agora estarão pautadas nas disciplinas, como modalidades de docilização do corpo e transformação da alma do preso. Em outra carta, agora endereçada a sua esposa, o Marquês comenta sua situação de cativo:

Me encontro em uma torre prisioneiro de dezenove portas de ferro, recebendo o dia através de duas pequenas janelas guarnecidas por uma vintena de barras de ferro cada. Por dez ou doze minutos em média, tenho a companhia de um homem que me traz o que comer. O resto do tempo permaneço sozinho e a chorar... Eis minha vida... Eis como corrigem um homem nesse país (SADE, 2009, p.54)

Portanto, nesse espaço de tempo, desapareceu o corpo supliciado, esquartejado e marcado de forma simbólica. Desapareceu o corpo como alvo principal da repressão penal. Se o condenado agora pode usufruir de sua vida, não

---

<sup>44</sup> Por ter atentado contra a vida de Luiz XV, foi torturado e justicado em praça pública e 1757. Michel Foucault oferece-nos um quadro detalhado da execução da pena, ao longo das primeiras páginas de seu livro ‘Vigiar e Punir’.

poderá conduzir a sua individualidade na forma que deseja, pois sua consciência se encontra mortificada pelas péssimas condições que o cárcere lhe destina.

Na sua cela cheia de umidade Sade passeia como uma fera enjaulada. Odeia tudo e a todos. Amaldiçoa até a esposa, cujo procedimento considera “execrável”. É sempre num tom suplicante que lhe escreve, queixando-se acima de tudo do lugar fétido em que se encontra. Nota-se agora nessa carta como o escritor viveu nos limites do possível:

(...) Eu vos digo que absurdos horríveis são cometidos nos cárceres, sob a petição de um pacto de silêncio (...) deveriam chamar a atenção daqueles que detém o poder, se existisse realmente na França, um sentimento de justiça (...). Convivo com lixo e imundícies até o pescoço; sou comido por percevejos, pulgas, ratos e aranhas e ainda sou servido como um porco! (SADE, 2009, p.69)

Para um homem aristocrata, membro direto da nobreza francesa, era de esperar uma revolta como essa. Porém, mesmo sendo aristocrata o seu crime de “libertinagem” estabelecia um dilaceramento com o setor público, algo condenável em sua época. A “libertinagem”, enquanto prática “desviante” para os códigos franceses assumiu um estatuto quase de insanidade na época que floresceram as “Luzes<sup>45</sup>”. Sendo assim, o comandante da fortaleza escreverá mais tarde aos seus subordinados, alertando sobre o “preso perigoso”:

Este Marquês de Sade é muito perigoso, tendo tanto espírito como vivacidade e inconstância. Não se pode contar com uma cabeça assim volátil: É um espírito forte, sem religião, sem costumes e pronto a entregar-se a todo o gênero de extremos (COMANDANTE DE VINCENNES apud BERLIN, 1980, p232)

Essa situação se perdurará até 1784 quando Vincennes perderá seu estatuto de prisão<sup>46</sup>. Sade então será conduzido em seguida para outra instituição punitiva do Antigo Regime: a Bastilha. Será nessa prisão que agora o revoltado “libertino” descarregará seu ódio através das imagens alucinantes contidas nas suas principais obras sacrílegas

É na Bastilha que nascerá *Os 120 Dias de Sodoma e Diálogo Entre Um Padre E Um Moribundo*. Sade entrará na sua cela com a roupa do corpo, sem seus

---

<sup>45</sup> A libertinagem, na época em que triunfaram as luzes, viveu uma existência obscura, traída e acuada, quase informulável antes de Sade ter escrito *Justine* como um formidável panfleto contra os ‘filósofos’. Ver *O Mundo correcional*, Foucault, *História da Loucura*, p.

<sup>46</sup> Em 1784 Vincennes foi evacuada, passando então por reformas higienistas. Ver Peixoto, Sade Vida E Obra, 1979, p.87

livros e seus pertences pessoais, se queixando ainda mais: “Uma prisão onde estou mil vezes pior e mil vezes mais incomodado que o infeliz lugar que eu deixei” (SADE apud PEIXOTO, 1979, p.94).

## **2.2. A BASTILHA<sup>47</sup>**

*Senhor Conde de Sade. Ordem de 3 de Julho de 1789. Duração ilimitada. Privado da liberdade desde 1777, a pedido da família, em consequência de um processo criminal que lhe foi movido com base numa acusação de blasfêmia e sodomia, crimes de que se justificou e também devido a libertinagem excessiva a que se entregava e a ausência de espírito a que estava sujeito e que levaram a família a recear que num de seus excessos, a desonrasse (Thiroux de Cosme, tenente de Polícia do Rei)*

Tem-se aqui uma condenação por “ausência de espírito”. Podemos notar além de um discurso assentado na moralidade em relação ao sexo, uma preocupação racional sob as formas “desarrazoadas de espírito”.

No século XVIII com o advento do iluminismo, a racionalidade dele advinda colocou no terreno da inexistência àqueles sujeitos que portavam uma identidade transgressora. Surgiu assim, toda uma modalidade pedagógica e médica que demarcou os lugares da “insanidade”, onde prisões como a Bastilha serão o espaço destinado ao confinamento de loucos, “devassos”, “libertinos” e “prostitutas”.

A Bastilha seria então o lugar destinado aqueles que como o Marques de Sade caíram na desgraça. Era um cárcere que tinha algo de comum com as demais instituições fechadas da França: “tudo ali estava disposto a comprometer a vida e a saúde”: (DESBORDES 1968, p.186).

---

<sup>47</sup> Prisão francesa fundada no início do século XVII. Ficou conhecida por ter sido o palco do evento conhecido como *A Queda da Bastilha*, em 14 de julho de 1789. Está entre os fatos mais importantes da Revolução Francesa. Na Bastilha Sade estava alojado numa torre que continha seis andares de quartos (um em cada andar octogonal), com paredes e tetos caídos e chão de tijolos; um andar com celas de tamanho mínimo e uma plataforma com treze canhões que davam tiros nas festas públicas, comemorações de nascimentos de príncipes, vitórias, etc. Ver Peixoto, *Gritos de Liberdade Nas Celas da Bastilha*, 1979, P.94

A cela de Sade era fechada por numerosas barras totalmente juntas que não passavam um clarão sequer. Ele só dispunha de um colchão muito velho roído por vermes e ratos, uma poltrona e dois potes de barro.

Enquanto isso, a França já se fazia sentir as tensões que mais tarde culminariam na Revolução. A situação do país se tornava instável; a fome aumentava bastante e uma grande seca resultaria numa má colheita. Há levantes no campo e na cidade. A crise financeira ainda foi agravada nos últimos anos pelo auxílio dado a França às colônias norte - americanas na luta pela independência da Inglaterra.

A crise tomava conta do país, pois o sistema feudal absolutista não tinha mais apoio nem sustentação econômica. As relações capitalistas já se encontravam amadurecidas em detrimento do antigo modo de produção feudal.

Os descontentamentos estavam pautados em vários setores, como o campo e a cidade, e a burguesia para assumir o poder precisava destruir as relações feudais de produção, iniciando assim as bases da Revolução Entre 1789 a 1791, a vitoriosa burguesia moderada, atuando através do que tinha a esta altura se transformando na Assembléia Constituinte, “tomou providências para a gigantesca racionalização e reforma da França, que era seu objetivo” (HOBBSAWM, 2005, p.97).

Em sua cela Sade não esta de fora das tensões sofridas no seu país, tanto que em um de seus romances intitulado *Aline E Valcour*, escrito um ano antes dos movimentos revolucionários, ele expressa certa visão profética, antevendo o que viria acontecer anos mais tarde caso a opressão do Antigo Regime perdurasse:

Oh, (...) uma grande revolução prepara-se na sua pátria, os crimes de teus soberanos, as tuas horríveis exações, seus deboches, e sua inépcia fatigaram a França, ela está farta do despotismo, está às vésperas de quebrar as algemas (SADE apud DESBORDES, 1968, p.201)

Assim, o escritor evidencia toda a sua lucidez ao perceber a tensões que viriam no futuro transformar as estruturas da França. Como vítima implacável dos dispositivos do Antigo Regime, Sade acreditava que algum dia as arbitrariedades desse sistema caíram por terra pelas mãos daqueles que a ele estavam subjugados.

Nesse momento a sua condição de cativo apresenta as mesmas características das muralhas que ele deixou. Não assistiremos mais nessa época a vontade do rei sobre o corpo do infrator, pois o “direito de punir deslocou-se da vingança do soberano à defesa da sociedade” (FOUCAULT, 2005, p.76).

Para isso, o rei vai montar toda uma rede de funcionários da vigilância, cujo desfecho será a “governança dos homens”. A policia real assim, no final do século XVIII na França, visava assegurar as honras das famílias e manter a ordem pública, assegurando os confinamentos: “assim, através dessa prática de coerções, elaborase uma concepção ‘cívica’ da honra que cada vez mais se define pelo respeito e pela ordem geral” (FARGE, 2009, p.57)

Essa ordem geral cairá com mais precisão sobre as formas da sexualidade, pois a sexualidade foi inserida em todos os tempos em sistemas de coerções e foi dividida de um modo rigoroso entre a Razão e a loucura.<sup>48</sup> Nesse sentido, o internamento, representado nos muros da Bastilha serviria acima de tudo para controlar uma certa ordem na estrutura familiar que vale como regra social e racional : “ a família, com suas exigências, torna-se um dos critérios essenciais da Razão, é ela que pede e obtém o internamento” (FOUCAULT, 2002, p.90)

Assisti-se então nesse contexto no qual Sade está inserido um verdadeiro confisco da moral sobre o sexo através dos poderes familiares. Iniciava-se então um processo civilizacional onde tudo que era considerado “bárbaro”, “violento”, ou “irracional” estava disposto a desaparecer<sup>49</sup> Nesses locais destinados a receber os “estragados” relegados pela sociedade, reina uma modalidade pedagógica que perturba o indivíduo que ali cai. A Bastilha tinha essa semelhança, e Sade se queixará novamente acerca do cruel tratamento que ali recebe:

As tonturas que estou sujeito, as hemorragias nasais que sofro sempre que não estou deitado com a cabeça extraordinariamente alta, obrigam-me como sabe, a ter uma almofada muito espessa . Quando quis trazer uma almofada, foi como se tivesse tentado roubar a lista dos conjurados do Estado; arrancaram-na barbaramente das minhas mãos... além disso pretendem que eu faça minha cama e varra o meu quarto...( SADE apud BERLIN,1980, p.276)

As péssimas condições a que Sade está sujeito se alteram ainda mais. Em seu cárcere fétido, a doença vem assolá-lo agora, sob a forma de dores em seu corpo já debilitado. Mais uma vez o prisioneiro reclama sobre a sua condição degradante:

Noite do dia 10 para o dia 11 interrompida. 10 sem dores. Entre 11 e 12 noites má. Enterite pela droga, sofrendo da mesma causa durante o dia, e, entretanto continuei a tomá-la. Noite 12 para13: dores horríveis. Derramei muitas

---

<sup>48</sup> Ao final do século XVIII tornou-se evidente que certas formas de pensamento ‘libertino’ como o de Sade teriam algo haver com o delírio e com a loucura, ver Foucault, *História da Loucura*, 2002.

<sup>49</sup> A policia real encarnava esse sonho do século XVIII: “deve fazer de tudo para que enfim o refinamento dos costumes coincida com a felicidade de todos através da intervenção”. Ver FARGE, *famílias a HONRA E O SIGILO. História da Vida Privada*

lágimas e me assoei bastante(SADE apud BERLIN, 1980, p. 197).

Estamos agora em 1789. Os acontecimentos políticos se precipitam na França: é a Revolução democrática burguesa. Em 14 de julho a Bastilha é invadida e seus comandantes são justificados com extrema violência pelos jacobinos. O senhor de Castelhana, um dos representantes dessa facção burguesa, apresenta um projeto Constituinte anulando todas as cartas de prisão que o rei concedeu. Nesse sentido, todos os detidos dos castelos, de casas religiosas, fortes, casas de polícia, e outras prisões são postas em liberdade, “com exceção daqueles que são loucos” (PEIXOTO, 1979, p. 101)

No que se refere a esfera privada, a Revolução operou uma ruptura radical e contraditória, sendo preciso aliás, distinguir seus efeitos a curto e a longo prazo. Houve depois de 1789 uma total desconfiança por parte dos revolucionários de que os “interesses privados” dos aristocratas oferecessem uma sombra propícia para complôs e traições <sup>50</sup>A vida pública agora visava transformar os ânimos e os costumes com o intuito de “criar um ‘novo homem’ em sua aparência, linguagem e sentimentos, dentro de um espaço remodelado através de uma pedagogia racional” (PERROT, 2009, p.14)

A Revolução assim definiu as esferas da vida pública e privada, valorizando acima de tudo a instituição familiar, diferenciando assim os papéis sexuais, estabelecendo uma dicotomia entre o “homem de bem” e a “mulher doméstica”. Nesse universo agora republicano, onde a virtude será a regra do jogo, Sade será também vítima das perseguições dos “senhores da liberdade”. Seus contos filosóficos minavam por completo o ideal revolucionário, levando sua lógica ao extremo num sentido mais repulsivo. Ele proclamava uma espécie de “Declaração dos direitos do Erotismo” onde “a natureza e a razão deveriam servir aos direitos de um egoísmo absoluto” (HUNT, 2009, p.40). Por ser considerada nesse espaço de tempo uma obra violenta, os escritos de Sade glorificavam e ao mesmo tempo desencaminhava os pressupostos dos jacobinos: a liberdade, a igualdade e a fraternidade. Não tardará para receber mais ataques: “Os jornais da época denunciavam Sade principalmente como autor de *Justine*, que acarretou sua última condenação ao cárcere, onde permaneceria até morrer” (HUNT, 2009, p.41)

---

<sup>50</sup> Sade era um nobre da aristocracia.

Como foi frisado anteriormente, o pensamento libertino do século XVIII foi demarcado pelo saber racional<sup>51</sup> para o lado da insanidade. Portanto, certas formas de “palavras violentas” como as “blasfêmias” ou ritos de profanação terão a partir daí um parentesco com a loucura. O escritor “libertino” agora será enjaulado em Charenton, um manicômio situado em Paris fundado no século XVIII para abrigar doentes, transgressores e loucos.

Os “virtuosos” que eclodiram a Revolução e em seguida proclamaram a República necessitavam do internamento como garantia da ordem burguesa. Acreditou-se por muito tempo que esse sonho burguês que culminou com o aniquilamento do Antigo Regime libertasse as pessoas das casas de correção. Ao contrário, as casas de internamento estarão nessa época com um grande número de internos que cometeram atos de “blasfêmia” ou “profanação”. A blasfêmia não desapareceu, mas “recebeu fora das leis e apesar delas um novo estatuto: tornou-se um caso de desordem” (FOUCAULT, 2002, p.93)

### 2.3. CHARENTON<sup>52</sup>

*Meu caro senhor, esse homem é perigoso. E peço autorização para transferi-lo imediatamente para algum asilo de loucos, como, por exemplo, Charenton, onde ele não poderá perturbar a paz. Esta é na verdade, a oportunidade tão esperada de nos livrarmos desse personagem, cujas exigências ninguém pode pretender satisfazer e que deu sempre mais trabalho do que vale. (MONSIER de LAUNAY)*

Saindo do regime republicano como “herético”, agora mais do que nunca sua condenação vai ser consolidar ainda mais. Sade será conduzido às frias masmorras do hospício de Charenton em 1799. Nesse espaço de tempo, a loucura recebe o

---

<sup>51</sup> O racionalismo atendia às atitudes mentais das elites dominantes minimizando o vício. Com suas regras de urbanidade e de sociabilidade, cuja expressão mais acabada eram as regras de convivência ‘civilizada’ o racionalismo era frio e reticente nas palavras que expressassem emoções ou arrebatamentos. Tais coisas eram indignas de pessoas ‘bem educadas’. Ver o livro *Iluminismo* de Francisco José Falcon, 1986.

<sup>52</sup> Hospício situado em Paris, criado em meados do século XVIII.

estatuto de “doença mental”, codificação instaurada pelos alienistas simpatizantes da racionalidade advinda das “Luzes”.<sup>53</sup>

O final do século XVIII e, de forma mais expressiva o XIX, assiste uma mudança significativa nas maneiras como o louco e a loucura são socialmente representados. Inscritos agora sob a ordem científica, o tratamento atribuído ao sujeito da loucura e a sua doença, passam a ocupar de forma intensa as preocupações de médicos e psiquiatras, cujo novo saber se assenta sob novos olhares e práticas que a diagnosticam e a denominam, inscrevendo - a em um novo espaço, o hospício.

Com a medicalização da loucura, tratava-se, de acordo com Foucault, de agir diretamente sobre a doença “não só lhe permitir revelar sua verdade, mais também produzi-la” (FOUCAULT, 2004, p. 121). O hospício assim seria o lugar privilegiado na consolidação desse conceito de alienação, porque ao afastar a loucura de si mesma insere-a no domínio de um saber médico, onde ela será classificada, analisada, catalogada, enfim, onde ela poderá emergir das sombras como pura objetividade.

A época também assiste a derrocada dos ideais revolucionários de 1789 e a ascensão de Napoleão Bonaparte ao trono da França. A burguesia assim, destruindo os últimos focos de resistência dos jacobinos radicais, se consolida no poder, tendo o apoio veemente desse novo general. Napoleão agarrou sua chance na campanha italiana em 1796, que fez dele o primeiro soldado da República. Tornou-se em seguida o primeiro cônsul, depois cônsul vitalício e por último Imperador.

Após derrubar o governo do Diretório, Bonaparte tornou-se uma figura relevante na vida política mundial, governando a França por aproximadamente 15 anos. No que tange as questões privadas, seu governo prezava pela formação comportamental e moral do cidadão, no qual, variados códigos de conduta regiam seu sistema. O mínimo deslize poderia acarretar punições severas. As prisões eram na maioria das vezes arbitrárias no Império:

Napoleão aboliu a liberdade de imprensa, o sistema do júri, o voto secreto, estabeleceu o sistema de prisões sem

---

<sup>53</sup> O caso dos *doentes mentais* é típico: em lugar de criminosos devem ser agora tratados como doentes, destacando-se nesse espaço nomes como Pinel e Cabanis. Ver *O Iluminismo*, Francisco Falcon, Serie Principios, 1986.

juízo e instituiu a escravização dos negros nas colônias francesas (ENDORE, 1968, p.288).

É nesse contexto onde o poder se exerce sob a mão de um general que Sade coincide sua existência. Seus romances e contos, assim como na monarquia absoluta e na República, também minavam esse espaço agora sacramentado por novas codificações. O Império assim varria a onda libertária dos revoltosos instaurando em seguida uma nova ordem pautada nos ditames da religião.

Napoleão então, em 1801 elaborou a Concordata, um acordo entre a igreja católica e o Estado, com o objetivo de fazer da religião um instrumento de poder político. O papa aceitava o confisco das propriedades da igreja pelo Estado francês, que em troca se comprometia em amparar o clero. Estava assim, consolidado o dispositivo espiritual com o estatal:

Em poucos anos a França tinha um código civil, uma concordata com a igreja e até mesmo o mais significativo símbolo da estabilidade burguesa. E o mundo tinha o seu primeiro mito secular (HOBBSAWM, 2005, p.111).

Napoleão, portanto, reconhecia o catolicismo como a religião da maioria dos franceses, reservando para si o direito de nomear os bispos. Foi um homem ambientado com o processo civilizacional do século XVIII, sendo racionalista e discípulo de Rousseau, “embora o poder o tivesse tornado sórdido” (HOBBSAWM, 2005, p. 112).

No âmbito dos progressos, assiste-se a emergência dos saberes médicos, cujo enfoque será o homem como objeto de estudo. Nesse sentido, o pensamento libertino, sendo codificado como “delírio”, guardará um parentesco com a insanidade. Observaremos nos tratados médicos<sup>54</sup> do final do século XVIII e início do XIX uma repetição discursiva por parte dos alienistas em relação a conduta do sujeito portador desse “desvio”.

Philippe Pinel<sup>55</sup>, discípulo de Voltaire e dos “humanistas” desse século, elaborou um verdadeiro compêndio, onde aponta para as “desordens na esfera sexual”:

O abuso dos prazeres sexuais transformados em hábito (...) que leva um jovem de família a tomar o hábito de

---

<sup>54</sup> É nessa época que surgem os tratados de Pinel e Delamare.

<sup>55</sup> Alienista Francês que escreveu o famoso *Tratado Médico Filosófico Sobre Alienação Mental*, inaugurando a psiquiatria na França em 1801.

abandonar-se aos prazeres sem freio e sem medida (...) que levam as doenças venéreas recorrentes e desde então a uma grave hipocondria e a decadência intelectual progressiva (PINEL apud PESSOTTI, 2001, p. 163).

O discurso desse racionalista deixa claro que a causa da loucura está na “imoralidade”, entendida como “exagero”. A doença assim torna-se análoga do excesso, desvio a ser corrigido pelas mudanças no costume. Desse modo, a sociedade no século XIX desenvolverá a modalidade de por sob reclusão os prevaricadores da moral, isolando assim “os devassos, o homossexual, o suicida e os libertinos” (FOUCAULT, 2002, p. 163).

O Império, internalizando o discurso dos herdeiros do racionalismo e harmonizando-se com as novas técnicas disciplinares, substitui a pena da guilhotina pelas técnicas de domesticação do corpo, ministradas em Casas de Correção, com fachadas de clínicas de recuperação mental. Sade então será removido para uma dessas clínicas, por ordem de Napoleão: “alguns comentadores afirmam que Sade enviou um exemplar de *Justine*<sup>56</sup> e que o general jogou o livro no fogo” (PEIXOTO, 1978.,p.223).

O hospício de Charenton, situado em Paris, recebia todos os requisitos de uma instituição disciplinar: “uma grande quantidade de enfermeiras e enfermeiros, os quais exerciam sobre os doentes uma vigilância severa” (DESBORDES 1968, p.240). Para lá eram enviados além de doentes mentais, os “arruaceiros”, “alcoólatras”, anarquistas dissidentes com o Império, e até mesmo “poetas marginais”<sup>57</sup> “Napoleão também tinha o hábito de acusar de alienação os incomodativos aos quais queria recusar o benefício de um processo” (DESBORDES 1968, p. 250)

Sade se encontra em um território onde o autoritarismo se exerce de forma monolítica. A civilização européia nesse momento, sob a fachada do humanismo e do progresso galgado com as “luzes”, não conseguiu mesmo assim estabelecer uma relação de alteridade com a diferença<sup>58</sup> Nesse sentido, novamente Sade de defrontará com os arbítrios do poder, agora sob a modalidade racional da medicina:

---

<sup>56</sup> Romance libertino que exalta o ateísmo, a blasfêmia e a perversão.

<sup>57</sup> Tem-se um caso de um poeta romântico chamado Desorgs, que faleceu em Charenton em 1808. Foi preso por ter composto uma canção que acabava por esses dois versos: ... “Sim, o grande Napoleão, é uma grande camaleão.”

<sup>58</sup> O iluminismo por desenvolver princípios de igualdade, universalidade e fraternidade, se pretendeu a isto.

Numa carta endereçada ao médico de Charenton, o Comandante de policia do Império comenta a prisão do cativo:

Fui informado que o chamado Sade, ex Marquês, conhecido por ser o autor do infame romance *Justine*, propunha-se em breve publicar uma obra mais horrorosa ainda sob o titulo de *Julliete*. Eu o fiz prender a 15 do Ventose, na livraria – editora de sua obra onde eu sabia que ele devia se achar munido do manuscrito (...). Com a solicitação de sua família, ordenei que ele fosse transferido para Charenton (COMANDANTE apud DESBORDES, p. 258)

O romance intitulado *Justine*, fruto de várias acusações na época republicana, e agora também no Império, se constituía em uma máquina de guerra contra a virtude e a moralidade religiosa. Escrito em 1798, possui em suas páginas cenas lúbricas de orgias e blasfêmias ininterruptas, onde os personagens são membros da igreja e da nobreza. Numa das passagens, tem-se a libertinagem praticada por monges Carmelitas que habitavam num convento na periferia de Paris:

Os devassos quiseram, para aumentar sua blasfêmia, que Florete aparecesse nas orgias. (...) Excitados por esse crime, os sacrílegos fizeram-na deitar nua, deitam-na de barriga para baixo sobre uma grande mesa; acendem os círios, colocam a imagem do Salvador no meio das nádegas da menina e atrevem-se a consumir sobre o seu traseiro o mais espantoso de nossos mistérios (SADE, 1992, P.146).

O que mais chamava a atenção dos censores da época, além das imagens de orgia e violência, é a descrição do tema: *Justine*, a protagonista da obra referida é “desonrada” por membros do clero. Tratava-se assim, de um ataque contra as duas ordens sociais, que depois de serem sólidas na monarquia, se consolidaram na Republica e depois no Império<sup>59</sup>

Sade, portanto, fazia brilhar o delírio e a profanação em toda sua crueza, afastando-se do Ser Supremo Republicano e da codificação de Bonaparte.<sup>60</sup> Desse modo, estabelecia-se assim, uma dicotomia entre as questões ligadas ao sentimento: o amor racional e o desatinado. A libertinagem, enquanto “paixão exarada”, pertencerá ao segundo, e aos poucos tomará o lugar da loucura, sendo interdita em seguida entre os muros dos hospícios: “nossa cultura, por uma

---

<sup>59</sup> A Religião e o Estado.

<sup>60</sup> Em 1802 Napoleão elabora o Código Civil, onde um dos requisitos era “o respeito à família”. Sade Vida e Obra, Peixoto, 1979.

escolha que caracterizou o seu classicismo, colocou a sexualidade na linha divisória do desatino” (FOUCAULT, 2002, p.90).

Essa virtuosidade coincidiu com as intervenções autoritárias do Imperador, que em Paris e no resto da França, limitou de forma severa a liberdade de expressão de todos, juntamente com a liberdade de imprensa. Bonaparte acreditava que “os homens não nascem para serem livres (...). A liberdade é uma necessidade sentida por uma classe de homens que a natureza dotou com mentes nobres (NAPOLEÃO apud HUNT, 2009, P.181)

Enjaulado nos “Muros da Razão”, Sade, por meio de uma carta endereçada ao seu advogado, explicita sua condição degradante de preso:

Há quarenta meses que gemo nos ferros mais injustos e mais cruéis. Presumido desde 15 Ventose, ano IX de ser autor de um livro imoral, não cessaram desde essa época de me reter em diferentes prisões sem jamais me conceder o direito de ser julgado, única coisa que desejava, pois que é a única que pode fazer valer minha inocência ( SADE apud DESBORDES, p.260)

Da internação monárquica, passando pelo período republicano, temos agora no Império, o poder normalizador<sup>61</sup>Essa nova modalidade de saber-poder que emergiu no início do século XIX, pretendia objetivar, através de um discurso racional, o sujeito da loucura, destinando o mesmo às grades dos manicômios

A medicina assim anexava a si, um procedimento de “verdade”, cujo enfoque estava em inocentar o indivíduo, para em seguida colocar o estigma da “doença mental”. O sujeito saía de uma clausura onde seu corpo era mortificado de forma intensa, para assumir nesse momento a demarcação de uma objetividade na alma.

Voltando mais um pouco a Foucault, o hospício se desenvolverá como um “espaço de conhecimento ou um lugar de prova” (FOUCAULT, 2004, p. 120). Trata-se não apenas de internar, mais de fazer do internamento um lugar de confronto. Seguindo essa risca, o médico chefe do hospício a que Sade se encontra, escreve uma carta a Policia Imperial, onde faz transparecer um discurso dominador carregado de moral e “razão”:

Existe em Charenton, um homem que por sua audaciosa imoralidade, tornou-se celebre, e cuja presença nesse

---

<sup>61</sup> O desenvolvimento da medicina, a medicalização geral do comportamento, dos discursos e do desejo. Para uma análise mais detalhada ver Foucault, *OS ANORMAIS*, Martins Fontes, 2004.

hospital traz inconvenientes dos mais graves. Esse homem é alienado, e seu delírio é o do vício, e não é absolutamente numa casa consagrada ao tratamento médico de alienação que essa espécie de delírio deve ser reprimida. É preciso que esse indivíduo seja submetido à seqüestração severa! (COULLARD apud DESBORDES, p.

É através dessa severidade, dos silêncios e dos discursos dominadores, que a medicina do século XIX construirá a figura do Marquês de Sade, prescrevendo o “monólogo da Razão sobre a Loucura” (FOUCAULT, 2006.) O médico então, além de alienista, tem que ser também pai e taumaturgo para dominar a loucura e produzir a sua verdade. Ele, portanto, remeterá a doença ao mal, em estado puro, um “mal sem outra razão além de seu próprio desatino: ‘delírio do vício’ (FOUCAULT, 2006).

Dessa forma, a medicina nesse contexto alia a si mais do que o discurso da ciência, os imperativos morais como catalisadores da ordem. Nesse espaço, onde o império autoritário francês ditava os regulamentos, os médicos deveriam se adequar a essa nova proposta disciplinar calcada na honra da família burguesa que nesse momento entrava em cena. Numa carta escrita pelo próprio Napoleão, o mesmo alerta os médicos de Charenton sobre o “preso perigoso”, desejando que o escritor marginal seja castigado:

Que ele receba um castigo exemplar. Que toda a França, que todas as nossas crianças inocentes, que todas as esposas e mães de nossa terra vejam por si mesmas como age o governo vigorosamente para proteger a pudicícia e a santidade do lar (NAPOLEÃO apud ENDORE, 1967, p.198).

Charenton enfim, será a última clausura de Sade. Morrerá aos 74 anos, velho e doente, confinado numa pequena cela, sob a vigilância dos alienistas discípulos de Pinel, que é tido pelos médicos como o “grande libertador da loucura”. Sade está morto, enquanto o imperador no seu avanço pela Europa produz uma carnificina sem limites com a gana de expandir seu projeto civilizacional armado com as “Luzes” do século que o viu nascer. De seu lado, “a loucura sadiana foi responsável por quantos corpos caídos no campo de batalha?” (GIANNATTASIO, 2000, p.52)

Quando perdeu o poder, o imperador francês foi denunciado tanto pelos tradicionalistas, como pelos defensores do direito como um verdadeiro tirano um déspota e um usurpador. Um dos críticos mais ferrenhos do Império, a escritora

Germaine Stael, escreveu em 1817 que o seu único legado era “mais alguns segredos na arte da tirania” (HUNT, 2009, p. 183).

Finalizando o presente capítulo, observamos as três instâncias institucionais que codificaram seus poderes na identidade sadiana: Vincennes e a Bastilha com os ditames absolutistas e Republicanos, e por fim o asilo de Charenton sob a tutela de Napoleão Bonaparte. Ficou explícito assim, que cada dispositivo instaurou uma demarcação na figura de Sade, o que resultou por consolidar a imagem do “mal” na sua carne através dos tempos.

Aqui se viu uma proliferação discursiva dos poderes sobre o referido escritor, sem que o mesmo expressasse mais sua escrita anárquica. Porém, no último capítulo que fecha nosso trabalho, iremos nos debruçar sobre a obra *Os 120 Dias de Sodoma*, um compêndio que narra os costumes mais desregrados que na época do autor eram motivos de interdito. Esta obra receberá o estatuto de *Literatura de Resistência*.

### 3. OS 120 DIAS DE SODOMA- A DISSOLUÇÃO DOS COSTUMES COMO RESISTÊNCIA.

*Agora meu amigo leitor, prepara teu coração e teu espírito para o relato mais impuro já feito desde que o mundo existe, pois não há livro semelhante entre os antigos nem entre os modernos. Estuda bem as paixões que te parece assemelhar-se a outra sem a menor diferença, e verás que essa diferença existe (SADE).*

A passagem refere-se ao romance os 120 Dias de Sodoma, escrito no final de 1785 numa sombria cela na Bastilha. O livro é considerado uma espécie de “bíblia” das propostas de Sade: já no seu primeiro romance, portanto, o marquês apresenta toda a base sobre a qual edificará sua imensa obra.

Quatro libertinos - os maiores e mais experientes da França setecentista – associam-se para levar a termo o projeto de conhecer, representar e praticar “todas as paixões que existem na Terra” (SADE, 2009, p, 25). Para tanto, eles se deslocam para o longínquo castelo de Silling acompanhados de uma seleta comitiva, da qual fazem parte quatro prostitutas dos mais famosos bordéis de Paris, encarregadas de narrar a maior variedade de crimes jamais conhecida. O séquito ainda inclui outros 32 súditos, compondo uma diversidade de tipos humanos que “vai dos mais belos e castos adolescentes a velhas doentes e de aspecto repugnante” (MORAES, p.1996, 45). Contando com as cozinheiras e outras jovens ligadas a quatro amigos por parentesco estreito, a comitiva soma 46 pessoas.

A obra em seu *corpos* é bastante polêmica, pois trata de temas como o ateísmo, a sodomia, a cropofilia, blasfêmias e incesto. Em 1976 o cineasta italiano Píer Paolo Pasolini ousou adaptar a obra para o cinema e teve problemas com a

censura em seu país<sup>62</sup>. Assim como o diretor de cinema, só que quase 200 anos antes, Sade teve a ousadia de introduzir com um realismo grotesco na literatura os mais diversos costumes “desregrados”, numa época como o século XVIII, onde o código literário não tolerava qualquer enunciação frontal.<sup>63</sup>

A obra assim fechará o presente capítulo como enfoque para a resistência do escritor, mesmo este estando preso às grades do poder monárquico. Desse modo, através de imagens enunciadas no presente romance constataremos a descrição de sujeitos que estão sempre numa posição de recusa frente às normas da época clássica: as regras civilizacionais, a religião, a higiene, o refinamento das palavras; códigos que ganharam intensidade no contexto em que Sade escreveu seus livros.

Sabemos então que o poder normaliza e confina ao mesmo tempo em que constrói e produz positivities. O poder também exclui a palavra, porque suas técnicas, seus mecanismos e seus dispositivos, reproduzem o princípio de separação que o instituiu. Toda sociedade assim, “é formada de procedimentos de verdades (FOUCAULT, 2004, p.40). Os poderes disciplinares então, imbuídos no arcabouço das instituições têm como características principais, a docilização dos sujeitos mediante às normas de regularização. Mas entendemos também, que esses mesmos sujeitos, sejam em que situação opressora se encontram, reinventam significados e estratégias<sup>64</sup> de fuga para sua existência. Em outras palavras, “onde há poder, há resistência, e (...) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder” (FOUCAULT, 2003, p,1)

Desse modo, a literatura aqui é encarada como forma de significado para a existência, se potencializa como um veículo de insubmissão para aquele que se encontra nas malhas do poder. Trata-se assim, de descrever a maneira pela qual um indivíduo singular, por meio de um procedimento que é a escrita, conseguiu de maneira voluntária “escapar dos dispositivos de identificação, de classificação e de normalização do discurso” (RAVEL, 2005, p. 74).

---

<sup>62</sup> No Brasil, por exemplo, o filme só foi liberado pela censura em 1989. Ver *A Dissolução como Método*. Revista Entre Livros, 2006.

<sup>63</sup> A censura no Antigo Regime era muita intensa para com os livros licenciosos. Ela era dividida em várias classes: teologia, medicina e Belas Letras. Quando apreendia-se um lote de livros proibidos, estes eram enviados a Bastilha para que fossem postos no pilão na presença do Tenente General de polícia. Ver *A censura sob o Antigo Regime*, in Alexandrian, P.174, 1993.

<sup>64</sup> Para uma análise mais detalhada ver Certeau *ESTRATÉGIAS E TÁTICAS*, IN *A INVENÇÃO DO COTIDIANO*. 2005, p.97.

O crítico literário Alfredo Bosi, em sua obra *Literatura E Resistência*, tem uma definição mais apurada sobre esse conceito:

Resistência é um conceito originariamente ético, e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia. A arte assim teria a ver com as potências do conhecimento: imaginação, percepção, e memória (BOSI, 2002, p.118).

Nesse caso, a resistência em Sade se deu com as potências que fizeram de sua escrita, uma estética secular, mais precisamente encontrada no “Século das Luzes” .

Em 1785, O mundo não era mais teocêntrico, as transformações no âmbito da técnica e do progresso varriam a França por completo. O século XVIII foi uma viragem da história dos tempos modernos. A exceção da Inglaterra e da Holanda, o feudalismo reinava em quase toda a Europa, o poderio das monarquias absolutas parecia ainda indestrutível, mas um certo número de indícios seguros pressagiavam a sua queda próxima.

Além de um extremo a outro do continente europeu, e mesmo bem longe dos seus limites, no Novo Mundo, na América, viam-se estourar intensas lutas sociais durante todo esse século, e mais particularmente no curso da sua segunda metade: “revoltas camponesas, motins plebeus, guerras de emancipação nacional” (MANFRED, 1976, p.09). Esse novo século, agora sob a influência do iluminismo ocasionará a decomposição do sistema feudal, acelerando assim a crise do Antigo Regime, e abrindo as portas para a revolução em 1789.

Os pensadores da época começavam a se afastarem dos imperativos calcados nas “verdades celestes”, não reconhecendo nenhuma autoridade no plano exterior, e mesmo que timidamente em seu espaço: “ não há nada contra mim há não ser leis que desafio” (SADE, 2009, p.30).

A religião, a sociedade, os costumes, a moral, a ordem como um todo era sinônimo das críticas mais implacáveis: “tudo era citado no tribunal da Razão” (LABROUSSE, 1968, p.170). Filósofos, economistas, homens de letras difundiam suas idéias calcadas nos imperativos do progresso, defendendo de forma intensa o esclarecimento. Esses pensadores, assim como os demais libertinos possuíam adversários “terríveis”, como as “sombras” do ideário judaico- cristão:

Como é que Adão, um ser finito, poderia fazer a Deus uma injúria infinita? 'Como acreditar que o gênero humano, na sua totalidade, seja culpado do erro do primeiro homem?' Assim, os filósofos troçavam dos livros Santos, das suas histórias bizarras e incompreensíveis (LABROUSSE, 1968, p.90).

A incredulidade assim, se espalhará por toda a França na época da produção do romance *Os 120 Dias de Sodoma*. O ateísmo declarado ainda poderia ser raro, mais entre os eruditos, escritores e cavalheiros que regiam as modas intelectuais do século XVIII, "o cristianismo franco ainda era mais raro. Se havia uma religião que florescia entre a elite, esta era a maçonaria racionalista, iluminista e anticlerical (HOBASBAWM, 2005, p. 304).

Os bufarinheiros <sup>65</sup> forneciam manuscritos e livros anticlericais a nobres, burgueses e mesmo a eclesiásticos. A igreja católica assim enfraquecia, e a sua resistência já vinha diminuindo por conta da intervenção do Estado absolutista e de suas divisões internas. Em toda parte da França, reis, príncipes e nobres haviam sido encarregados de nomear Bispos, Arcebispos e Abades, reforçando ainda mais o poder do Estado sobre o clero. Tudo isso, (a secularização, o progresso, a disseminação dos saberes) abrirá caminho para uma crítica ácida dos pensadores frente aos costumes da época, costumes esses calcados nas normas de civilidade cortês, que no contexto de Sade serviram como regras para assegurar "a formação do bom cidadão". É exatamente nesse período histórico que o Estado absolutista francês definirá para seus súditos novas formas de viver e preservar a existência privada calcadas nos "bons costumes" e nas normas de civilização. No que tange, por exemplo, as relações ligadas ao matrimônio, "o sexo dos conjugues era sobrecarregado de regras e recomendações. A relação matrimonial era o foco mais intenso das constrações" (FOUCAULT, 2002, p.38).

Sade conhecia bem esses costumes normativos, tanto que foi vitimado por não cumpri-los a risca. Assim, elaborando formas alternativas de vida dentro da Bastilha, como a escrita, por exemplo, o marquês prepara um contra-poder, elaborando nas páginas de seu *120 Dias de Sodoma* estratégias de fuga diferente do discurso social que o enclausurou. Ele não se limitou simplesmente em receber imagens transmitidas pela ordem monárquica. Ao contrário, resistiu de forma

---

<sup>65</sup> Comerciante de livros da França setecentista

agressiva, transformando os conteúdos do material á sua disposição <sup>66</sup>em uma visão radicalmente não- cristã de mundo.

Em uma imagem destacada na obra, o Duque libertino reflete sobre a idéia de virtuosidade, execrando esse sentimento tão apreciado no século XVIII pela aristocracia e pelo clero:

Deram-me a conhecer o vazio e o nada da virtude: odeio-a e ninguém nunca me verá voltar a ela. Convenceram-me que apenas o vício podia inspirar nos homens essa vibração moral e física fonte das mais deliciosas volúpias; a ele me entrego (SADE, 2009, p.21).

Na sociedade aristocrata francesa, as normas de comportamento, além de serem difundidas pelo Estado, encontravam também no clero um suporte poderoso no que diz respeito a disseminação do controle mediante os discursos acerca da virtude. Os círculos eclesiásticos assim se tornarão divulgadores dos costumes da corte, controlando as emoções e disciplinando os comportamentos como um todo, “apresentando afinidades com tendências particulares no comportamento eclesiástico tradicional” (ELIAS, 1998, p.111).

Desse modo, ganhará relevância o estatuto de “família”, onde os membros que a compõe buscarão sempre a preservação de sua honra como um elemento de purificação, um costume a ser seguido. A família no Antigo Regime estava longe de ser uma instituição onde reinava o afeto. Ao contrário, para todos que a compunham, ela era um lugar de dominação e castigo, onde prevalecia a estrita disciplina do chefe de família, o qual “assegurava a coesão indispensável à salvaguarda da sua honra” (CASTAN, 2009, p.4001). Como tática e fuga desse lugar social, Sade explana a face da mulher que recusa esse poder calcado na honra. Através da personagem Duclos, o escritor expressa sua insubmissão:

Quanto a mim, fica sabendo que sou tão puta agora que não há confissão, nem padre, nem admoestação que possam me tirar do vício. (...) mostraria a bunda nas calçadas com tanta tranqüilidade quanto beberia um copo de vinho (SADE, 2009, p.88)

Temos assim a resistência feminina contra os imperativos morais do Antigo Regime. A mulher, na época em que Sade produziu suas obras, deveria assumir a imagem de mãe e esposa, arraigada pela igreja e conseqüentemente pela

---

<sup>66</sup> Livros de Voltaire, Diderot, Epicuro e Lucrécio. Escondidos em objetos como seu colchão.

sociedade civil. A exigência da honra, da fidelidade, e da reputação corroborava muito para isso.

Ao longo dos séculos XVII e XVIII se intensificará na França um modelo da devoção feminina, no qual as mulheres deveriam viver de forma intensa “as grandes verdades da cristandade” (CASTAN, 2009, p.413). Desse modo, influenciadas muitas vezes pelos conventos e acima de tudo pelo seu confessor,<sup>67</sup> elas realizavam vários retiros religiosos pelas cidades.

Tem-se assim, ao longo desse século, a emergência de um projeto civilizacional que tendia conduzir o indivíduo as normas calcadas na moralidade ascética do cristianismo. O corpo perderia sua característica pulsante onde reinava o desejo animalesco para sucumbir aos valores celestiais de uma lógica supra - lunar calcada na disciplina.

Sade assim, em sua cela na Bastilha constrói um enredo minucioso, apontando de forma crua, a rebeldia daqueles sujeitos que escaparam a essas normas de regularização. Na medida em que observamos a posição de revolta de seus personagens libertinos, tomamos a consciência de sua oposição perante as diversas prisões a que esteve submetido.

A sua resistência se acentua na medida em que desnuda e dissemina na sua pena os costumes perpetrados no setor privado, onde a mão “cuidadosa” da moral real ou burguesa ainda não tinha tocado. Desse modo, no Castelo, utopia e metáfora do setor privado, longe da civilização, longe de Deus e de tudo, uma das mulheres narra um cena orgiaca:

Um homem muito jovem e de rosto muito lindo teve a fantasia de lambe-me a boceta. Fiquei deitada de bruços, com as coxas abertas; ele, de joelhos diante de mim, chupou-a levantando meus quadris com suas mãos para melhor colocar a cona ao seu alcance. Engoliu a cona e o sangue (...). Ele se masturbou, estava no sétimo céu, parecia que nada no mundo podia lhe dar tanto prazer (SADE, 2009, p.131).

Observa-se nessa passagem indivíduos que não sentem o menor pudor ao comentar suas atitudes íntimas. Na época de Sade, tudo aquilo que se referia ao sexo deveria ser escondido ou tirado de cena. Na sociedade aristocrata cortesã, a

---

<sup>67</sup> Tem-se um caso de uma esposa de um cirurgião de Toulouse que em 1750 organiza refeições com casais amigos com o intuito de conduzi-los à igreja Ver *Famílias O Privado contra o Costume. História da Vida Privada V3. Da Renascença ao Século das Luzes*, Companhia das Letras, P.415.

“vida sexual dos sujeitos era mais passível de interdição do que na Idade Média” (ELIAS, 1998, p.178), isso porque, com o absolutismo monárquico os controles ganharam mais intensidade sobre os corpos dos súditos. Associam-se a isso, modalidades como o casamento monogâmico, uma instituição reguladora das relações no ocidente.

Destarte, teremos em todo o século XVIII uma disseminação discursiva por parte do clero reforçando essa cerimônia, como lembra Norbert Elias:

A igreja lutou desde cedo pelo casamento monogâmico. Mas o casamento assume essa forma rigorosa como instituição obrigatória para ambos os sexos apenas em um estágio posterior quando os impulsos e ardores caíam sob controle mais firme e estrito (ELIAS, 1998, p. 182).

Ao lado desse processo regulador, temos ainda no referido espaço de tempo o dispositivo da higiene como regra a ser seguida. Porém, Sade caminhará na contracorrente desse poder: “se a sujeira agrada no ato da lubricidade, quanto mais sórdido esse for, mas agradará” (SADE, 2009, p.99).

A partir de agora, com o aparecimento das novas técnicas de disciplina do corpo, como o banho, por exemplo, a limpeza assumirá um dos requisitos da norma clássica. Em 1750, a água se tornará o indicio das novas distinções sociais na sociedade francesa. A higiene assim reabilita a intimidade corporal e legitima uma melhor utilização dos recursos orgânicos.

Disseminada pela medicina e introduzida nas escolas, logo esse dispositivo “ganhará destaque na forma de controle coletivo dos comportamentos” (REVEL, 2009, p.192). A higiene assim, no século XVIII, ocasionará novas sensibilidades no modo de viver:

Ainda que não se fale a respeito, ainda que esteja excluída das esferas da civilidade, sua gestão no dia-a-dia requer técnicas específicas, uma atenção própria, enfim, uma nova sensibilidade que, em meados do século XVIII, permitirá novas ideais sobre a água e a higiene. ‘A norma criou este espaço’(REVEL, 2009, p.193).

A norma agora conclama os Ideais de pureza como elementos para a formação de um “novo homem”. Com a ascensão da burguesia na modernidade, os valores calcados na virtude e no pudor ganharão destaque em todo período clássico. A aristocracia passa então por um processo de acultramento, internalizando alguns

valores da classe emergente<sup>68</sup>. Encontramos regras de limpeza como “assoar o nariz,” “portar-se bem na mesa”, “não arrotar”, “despir-se em sigilo”. Em contrapartida, nem todos esses fatores de civilidade serão aceitos. Numa das aventuras praticadas por uma de suas personagens, Sade enuncia a existência de pessoas que fugiam desse modelo imposto. A “voluptuosa” que habitava num bordel em Paris, explana o gosto de alguns pela sujeira:

Havia mais de seis semanas que a Guérin proibia minha irmã que se lavasse e exigia que ela, pelo contrário, se mantivesse no estágio mais sujo e mais impuro que lhe fosse possível, sem que adivinhássemos seus motivos, quando, finalmente chegou um velho devasso cheio de espinhas que, parecendo meio bêbado, perguntou grosseiramente a Guérin se ‘a puta estava bem suja’ (SADE, 2009, 116)

Sade, de tal modo, transporta o leitor para os locais discretos, as chamadas “alcovas”, lugares fechados, isolados do setor público, onde a pudicícia não tinha abarcado por completo. Nesse sentido, é através desse desnudamento, da vontade de falar, de dar voz a seus “devassos” que o escritor consegue escapar das regras que lhe foram impostas por mais de trinta anos.

Foi em sua cela na Bastilha redigindo *Os 120 Dias de Sodoma* – e as demais obras-, que ele pôde através de um processo de insubmissão como a leitura e a escrita fazer falar a linguagem do desejo: “foi a literatura por seu caráter ilimitado, que possibilitou ao marquês conceber esse nível de soberania, esse extremo de poder que ultrapassa os limites do possível” (MORAES, 2006, p. 50).

O que chamará também a atenção é que as páginas contidas nessa obra “perversa” revelam aspectos paradoxais no que diz respeito a alguns sujeitos que fazem parte das cenas lúbricas no castelo de Silling. Sade aponta a dissolução dos costumes por membros que até então os condenavam: o clero e a nobreza.

São relatos incansáveis de membros religiosos e figuras da aristocracia que cometem os “crimes” mais condenáveis para a época: abades bêbados e “pedófilos”, elementos da nobreza “assassinos” e “inescrupulosos”, mulheres pseudo devotas, Bispos “profanadores”, marqueses ateus e “impiedosos” Tudo vem a coincidir com o enfraquecimento da religião cristã em meados do século XVIII.

---

<sup>68</sup>“NA Igreja, nas casas dos grandes, em todos os lugares, onde reina a limpeza, você deve escarrar no lenço”. Discurso escrito num manual de “bons costumes” em 1774. Ver *O Processo Civilizador* V1, Elias, 1998,

A indiferença religiosa, exceto para a classe camponesa, atingiu vários setores na França pré-revolucionária. Os homens polidos e instruídos podiam em tese acreditarem em algo supra- lunar, embora esse ser não tivesse qualquer função. Seus pontos de vista em relação a religião tradicional eram de desprezo e freqüentemente marcados por hostilidades, “quase mesmo que se estivessem prontos a se declararem francamente ateus” (HOBSBAWM, 2005, p.304).

Nesse espaço de desconfiança do sagrado, os religiosos, assim como uma parcela de burgueses e nobres, também sentirão a forte influência da corrente materialista calcada na “religião natural”:

Destarte, muitos eclesiásticos deixaram-se conquistar pelas novas idéias e são mais ou menos abertamente deístas e por vezes ateus (...) os pregadores já não falavam no dogma e refugiavam-se no campo de uma moral vaga (LABROUSSE, 1968, p. 92).

Esta difundida descristianização dos “homens instruídos” data do final do século XVII e principio do século XVIII, trazendo contudo efeitos positivos, como o “retardamento dos julgamentos de bruxaria, que vinham sendo a praga da Europa ocidental durante vários séculos (HOBSBAWM, 2005, p.305).

As associações do ateísmo eram feitas com os aristocratas pertencentes às sociedades dos nobres. E, no entanto, os primeiros pensadores realmente livres, os chamados “libertinos”, da metade do século XVII, viriam de acordo com a conotação popular desse nome.

A característica mais precisa dessa decisiva ideologia sobre a religiosa no ocidente é também o seu mais importante resultado. Com o aparecimento dos movimentos revolucionários nos Estados Unidos em 1777 e na França em 1789 as principais transformações políticas e sociais foram secularizadas. Nesse sentido, pela primeira vez na Europa o cristianismo foi deixado de lado. Os costumes e a linguagem que antecederam a época revolucionária são perfeitamente anti- cristãs, se considerarmos alguns esforços populares para a criação de cultos a santos e mártires.

Assim sendo, o materialismo naturalista do período clássico que imbuíu a revolução de um pensamento agnóstico teve em representantes da igreja um

acolhimento considerável<sup>69</sup>. Os costumes dos religiosos se modificarão com a secularização do mundo moderno, levando esses indivíduos a adotarem novas tendências culturais no que se referem ao desejo. Sendo o mundo agora matéria, algo natural, distante daquela concepção teológica de um universo regido por um Ser Superior, certas formas de moralidade serão assim execradas. Sade descrevendo um dos personagens religiosos que habita o castelo das orgias, aponta algumas de suas atitudes:

Esse era o Bispo de... A negrura na alma era a mesma, assim como o pendor para o crime, o desprezo pela religião, o ateísmo, a velhacaria (...). Idolatra da sodomia ativa e passiva, passava a vida sendo enrabado a esse prazer (SADE, 2009, p.24).

Assim, abriam-se as portas para novas modalidades de costumes. Os homens do século XVIII, mesmo se tratando de religiosos, viam a cada dia dissiparem-se como nuvens os imperiosos morais dos ritos sacramentados. Porém, não podemos deixar de focar as variadas sanções e policiamentos a que estavam sujeitos os novos costumes que ali emergiam. Em 1757, por exemplo, instituiu-se na França um novo código policial<sup>70</sup> que tinha por objetivo “restaurar a ordem pública”. Esse Interesse público assumirá a idéia de “civilização”, que permitirá a nação “viver segundo os costumes refinados e racionais”.

Na época, a noção de civilidade estava muito próxima da idéia de polidez, gentileza e civilidade. Norbert Elias define bem esse sentido: “civilizado era como ‘cultivado’, ‘polido’, ou ‘refinado’” (ELIAS, 1998, p.150). Termos advindos da corte francesa para estipular uma especialidade de seu comportamento, tentando com isso contrapor o “alto nível” de seus costumes e de seu modo de vida ao dos homens “comuns”.

No castelo de Siiling, portanto, zona periférica, longe da civilização, os sujeitos que lá se encontram manifestam um total repúdio, uma indiferença e uma misantropia frente a essa virtuosidade. Distantes do poder real e familiar, os libertinos se entregam as mais variadas “extravagâncias” em nome do desejo. Não

---

<sup>69</sup> Vale salientar que um dos primeiros ateus declarados foi o abade Jean Meslier(1664-1729). Escreveu uma obra intitulada *Testamento* na qual denuncia a “hipocrisia”, a “mentira”, e o “espírito reacionário” da igreja. Declarou que “não cria em Deus nem na imortalidade da alma.” Ver *O Século das Luzes*, in *A Revolução Francesa*, Manfred, 1976,P.56.

<sup>70</sup> Código de Dalamare, criado em 1757. Ver *A Honra, necessidade Privada e Pública in História Da Vida Privada: v.3. Da Renascença Ao Século das Luzes*, 2009, P.579

há Rei, a polícia não chegará, a família está distante e também não existe Deus. Ao contrário, “o nome de Deus nunca será pronunciado, a não ser acompanhado por invectivas” (SADE, 2009, p.58)

Sendo assim, Sade expõe mais uma vez a resistência de seus personagens:

O salão será singularmente aquecido por lustres. Nele, todos estarão nus: esposas, narradoras, mocinhos, mocinhas, fodedores, amigos. Todos misturados, esticados em almofadas, no chão, e, a exemplo dos animais, se mesclarão, cometerão incesto, adultério, sodomia, e, excetuando as deflorações, entregar-se-ão a todos os excessos e a todas as devassidões que melhor possam inflamar suas cabeças (SADE, 2009, p.57).

Encontramos na pena do escritor a representação de pessoas que no século de Sade se negavam a ser codificados pelos dispositivos higienistas. Frisando novamente, em 1785, ano da produção dos *120 Dias de Sodoma*, a Europa é atingida por um procedimento racional, onde tudo que parecia “bárbaro”, “violento” ou “irracional”, deveria “refinar-se ou desaparecer” (FARGE, 2009, p.

A família real assim internaliza o discurso da moral e do sonho civilizacional do século XVIII, fazendo com que o refinamento dos costumes coincida com o “bem estar de todos”, sem alterar a ordem das coisas. Desse modo, dava-se agora um salto para “o grande sonho burguês de uma cidade onde imperava a síntese autoritária da natureza e da virtude” (FOUCAULT, 2002, p.79).

Porém, nas alcovas privadas observa-se a negação das virtudes calcadas nos costumes racionais e refinados. A narradora Duclois, uma cortesão que habita o castelo de Siilling juntamente com os demais libertinos, comenta suas experiências “dissolutas”. Uma delas se deu com um monge Beneditino:

Depois de esse bom padre masturbar a boceta com sua língua e chupar bem a boca, era preciso açoitá-lo de leve com varas, apenas no pau e nos colhões, e ele esportava sem ficar de pau duro, apenas pela esfregação, pela aplicação das varas naquelas partes. Seu maior prazer então consistia em ver a moça pular no ar com as pontas das varas as gotas de porra que saíam de seu pau (SADE, 2009, p. 2002)

A passagem acima ganha além de uma resistência aos “costumes refinados”, um tom de denúncia na medida em que Sade desnuda a hipocrisia do clero secular, mais preocupado com os “valores terrenos”, como a “luxúria” do que

com os sentimentos “eternos” dos ritos sagrados. É sabido então porque a obra foi e é ainda tão condenada. Crianças, jovens, mulheres, são “deflorados” por membros da igreja, onde a doutrina cristã não atendia mais aos anseios, devido às mudanças nos costumes trazidas pelo “Século das Luzes”.

Nesse sentido, o período da existência de Sade foi varrido por uma onda secular, na qual os “homens eruditos” como ele podiam compreender e solucionar seus problemas longe das tendências “obscurantistas” do tradicionalismo das religiões. Em outras palavras, para alguns nobres e eclesiásticos instruídos, o mundo humano agora estava formado de átomos individuais com certas paixões e necessidades, onde cada um buscava aumentar suas satisfações e seus prazeres. Portanto, “cada homem era possuído de vida, liberdade e busca de felicidade” (HOBASBAWM, 2005, 327).

A aristocracia e alguns setores libertários da igreja aliavam a si o materialismo como um antídoto contra os “medos” e as “superstições”, desprezando assim os costumes arcaicos trazidos pela Contra- Reforma. A prostituta sadiana ao narrar mais histórias acerca dos “costumes desregrados” em Paris, chama a atenção de um gosto um tanto que “macabro”:

Sabeis que em Paris, costumam expor os mortos nas portas das casas. Havia um homem da sociedade que me pagava doze francos por cada um desses aparatos lúgubres em que consegui-se levá-lo de noite. Sua volúpia consistia em ficar o mais próximo possível, na beira mesma do caixão, de preferência, e lá, eu devia masturbá-lo, de modo a que sua porra ejaculasse no caixão (SADE, 2009, p.240).

No primeiro momento a passagem é encarada como algo “bizarro”, fruto da imaginação de um escritor. Mas como esquecer a paixão de Sade pela história? Ora, não define ele como “historiadoras” as quatro prostitutas que relatam as 150 paixões a partir de experiências nos bordéis parisienses? É como se não pudessemos aceitar “que o ‘inconcebível’ da literatura tivesse seu ponto de partida na historia” (MORAES, 2006, p.96).

Seja como for, a história dos libertinos setecentistas prova que não foi Sade quem introduziu a crueldade na libertinagem<sup>71</sup>.Reforçando ainda essa idéia na qual ele não foi o precursor da “bizarria” e menos ainda que sua obra esteja apenas

---

<sup>71</sup> Pierre Guiral dirá que o século XVIII foi um “século de crueldades” ao traçar algumas semelhanças entre os “gostos bizarros” de Sade e do marquês de Antonele. Ver MORAES, *Um Libertino No Salão dos Filósofos*, 2006, P, 96

pautada no “delírio imaginativo”, um cronista francês do século XVIII comenta uma atitude quase análoga com a descrita acima:

O Duque e seus companheiros entram num velório levando garrafas e copos; conversam com o morto, convidando-o a beber com eles; chega o padre, os libertinos fazem acompanhar o cortejo cantando obscenidades; os padres protestam, os devassos cobrem-nos de injúrias e entram à força na igreja (GAXOTE apud MORAES, 2006, p. 93).

Por isso, quando se afirma que os libertinos de costume são personagens do século XVIII, isso significa que nesse momento um tipo de conduta não só adquire visibilidade social, mas também constituem um grupo reconhecido por caracteres particulares: “desafio a moral e a religião, desprezo pelos preconceitos vulgares e prática de atos cureis, principalmente a violência sexual” (MORAES, 2006, p.92).

Assim, muitas vezes confundidos com os pensadores acadêmicos do iluminismo, os libertinos assumem uma singularidade na medida em que levam a razão ao extremo, ou seja, aos limites da imoralidade e do “erro”, tanto que a medicina da época demarcará um lugar para o portador dessa conduta, colocando-a ao lado do “delírio” e do “excesso”.<sup>72</sup>

A blasfêmia então, enquanto “palavra violenta”, suscitará interditos na era clássica, pela Contra - Reforma através da noção de pecado e anexada à loucura pelo racionalismo. Com isso, observamos o paradoxo de um pensamento que conclamava a liberdade, como foi o racionalismo iluminista. Observaremos mais tarde uma cisão nas esferas desses dois pensamentos. O iluminismo com seu projeto pedagógico se perpetuará pelo mundo europeu, enquanto a libertinagem de Sade e de outros como ele assumirá as figuras do “inumano” dentro dos muros da Razão, como lembra Foucault:

Na segunda metade do século XVIII, começa-se a denunciar um novo relacionamento onde a descrença toma o lugar de uma vida de licenciosidades. E é em nome destas que se deve condenar (...). A crença mais do que nunca é um elemento da ordem, o que, significa que se zela por ela (FOUCAULT, 2002, p.99)

---

<sup>72</sup> Para uma análise mais precisa ver Foucault, *O mundo Correccional, in História da Loucura na Idade Clássica, 2002. Perspectiva.*

Destarte, no Antigo Regime francês<sup>73</sup>, os costumes do internamento trairão consigo todas as categorias da profanação. O ateísmo declarado e o afronto violento aos ritos sagrados terão sua existência apenas num terreno distante da sociedade, como as alcovas, ou prisões como a Bastilha e Hospícios como Charenton. Num dos cárceres franceses do século XVIII encontra-se registros como esse, de

Homens furiosos e sem nenhuma religião que não vão à missa e não cumprem nenhum dos deveres cristãos, que invoca o santo nome de Deus em imprecações, dizendo que não existe um Deus, mas que se existisse investiria contra ele de espada na mão (ARSENAL apud FOUCAULT, 2002, p.93)

Esse é um dos grandes equívocos do mundo dessacralizado da modernidade, onde as palavras “injuriosas” contra as divindades eram passíveis de interdição entre as instituições do poder real. Nesse sentido, o monarca na França absolutista, governava sob o “direito divino”, tendo que abarcar em si todo um aparato estético que simbolizasse o cristianismo. O ataque nominável e violento do ateísmo representava então uma ameaça aos alicerces da monarquia, pois “os libertinos constituíam a mesma ameaça que os libelles e a polícia precisava reconhecer o perigo sob ambas as formas” (DARNTON, 2001, p.78).

Associa-se ainda a esse aparato estatal, o fato de que, sentindo a secularização beirar a desordem, a Contra Reforma retomará alguns rigores tradicionais pautados nos castigos corporais: “entre 1617 a 1649, na França, houve 34 execuções por causa de blasfêmias” (FOUCAULT, 2002, P.93).

No castelo da “devassidão”, portanto, os libertinos de Sade desconhecem o medo, seja este originado dos aparelhos de poder monárquicos ou religiosos. Longe das regras civilizacionais aristocratas, crianças, prostitutas, padres, pessoas comuns, carregam consigo o desejo corporal calcado nos prazeres da carne e nos atos de profanação e ateísmo. Assim como a escrita de Sade, os costumes no castelo são livres, distantes das disciplinas coercivas e normativas da sociedade parisiense. As orgias agora assumem a característica do “delírio”, mesclando-se impiedades e “devassidão”. Sade narra uma das passagens finais de sua obra:

O Duque fode putas no altar, no momento em que vai dizer a missa; elas têm a bunda nua sobre a pedra sagrada. Ele manda uma moça nua montar a cavalo sobre um grande

---

<sup>73</sup> Aqui se referindo à época que Sade redige *Os 120 Dias de Sodoma* (1785).

crucifixo; ele fode sua boceta de quatro, nessa atitude, e de modo que a cabeça do Cristo masturbe o clitóris da puta (SADE, 2009, p.298).

Temos deste modo uma linguagem que difere do academicismo representado pelos pensadores iluministas. Nos instauradores da democracia moderna, como Rousseau, por exemplo, o pensamento está diretamente atrelado com a moral. Nesse sentido, os costumes calcados nas normas de polidez serão instaurados na França, o que levará mais tarde a adoção dos revolucionários a certos princípios depois dos acontecimentos de 1789. Em uma de suas Reflexões, Rousseau chama a atenção para a adoção de algumas normas domésticas:

Embora os domésticos tenham uma mesma mesa, há, aliás, pouca comunicação entre os sexos. Isto é de grande importância... As relações íntimas entre os dois sexos produzem apenas males. Para impedir entre os dois sexos uma familiaridade perigosa, não aos aborrecem com leis positivas que seriam tentados a infringir em segredo. (ROUSSEAU, 1976, p.243)

A iluminação assim delimitará um lugar para as transgressões que fugiam da ordem. A racionalidade das Luzes que ajudou a degolar o rei, instaurando uma nova concepção de mundo agnóstico, não conseguiu esconder uma virtuosidade que nela estava embutida. Nesse lugar contraditório, onde mais tarde será instaurada uma falsa democracia, o sexo e o ateísmo desmedido deveriam ser ocultados<sup>74</sup>, juntamente com os “provocadores” que deles faziam parte. Nesse sentido, podemos de certa forma questionar as diferenças entre arte e racionalidade. Na arte, como a literatura, o artista que escreve tenta romper as barreiras fazendo da vida uma arte, enquanto o filósofo acadêmico e formatado, “não é meramente um artista, que se ocupa de concepções, mas um doador de lei, que legisla para a razão humana (BAUMAN, 2009, p.29).

A libertinagem e a iluminação foram contemporâneas e quase parecidas no século XVIII, mas sem se confundirem. A cisão causada pelo internamento “tornou sua comunicação difícil” (FOUCAULT, 2002, p.101).

Nesse sentido, o pensamento de Sade e dos demais libertinos que tinha uma peculiaridade diferente no pensar, ou seja, o escritor que não atendesse aos

---

<sup>74</sup> A repressão a literatura erótica veio do fato de que a libertinagem misturou considerações anti-religiosas a descrições pornográficas. Como a libertinagem corria o risco de degenerar em ateísmo decidiu-se proibir os escritos que incitavam os prazeres libertinos a fim de prevenir um mal maior. Ver Alexandrian. *Defesa e Ilustração No Século XVIII in: História Da Literatura Erótica*, 1993, P.129, Rocco.

interesses do absolutismo francês ou aos asseios dos virtuosos jacobinos durante a Revolução Francesa, estavam fadados a viverem uma existência obscura, pelo fato de designarem não um livre pensamento, mais de irem além dele. Eles levarão os costumes distantes dos refinamentos que ali emergiam, fazendo assim uma apologia as mais diferentes paixões, como as descritas por Sade nos *120 Dias de Sodoma*.

Torturado no corpo e na alma pela mais completa solidão que se possa suportar, perseguido pelo regime da Bastilha, cuja disciplina Draconiana<sup>75</sup> “não tinha igual na França”, “escorraçado” pela injustiça do dispositivo monárquico, o escritor francês deixou sua pena transbordar, colocando nos rolos de papéis escondidos em sua cela sua resistência ao poder, seja num tom de desnudamento e denúncia, ou de crítica aos costumes de sua época por meio de seus personagens libertinos.

A literatura assim assume o lugar de testemunho, onde o sujeito que se encontra no limite, sente a necessidade de opor a sua vontade contra as forças do exterior. Quase como Menocchio<sup>76</sup>, só que em outra conjuntura histórica, Sade, através de uma bibliografia ocultada, conseguiu expressar uma visão de mundo totalmente anti- cristã e diferente dos costumes refinados que foram impostos às pessoas do seu tempo.

---

<sup>75</sup> Termo relativo a Drácon, legislador ateniense marcado pela severidade.

<sup>76</sup> Moleiro italiano acusado de heresia no século XVI. Ver Ginzburg, *O Queijo E Os Vermes: O Cotidiano e As Idéias de Um Moleiro Perseguido Pela Inquisição*, Companhia das Letras, 2005.

## CONCLUSÃO

Ao longo de nosso trabalho, procuramos problematizar a existência conflituosa desse sujeito que no limiar do século XVIII recebeu as mais variadas identificações: o Marques de Sade. Nosso intuito não se limitou na produção de mais uma biografia referente a esse escritor francês, mesmo porque, em todo século XX e nos dias de hoje encontra-se um bibliografia fecunda sobre o mesmo.

A nossa perspectiva, porém, se concentrou em colocar esse “homem infame” sob a ótica do conflito, das tensões sociais e históricas que demarcaram seus estigmas sobre a carne do “filósofo libertino”.

Buscamos desde a sua infância, conduzir o leitor aos caminhos dos regimes coercitivos do século XVIII (como o convento e a prisão). Nesse contexto histórico, era comum, os filhos da aristocracia serem submetidos aos rigores dessa instituição religiosa. Viu-se então, uma infância castrada pelos “agenciadores da alma” (SADE, 2001), como os padres da Contra-Reforma, que mesmo tendo seu poder limitado pela já disseminada secularização que varria a Europa, retomaram as disciplinas e os castigos corporais da Idade Média.

Sade assim estava fincado em um espaço onde reinava toda uma arte da governamentalidade, cujas características se davam na tentativa de conduzir os indivíduos às normas de regularização. O casamento, por exemplo, a que Sade esteve submetido, seguia um desses imperativos. Deste modo, foi focalizado, como nessa conjuntura histórica essa cerimônia aliava a si um determinado valor, pois sua união sacra assegurava a honra das famílias contra os conflitos ligados a sexualidade transgressora. Em contrapartida, Sade sempre se revelou como um pensador imbuído de discursos formados acerca de diversos sistemas morais, mesmo estando preso, buscando sempre um ponto de fuga. Para tanto, sofreu a influência da corrente materialista que se instaurou com virulência no século XVIII, proclamando a racionalidade como força que rege o ser humano. Será em seguida vitimado também por essa racionalidade virtuosa, que tinha em Rousseau um de seus maiores representantes, juntamente com os revolucionários que fizeram correr rios de sangue durante a era do Terror.

A experiência de trabalhar com um escritor contraditório e perturbador como Sade faz abrir um leque fecundo quando nos deparamos com as contradições do seu século por exemplo. Tem-se de um lado uma confiança no humanismo, uma

disseminação discursiva em prol do progresso e da técnica, aliado a um libertarismo no campo das idéias. Viu-se também o destronamento do soberano, os limites da religião e a partida para a democracia, na esperança da igualdade, da liberdade e da fraternidade.

Mas por trás dessas esferas, escondiam-se contradições que nos levaram a inquietude na medida em que observamos vidas singulares e errantes serem asfixiadas pelo fato de, munidos desse mesmo pensamento citado acima, alargarem em nome dele os seus impulsos mais íntimos. Esse foi o destino de Sade; primeiro jogado nos calabouços fétidos do Antigo Regime, como as prisões de Vincennes e da Bastilha por não seguir a risca os costumes refinados que emergiam em seu país naquele instante.

Como foi focado o tema referente a racionalidade, vale colocar aqui em evidência a clausura de Sade sob a vigilância dos herdeiros dos iluministas, como os alienista do final do século XVIII, que, a exemplo de Pinel, redigiram inúmeros compêndios sobre o fenômeno do “delírio”. Observamos então, mudanças na esfera dos dois períodos em que o marquês foi detido. Se no Antigo Regime seu corpo foi matizado pelo poder real em nome da “honra das famílias”, na modernidade com o advento dos saberes e de um novo olhar que individualiza e define a loucura como “doença mental”, a razão levará Sade ao território do confronto, como o Hospício de Charenton. Nesse momento, a medicina implantada na França, no começo do século XIX sob a tutela do Imperador Napoleão Bonaparte, produzirá outra “verdade”, definindo o escritor agora como louco.

Notou-se então, que foi uma medicina que se apoiou em categorias morais para definir a verdade de uma patologia, que segundo Foucault, “era uma ciência feita de esquivas já que na incapacidade ou recusa de falar do próprio sexo referia-se, sobretudo às suas ‘aberrações’, ‘perversões’ e ‘extravagâncias’(FOUCAULT, 2003, p.52).

Ao longo desse percurso, buscamos não apenas focar as formas exaustivas dos poderes vampirizadores que tatuaram com seus interditos a carne de Sade. Percorremos os cárceres a que ele esteve submetido? Sim. Vimos suas queixas e angústias? Sim. Deixamos claro as tiranias totalitárias que lhe marcaram com ferro e fogo seu corpo, mas sem perder de vista suas potencialidades enquanto escritor, resistindo de dentro do poder, aquilo que lhe negaram fora: escrever.

Se como diz Certeau que “a leitura se liberta do solo que a determina” (CERTEAU, 2005), procuramos ao longo desse trabalho liberta-la do claustro, jogar com ela, contrapô-la aos imperativos normativos instaurados na França de Sade. Nesse sentido, alertando para a resistência desse escritor, observamos por meio de seus libertinos, formas corporais insubmissas, discursos permeados de revolta e recusas das normas civilizacionais. Vimos então, indivíduos livres das amarras, e nesse processo entendemos a desterritorialização do escritor, na medida em que fugia sempre, através de sua pena dos dispositivos de identificação e de classificação dos discursos que na modernidade instauraram os lemas dos “bons costumes”, para a criação de “um novo homem”.

Ainda alertando para o viés de nossa problemática, tomamos a conclusão em encarar o Marquês de Sade como um sujeito cuja característica emana uma certa singularidade frente aos acadêmicos que auxiliaram a fincar os preceitos que mais tarde eclodiriam nos movimentos revolucionários de 1789.

A razão técnica e “onipotente” do iluminismo representou um “horror” ao imaginário e ao mistério, execrando assim toda a diferença a fim de tudo dominar, como o próprio Terror, na Revolução Francesa.

Tem-se assim uma ambivalência, pois com o Iluminismo, tudo tinha que ser mostrado, tudo tinha que ser dito e iluminado. E por que não, tudo fazer? Tudo dizer sobre o sexo?

A Razão, portanto, que trouxe o progresso, trouxe também as disciplinas. Para responder as perguntas enunciadas acima referentes aos virtuosos revolucionários que trouxeram as Luzes junto com a democracia, recorreremos a Sade se referindo a eles: “Franceses, mais um esforço se quereis ser revolucionários”

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRESS, D. **O Terror Guerra Civil e Revolução Francesa**. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- ALEXANDRIAN. **A Censura no Antigo Regime**, in: **História Da Literatura Erótica**. Rio de Janeiro: Rocco 1993
- BAUMAN, Z. **Modernidade E Ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009
- BERRLIN, C. **O Processo de Sade**, in: **Os Grandes Julgamentos da História**. São Paulo, 1980. Oto Pierre Editores
- BOSI, A. **Narrativa E Resistência**, in: **Literatura e Resistência**. São Paulo, 2002, Companhia das Letras.
- BATAILLE, G. **O Erotismo**. Lisboa: Antígona, 1980
- BURCKHARDT, J. **A Cultura do Renascimento na Itália**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CAMUS, A. **O Homem Revoltado**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- CASTAN, N. **O Púbico e O Privado**, in: **História da Vida Privada v. 3 Da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005.
- DARNTON, R. **Um inspetor de Polícia Organiza Seus Arquivos: A Anatomia da Republica das Letras**, in: **O Grande Massacre de Gatos**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DESBORDES, J. **O Verdadeiro Rosto do Marquês de Sade**. Rio de Janeiro: Editora Vechi, 1968.
- DIDEROT, D. **A Religiosa**. São Paulo: Abril, 1980.
- DOSSE, F. **História do Estruturalismo v2**. São Paulo: Edusc, 2007
- DOSTOIÉVSKI, F. **Os Irmãos Karamazov**. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- ELIAS, N. **O Processo Civilizador**, Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1998.
- ENDORE, G. **Sade o Santo Diabólico**. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 1967.
- FABRE, D. **Famílias. O Privado E O Costume**. In: **História da Vida Privada v.3. Da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- FALCON, F. **Iluminismo**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

FARGE, A. **Famílias. A Honra e o Sigilo. História da Vida Privada v. 3. Da Renascença ao Século das Luzes.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995;

FERNANDES, C. **Análise de Discurso na Literatura.** São Paulo: Editora Clara Luz, 2009.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber.** Forense Universitária, 2005.

**Ditos E Escritos I. Problematização do sujeito.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

**Ditos E Escritos III. Estética: Literatura E Pintura, Música E Cinema.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

**História da Sexualidade v.1. A Vontade de Saber.** Rio de Janeiro: Graal, 2003.

**Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Graal, 2004.

**Os Anormais.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

**Vigiar e Punir.** Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

**História da Loucura.** São Paulo: Perspectiva, 2002.

GÉLIS, J. **A individualização da Criança, in: História da Vida Privada v.3 da Renascença ao Século das Luzes.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GIANNATTASIO, G. **Sade Um Anjo Negro da Modernidade.** São Paulo: Imaginário, 2000.

GINZBURG, C. **O Queijo E Os Vermes: O Cotidiano de Um Moleiro Perseguido pela Inquisição.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HOBBSAWM, E. **A Era das Revoluções.** São Paulo: Paz e Terra, 2005.

HUNT, I. **A invenção dos Direitos Humanos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

**Revolução Francesa e Vida Privada, in: História da Vida Privada v.4. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

KLOSSOWSKI, P. **Sade Meu Próximo.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

LABROUSSE, E. **O Século XVIII. O Último Século do Antigo Regime.** São Paulo, 1968.

MACHADO, R. **Foucault, A Filosofia E A Literatura.** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

MANFRED, A. **O Século das Luzes, in: A Revolução Francesa.** Lisboa: editora Arcádia, 1976

MARCUSE, E. **Eros e Civilização.** Rio de Janeiro: Zahar, 1947.

MORAES, E. **A Imaginação no Poder, in: Lições de Sade: Ensaio de Imaginação Libertina.** São Paulo: Iluminuras, 2006.

NIETZSCHE, F. **A Genealogia da Moral.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004

**O Anticristo.** São Paulo: Martin Claret, 2002.

NOVAES, A. **Por Que Tanta Libertinagem? In: Libertinos e Libertários:** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ONFRAY, M. **Tratado de Ateologia.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

PAULE, M. **Introdução À Historiografia.** São Paulo: Edusc, 2003.

PEIXOTO, F. **Sade Vida e Obra.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

REVEL, J. **Os Usos Da Civilidade, in: História Da Vida Privada v 3. Da Renascença Ao Século Das Luzes.** São Paulo: Companhia Das Letras 2009.

**Foucault Conceitos Essenciais.** São Paulo: Clara Luz Editora, 2010.

ROUANET, S.P. **As Razões do Iluminismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ROUSSEAU, JJ. **Julia Ou A Nova Heloisa, in Rousseau Vida e Obra.** São Paulo: Biblioteca do Pensamento Vivo, 1976.

SALIBA, E. **Pornografia E Revolução.** Rio de Janeiro: Revista Entre Livros, 2006.

SADE, D.A., **A Filosofia na Alcova.** São Paulo: Circulo do Livro, 1992.

**Cartas de Vincennes Um Libertino na Prisão.** Londrina: Eduel, 2009.

**Justine Os Sofrimentos da Virtude.** São Paulo: Circulo do Livro, 1992.

**Os 120 Dias de Sodoma** São Paulo: Iluminuras, 2008.

SARTRE, J.P. **O Existencialismo É Um Humanismo,** São Paulo: Editora Escala 1987.

SEVSCENKO, N. **A Literatura como Missão.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOLLERS, P. **Sade Contra O Ser Supremo.** São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

TROUSSON, R. **Romance e Libertinagem no Século XVIII na França. In: Libertinos e Libertários.** São Paulo, Companhia das Letras, 1996.